

REM

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Maria Otília Sebastião Ascenso

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

junho | 2022

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Maria Otília Sebastião Ascenso

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E
ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ORIENTAÇÃO
José Paulo Gomes Brazão



A Nossa Universidade

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação Mestrado em Educação

Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ano Letivo: 2021/2022

Maria Otilia Sebastião Ascenso

Relatório de Estágio apresentado à Universidade da Madeira para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor José Paulo Gomes Brazão

Funchal e UMa, junho de 2022

“Ensinar

é um exercício de imortalidade.

De alguma forma continuamos

a viver naqueles cujos olhos

aprenderam a ver o mundo

pela magia da nossa palavra.

O professor, assim, não morre jamais”

Rubem Alves

Agradecimentos

O meu primeiro agradecimento dirige-se para Deus, pois d'Ele recebi a vida e a sabedoria. Graças a Ele pude realizar esta formação sobre Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico Educação. Assim pude alcançar este grau de mestrado, que contou com muitas horas de estudo, dedicação e vontade constante de adquirir novos saberes.

Não poderia deixar de agradecer a todos os que, ao longo destes anos, colaboraram comigo para que fosse possível concluir esta formação, que me habilita para a docência do Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Agradeço à Congregação da Apresentação de Maria, da qual faço parte, à minha comunidade, que sempre me apoiaram e fizeram este investimento, para que eu pudesse concluir esta etapa da minha formação académica e assim poder colaborar mais e melhor na nossa obra de educação. Meu agradecimento também aos professores que colaboraram neste processo de aprendizagem.

Ao Professor Orientador, José Paulo Brazão, por toda a ajuda e pelo tempo que me dispensou, pelas sugestões e constante apoio na escrita deste relatório.

À Professora Maria José Camacho, à Professora Adérita Fernandes e à Professora Fernanda Gouveia, pelas suas orientações e motivações ao longo dos estágios pedagógicos, no Pré-Escolar e no 1º Ciclo.

À Educadora Elsa Baptista, e às Professora Cátia Sampaio e Petra Catarina Camacho cooperantes nos estágios realizados nas escolas, com as quais aprendi a arte de ensinar e aprender. Por fim, e não menos importante, agradeço à minha família, que mesmo estando distantes sempre me apoiaram e deram força para que pudesse concretizar e alcançar este patamar importante para mim, mas sobretudo para a minha missão. Para terminar, agradeço ao grupo de colegas que fizeram parte desta caminhada, pelo apoio, entreeajuda nos diversos trabalhos, pela motivação e encorajamento nos momentos mais difíceis, pelas lutas e principalmente pelas conquistas que conseguimos juntas.

A todos um bem-haja!

Resumo

O presente relatório é o resultado de um longo processo formativo e das experiências realizadas no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito das disciplinas de Prática Pedagógica I, II e III. O estágio prepara o futuro profissional para a docência, seja no Pré-Escolar ou no 1º Ciclo.

Neste trabalho, apresenta-se a prática pedagógica, a teórica e desenvolve-se dois projetos de Investigação-Ação. Na Prática Pedagógica I, foi trabalhado o projeto com base numa criança de cinco anos que tinha uma perturbação a nível sensorial e que apresentava diversos problemas de relacionamento com o grupo e com os adultos. A questão colocada foi a seguinte: *Como é que o grupo da “Sala Verde” pode contribuir para a integração social da criança com necessidades educativas especiais na área da comunicação?* Com a implementação de algumas estratégias, aos poucos, apercebemo-nos da interação da criança com as outras e também com os profissionais de educação.

No Ensino Básico, o Projeto foi realizado na Prática III, a questão formulada foi sugerida pela professora cooperante do 1º ano. O tema escolhido foi pertinente, uma vez que os alunos iniciavam o seu primeiro contacto no processo da escolarização. A partir desse momento, e em diálogo com a professora cooperante, tomei algumas notas e elaborei a minha questão que consistiu na seguinte: *Como é que os alunos do 1º ano aprendem a ler, a desenhar as letras e a desenvolver a consciência fonológica?*

Tendo em conta esta problemática, ao planear as atividades, procurei implementar algumas estratégias e, com o decorrer dos dias, os alunos foram evoluindo significativamente na temática em estudo, pois cada dia exercitavam a escrita e a leitura e conseqüentemente foram adquirindo a consciência fonológica.

Palavra-chave: Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Prática Pedagógica; Investigação-Ação.

Abstract

This report is the result of a long training process and the experiences carried out in Preschool and Primary School Education, in the scope of the Supervised Educational Practice I, II and III subjects. The internship prepares the future professional for teaching, whether in preschool or primary school.

This work consists of pedagogical and theoretical practice, in which two Action Research projects were developed. In Pedagogical Practice I, a study was developed based on a five-year-old child diagnosed with a sensory disturbance who had different type of relationship problems within the group and with the adults. The question asked was: *How can the “Sala Verde” group contribute to the social integration of children with special educational needs in communication?* By implementing some strategies, little by little, we became aware of the child's interaction with others and also with education professionals.

In Primary Education, the Project was carried out in Practice III and, the formulated question was suggested by the cooperating teacher. The chosen theme was relevant since the students were in their first year, thereby initiating the schooling process. From that moment on, after several discussions with the cooperating teacher, I took some notes and elaborated my question, which consisted of the following: *How do 1st year students learn to read, draw letters and develop phonological awareness?*

Taking this issue into account, when planning the activities I tried to implement some strategies and, over time, the students evolved significantly in the subject under study, as each day they exercised writing and reading and, consequently, acquired phonological awareness.

Keywords: Preschool Education; 1st Cycle of Basic Education; Pedagogical Practice; Action Investigation.

Sumário

Agradecimentos	II
Sumário	V
Índice de Figuras	IX
Índice de Tabelas.....	X
Índice de Siglas	XI
Introdução.....	1
Parte 1	4
Enquadramento Teórico e Metodológico	4
Capítulo I	5
1.1. A Identidade do docente.....	5
1.1.1. Documentos orientadores	6
1.1.2. Um educador reflexivo.....	8
1.1.3. Construção articulada do saber	10
1.1.4. Comunicação e linguagem	12
1.1.4.1 Estratégias para estimular a comunicação e a linguagem	14
1.1.5. Estratégias de aprendizagem em grupo no Pré-Escolar	18
Capítulo II	20
2. Metas de aprendizagem da ação educativa.....	20
2.1. Metodologia aplicada no desenvolvimento da criança	20
2.1.1. A intencionalidade na ação educativa	20
2.1.2. A importância da planificação na orientação da prática.....	21
2.1.3. Flexibilidade e autonomia curricular.....	23
2.1.4. O Currículo na sala de aula.....	24
2.1.4. A avaliação na educação	26
Parte 2	29
Metodologia e Prática Profissional no Contexto do Pré-Escolar	29
Capítulo III	30
3. Contextualização do ambiente educativo.....	30
3.1. Caracterização do meio geográfico e histórico.....	30
3.1.1. Caracterização da Instituição.....	32
3.1.2. Caracterização do espaço físico da sala.....	33

3.1.3. Caracterização do meio familiar do grupo	35
3.1.4. Caracterização e constituição do grupo	35
3.1.5. Rotina diária da "Sala Verde"	37
3.1.6. Momentos de aprendizagem	38
Capítulo IV	39
4. Investigação-Ação	39
4.1. Projeto de Investigação Ação no Pré-Escolar.....	39
4.1.1. Enquadramento do problema.....	40
4.1.2. Questão desta Investigação Ação	40
4.1.3. Revisão preliminar.....	41
4.1.4 Caraterização do Michael.....	44
4.1.5. Entrevista à educadora cooperante	45
4.1.6 Técnica e instrumentos de recolha de dados	47
4.1.7. Estratégias de intervenção	48
4.1.8. Estratégias práticas	48
4.1.9. Método de análise de dados.....	49
4.1.10. Fases do Projeto de Investigação-Ação.....	50
4.1.10.1. Reflexão final sobre o Projeto de Investigação Ação	51
4.2. Intervenção - Planificações no contexto do Pré-Escolar	51
4.2.1. Tema desenvolvido: O corpo humano	54
4.2.2. II Planificação semanal de 30 e 31 de outubro	55
4.2.3. Ações junta da comunidade educativa	57
4.2.4. III Planificação semanal de 20 e 22 de novembro.....	59
4.2.5. Tema desenvolvido: A habitação	60
4.2.6. IV Planificação semanal de 27 a 29 de novembro	62
4.2.7. Tema desenvolvido: O Natal	65
4.3. Reflexão final sobre a prática pedagógica I no Pré-Escola	66
Parte 3	68
A Educação no 1º Ciclo do Ensino Básico	68
Capítulo V	69
5. Desenvolvimento da Prática no 1º Ciclo PP II	69

5.1. Caracterização do Meio.....	69
5.2.1. Caracterização da Instituição	69
5.2.2. Constituição da turma.....	70
5.2.3. Caracterização da turma	72
5.2.4. Caraterização da sala	74
5.3. Horário das atividades curriculares da turma	76
5.4. A docência na Prática Pedagógica II	77
5.4.1. Intervenção: Planificações e desenvolvimento na PPII – 1º Ciclo, 4º Ano	77
5.4.2. Desenvolvimento e reflexão da 1ª atividade	81
5.4.3. Planificação da segunda atividade	83
5.4.4. Desenvolvimento e reflexão da 2ª atividade	91
5.4.5. Planificação da terceira atividade	93
5.4.6. Desenvolvimento e reflexão da 3ª atividade	101
5.4.7. Reflexão final sobre a Prática Pedagógica II no 1º Ciclo, 4º Ano	103
Capítulo VI.....	105
6. Prática Pedagógica III em contexto de 1º. Ciclo.....	105
6.1. Caracterização do meio.....	105
6.1.1. Constituição da turma.....	105
6.1.2. Caracterização da turma	106
6.1.3. Caracterização da sala	106
6.2. A docência na Prática Pedagógica III	107
6.2.1 Horário das atividades curriculares da turma do 1º Ano	107
6.3. Projeto de Investigação Ação no estágio da PPIII	108
6.3.1. Enquadramento do problema	109
6.3.2. Questão desta investigação	109
6.3.3. Revisão preliminar	110
6.3.4. Composição da turma	111
6.3.5. Entrevista à professora cooperante	113
6.3.6. Técnica e instrumentos de recolha de dados	114
6.3.7. Estratégias de intervenção	115

6.3.8. Estratégias articuladas	116
6.3.9. Método de análise de dados	117
6.3.10. Fases do projeto de Investigação-Ação no 1º Ciclo.....	118
6.4. Reflexão final sobre o Projeto de Investigação Ação	119
6.5. Planificações do PP III - 1º Ciclo, 1º Ano.....	120
6.5.1. Desenvolvimento e reflexão das atividades	130
6.6. Reflexão sobre o trabalho realizado em grupo	133
6.7. Reflexão final sobre a PP III no 1º Ciclo	136
Conclusão	Erro! Marcador não definido.
Referências.....	141
Referências Normativas	143
Webgrafia	144

Índice de Figuras

Figura 1 – Reconto da história.....	15
Figura 2 – Atividade de grupo.....	18
Figura 3 – Entrada principal e secundária do Externato.....	32
Figura 4 – Área do jogo simbólico.....	33
Figura 5 – Área da biblioteca.....	33
Figura 6 – Área do tapete.....	34
Figura 7 – Área dos jogos de mesa.....	34
Figura 8 – Área da garagem.....	34
Figura 9 – Atividade do corpo humano.....	54
Figura 10 – Apresentação da comemoração do Pão-por-Deus.....	57
Figura 11 – Convívio e partilha do dia do Pão- por-Deus.....	58
Figura 12 – Visita ao Lar de Idosos e partilha do Pão- por- Deus.....	58
Figura 13 – Atividade da habitação.....	61
Figura 14 – Atividade do Natal.....	66
Figura 15 – Escola Básica do 1º Ciclo da Achada.....	70
Figura 16 – Turma B, 4ª Ano.....	72
Figura 17 – Sala de aula.....	74
Figura 18 – Trabalho a pares.....	75
Figura 19 – A demonstração, “O princípio dos vasos comunicantes”.....	82
Figura 20 – Atividade sobre o Sistema Solar.....	92
Figura 21 – Atividade sobre uma obra Literária.....	103
Figura 22 – Turma A do 1ºAno.....	106
Figura 23 – O aluno no centro.....	114
Figura 24 – Atividade de grupo.....	131
Figura 25 – Conclusão da atividade.....	131
Figura 26 – Trabalho de grupo.....	134

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Rotina diária do grupo da “Sala Verde”	37
Tabela 2 – Fases do Projeto de Investigação-Ação I	50
Tabela 3 – I Planificação do Pré-Escolar PP I.....	52
Tabela 4 – Altura e peso das crianças do Pré-Escola PP I	53
Tabela 5 – II Planificação do Pré-Escolar PP I	55
Tabela 6 – III Planificação do Pré-Escolar PP I	59
Tabela 7 – IV Planificação do Pré-Escolar PP I	62
Tabela 8 – Nível Socioeconómico.....	71
Tabela 9 – Ação Social Escolar	71
Tabela 10 – Área de Residência	72
Tabela 11 – Horário da turma de 4º Ano PP II	76
Tabela 12 – I Planificação do 1º Ciclo PP II	77
Tabela 13 – II Planificação do 1º Ciclo PP II	83
Tabela 14 – III Planificação do 1º Ciclo PP II	93
Tabela 15 – Horário da Turma A 1º Ano PP III	107
Tabela 16 – Fases do Projeto de Investigação-Ação II	119
Tabela 17 – Planificação do 1º Ciclo PP III, 1ºAno	120

Índice de Siglas

AEC's – Atividades Extra Curriculares

DGS – Direção Geral da Saúde

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

PAT – Plano Anual de Turma

PEE - Projeto Educativo de Escola

PNL – Plano Nacional de Leitura

Introdução

O presente relatório de estágio é um instrumento de conclusão e avaliação final para a aquisição do grau de mestre, em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Este foi realizado individualmente no qual foram feitos três estágios: um no Pré-Escolar e dois no 1º Ciclo do Ensino Básico, onde as primeiras semanas foram de observação e as restantes de docência, de acordo com o regulamento de estágio previsto para o mestrado deste curso.

O relatório expõe a seguinte ordem: No capítulo I, encontramos o enquadramento teórico e metodológico que apresenta a identidade do docente, alguns documentos orientadores para o desempenho da docência. No capítulo II, temos as metas de aprendizagem da ação educativa, a metodologia aplicada, a intencionalidade na ação educativa. O terceiro descreve a Prática Pedagógica no Pré-Escolar e o meio envolvente. No capítulo quarto temos a reflexão do Projeto de Investigação Ação no Pré-Escolar. No quinto encontramos a descrição da Prática Pedagógica II e a caracterização da escola e do meio. Já no sexto e último capítulo temos a reflexão da Prática Pedagógica III e o projeto de Investigação Ação desenvolvido nesse estágio. Por fim encontramos a conclusão e as referências utilizadas na elaboração deste relatório.

O estágio do Pré-Escolar decorreu no Externato Princesa Dona Maria Amélia e Infantário Rainha Sílvia, que oferece as três valências: Creche, Pré-Escolar, e 1º Ciclo. Realizei a minha prática na “Sala Verde” com 19 crianças na faixa etária de 4-5 anos, sendo 13 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Este trabalho foi desenvolvido durante nove semanas, concretamente do dia 09 de outubro a 06 de dezembro.

Durante o Prática Pedagógica do Pré-Escolar foi realizado um enquadramento do projeto de Investigação-Ação, com base na observação participante, usando o método da entrevista aberta e também a observação direta. A questão formulada foi a seguinte: ***“Como é que o grupo da sala “Verde” pode contribuir para a integração social da criança com necessidades educativas especiais na área da comunicação?*** A partir daqui foram implementadas algumas estratégias práticas, de forma a modelar a sua conduta, com o intuito de tornar a criança mais sociável e comunicativa com todo o grupo e educadores. Estas foram algumas das estratégias aplicadas:

Com estas medidas que foram tomadas, o aluno em questão foi a pouco e pouco aprendendo a conviver com os colegas, a respeitar os adultos e a aceitar as regras de funcionamento de grupo. Passadas algumas semanas a sua postura tinha melhorado significativamente, tornando-se muito mais afável e carinhoso para com todos.

A Prática Pedagógica II decorreu na Escola do 1º Ciclo, no Pré-Escolar da Achada, nomeadamente, na sala do 4º ano, turma B, com 22 alunos, sendo 9 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 9-11 anos. Este trabalho foi desenvolvido durante nove semanas, concretamente do dia 09 de abril a 05 de junho.

A Prática Pedagógica III decorreu no Externato Princesa Dona Maria Amélia, O estágio realizou-se na turma A do 1º ano, com 18 alunos, sendo 12 do sexo masculino e 06 do sexo feminino, entre a faixa etária dos 5-6 anos. Este trabalho foi dividido entre observação e docência, sendo as duas primeiras semanas de observação, com início no dia 26 de outubro até 15 de dezembro. Nas semanas de observação, tive a possibilidade de aprender um pouco com as professoras cooperantes, o modo como elas orientavam as suas práticas, as estratégias que usavam na lecionação e todas as atividades desenvolvidas com os alunos, durante o horário escolar.

Também na Prática Pedagógica III, foi realizado um projeto de Investigação-Ação, tendo usando igualmente a entrevista aberta e a observação direta, para dar resposta à situação problema que era visível na turma. Como a turma era de 1º Ano de escolaridade e estando no primeiro trimestre, era notório uma certa dificuldade na aquisição dos conteúdos, logo a questão que formulei após ter observado e interrogado a professora cooperante foi a seguinte: ***Como é que os alunos do 1º ano aprendem a ler, a desenhar as letras e a desenvolver a consciência fonológica?***

Após detetar a situação problema, foram desenvolvidos alguns estratagemas para trabalhar a questão apresentada. Todas as semanas, para além de serem trabalhadas estas questões que eram transversais em todas as disciplinas, foi dedicado um tempo específico ao conteúdo de português. Depois de muito trabalho e passado algum tempo foi notável a evolução dos alunos tanto na escrita como na consciência fonológica, ao ponto de serem capazes de escreverem palavrinhas simples.

O estágio é uma etapa importante para o estagiário, uma vez que lhe permite um contacto direto com as crianças e onde tem a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos aprendidos ao longo da sua formação académica. É uma primeira oportunidade de se inteirar do mundo do ensino, tendo o contacto direto com todas as realidades inerentes a esta profissão. É também uma ocasião propícia para o futuro docente aprender as melhores práticas pedagógicas, progredir e aperfeiçoar a sua experiência e, simultaneamente, ganhar confiança nas suas capacidades profissionais. Em suma, o estágio profissional é o início de um caminho de aprendizagem e desenvolvimento contínuo na sua carreira, é uma experiência muito enriquecedora para qualquer função.

Parte 1

Enquadramento Teórico e Metodológico

Capítulo I

1.1. A Identidade do docente

A identidade do docente tem sido sempre motivo de grandes preocupações, preocupações essas, que perpassam pelas mudanças da sociedade hodierna, que exige, cada vez mais, deste profissional uma responsabilidade no sentido de promover o sucesso educativo das crianças/alunos, e contribuir para uma sociedade mais ajustada. É-lhe também exigido uma boa formação académica, para se comprometer com a árdua missão de ensinar, e preparar cidadãos justos, reflexivos e tolerantes, para atuar em sociedade ajustando-se às rápidas e constantes mudanças que esta vem tendo. Cabe aos professores, como mestres em educação, o comprometimento de formar e educar seus alunos para uma sociedade com mais cidadania, valores fundamentais como a paz, a igualdade e os direitos humanos.

A profissionalização dos docentes é de certa forma “imposta” pelas mudanças que ocorrem na educação e na sociedade e que os obrigam a assumir uma formação constante e atualizada das diretrizes educativas. Segundo Nóvoa “A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão” (1995, p. 26).

Para que o docente adquira a profissionalização, é-lhe necessário passar por várias etapas de estudo que o irá ajudar a adquirir os conhecimentos teóricos e também práticos, preparando-se assim para os ensinar aos seus futuros educandos, ajudando-os com diferentes estratégias, para que todos possam aprender o que lhes será ensinado. Assim sendo, “As instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum” (Nóvoa, 1995, p. 18).

Um outro aspeto que está estritamente relacionado com a formação do docente, é o meio escolar em que este desenvolve a sua praxe, é aí que irá procurar colocar em prática os seus conhecimentos teóricos, tornando-os acessíveis por meio da ação pedagógica juntos dos alunos, apresentando os diferentes conteúdos de forma clara e perceptível para que todos compreendam e aprendam, utilizando para isso estratégias diversificadas e ajustadas ao meio.

Para que o docente esteja apto para exercer a sua função na sala de aula e operar processos de mudança em educação, passa indubitavelmente por mudanças na sua forma de ensinar visto que, “nas sociedades atuais se constata alterações que, pelos seus previsíveis impactos, pressionam o desempenho dos professores o que implicará, como reação, a necessidade de que se verifiquem alguns ajustamentos na definição do seu papel e desempenho” (Morgado, 2004, p. 34).

É fundamental que o docente esteja consciente que não é o único portador do saber, que não é só ele que possui o conhecimento e a capacidade de fazer com que outros aprendam, ele é sim, um mediador entre o conhecimento e o aluno, tendo em conta os saberes prévios do mesmo e possibilitando-lhe outras ferramentas para que ele possa adquirir maior aprendizagem e obtenha a autonomia para realizar as suas próprias pesquisas e descobertas. O docente tem

“por tarefa transformar as relações humanas e ser um agente de progresso, iniciando o aluno em novas ideias ou métodos para que este último se torne artífice de mudanças, ou, pelo menos, para que ele seja capaz de se adaptar às mudanças” (Postic, 2007, p. 121).

1.1.1. Documentos orientadores

Durante o meu estágio realizado na valência de Pré-Escolar, baseei-me nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, as OCEPE (2016), documento esse que orienta toda a ação pedagógica do educador, onde traça as linhas metras para educar e formar as crianças de zero aos seis anos de idade. As OCEPE, definem os objetivos gerais pedagógicos, descrevendo para o educador as diferentes etapas fundamentais para a ação educativa, nomeadamente: observar, registar, documentar, planejar, agir, avaliar comunicar e articular, estes oito verbos expressam fortemente todo o trabalho que deve ser realizado nesta etapa, iniciando assim a criança para o ingresso no 1º ciclo do Ensino Básico. As OCEPE afirmam que

“educar não é uma atividade que comece aos seis anos e hoje só faz sentido planejar o Ensino Básico quando este é construído sobre um trabalho integrado que tem em conta todo o período dos zero aos seis anos de idade” (p. 4).

No estágio e num primeiro momento de observação, o educador terá a oportunidade de conhecer o grupo de crianças, suas características e peculiaridades, de forma, a que posteriormente possa adequar a sua ação educativa às aspirações das mesmas, procurando dar uma resposta adequada utilizando a diferenciação pedagógica. A partir desta primeira abordagem, realizar-se-á a planificação da sua intervenção, de forma a proporcionar ao grupo aprendizagens significativas e diversificadas, em consonância com as orientações prescritas nas OCEPE, (2016).

“As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar baseiam-se nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim-de-infância, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento educativo/agrupamento de escolas” (OCEPE, 2016, p. 5).

“A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar” (OCEPE, p. 13).

Estas orientações são um apoio à reflexão do educador sobre a sua intencionalidade na prática, não estabelecem um programa a cumprir mas é um instrumento de grande valia para construir e gerir o currículo, que deverá estar sempre em consonância com o contexto social das crianças e de suas famílias, tendo em conta a aprendizagens de cada criança e do grupo em geral.

O educador ao realizar seu planeamento deverá ter sempre presente as necessidades e interesses das crianças, aproveitando os acontecimentos diários, de maneira a proporcionar uma aprendizagem significativa. “Para observar, registar e documentar o que a criança sabe e compreende, como pensa e aprende, o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses, é indispensável que o/a educador/a selecione e utilize estratégias diversificadas” (OCEPE, 2016, p. 14).

A Educação de Infância tem características próprias no que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, pois, existe uma abordagem adequada na relação da aprendizagem das crianças. Nesta fase são propostas atividades e não aulas, assim sendo o/a

educador/a é um mediador/orientador e não professor, que deverá ter em conta todas as dimensões do desenvolvimento das crianças.

A criança desenvolve-se em todas as dimensões, sejam elas físicas ou emocionais, sociais, cognitivas, ou culturais, todas elas estão ligadas intrinsecamente, e contribuem para o seu desenvolvimento integral. Para isso o educador deverá oferecer ambientes e contextos de aprendizagem os mais diversificados possíveis, seja dentro da sala ou no exterior, proporcionando assim momentos de aprendizagem significativa e com alegria. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017), defende que,

“é fundamental para o bem-estar das crianças e do seu sucesso educativo que todas possam ter acesso a uma educação de infância de qualidade, num percurso que permita a equidade educativa e pedagógica desde o nascimento, a par com a família e numa crescente integração de serviços” (DGE, Introdução 8).

Afirma ainda a mesma fonte que,

“Os documentos curriculares e outros que sustentam a educação pré-escolar garantem a coerência dentro do sistema educativo, ou seja, devem assegurar uma visão de criança e de educação que promova a continuidade educativa, fundada em intencionalidades pedagógicas, princípios e valores, como condição para transições seguras e significativas para a escolaridade obrigatória” (DGE, Introdução 8).

1.1.2. Um educador reflexivo

Toda a ação humana na sua mais diversificada atividade requer uma paragem ‘obrigatória’ para analisar, reformular, refletir a sua prática e assim retificar ou acrescentar alguma coisa ao seu modo de fazer. Podemos assim, interpretar a ação de refletir como um instrumento de construção do educador, um questionamento sobre a realidade no meio em que se encontra, deste modo permite ao mesmo, desenvolver uma consciência crítica sobre a sua prática pedagógica com o intuito de reformular estratégias que venham a contribuir para um maior aperfeiçoamento da sua missão educativa. As OCEPE, afirmam que planear implica refletir “sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização” (2016, p. 15).

Refletir sobre a ação permite ao educador uma visão mais alargada do trabalho que realiza com o seu grupo, com isso consegue conhecer melhor cada uma das crianças e procura planear de um modo mais assertivo para responder ao desenvolvimento e aprendizagem de cada uma, estando simultaneamente atendo às sugestões das mesmas e assim integrar situações novas que possam ser potenciadoras de aprendizagem. É através da reflexão constante que podemos ter a ocasião e o potencial de administrar, decidir e delinear nossos propósitos educacionais. O profissional de educação deve ser, um ser reflexivo para desempenhar com excelência a sua missão de ensino.

Tendo em conta que a reflexão é de grande importância na elaboração da planificação das atividades, o educador tem por princípio refletir frequentemente sobre os aspetos a melhorar, podendo modificá-los sempre que achar oportuno desde que isso venha de encontro com os interesses das crianças e para uma maior aprendizagem dos conteúdos que estão sendo trabalhados. Devemos ter em conta também que a reflexão não deve ser feita individualmente mas, devendo ser alargada à comunidade educativa e aos pais, construindo assim uma ponte entre a escola e meio envolvente.

Considero, que o educador reflexivo consegue ter uma maior intencionalidade na sua prática pedagógica, pois, sua meditação sobre a ação contribui para uma maior eficácia na aprendizagem das crianças e simultaneamente na sua profissionalização. Cada profissional de educação é portador de vários saberes e competências, que lhe permite agir dentro da sala com autoridade e segurança, isto deve-se à sua contante ponderação sobre a ação como afirma o autor, “cada professor é o sujeito do seu próprio desenvolvimento profissional operado com base numa atitude de regular reflexão sobre os saberes, as práticas, os valores, etc “ (Morgado, 2004, p.49).

Toda a ação educativa requer reflexão da parte de quem a desempenha e isso reflete-se em toda a comunidade escolar como nos diz, (Alarcão, 2010, p. 48).

“A ideia do professor reflexivo que reflete em situação e constrói conhecimento a partir do pensamento sobre a sua prática, é perfeitamente transponível para a comunidade educativa que é a escola”, e ainda, “A reflexão sobre a ação pressupõe um distanciamento da ação. Reconstruímos mentalmente a ação para tentar analisá-la retrospectivamente” (Alarcão, 2010, p. 54).

Assim sendo, é necessário que o educador tenha um papel reflexivo, com vista a melhorar sempre mais a sua ação pedagógica. A observação e o registo são também ferramentas fundamentais, que permitem ao mesmo recolher informações para avaliar, questionar, refletir e por vezes reformular a sua planificação.

1.1.3. Construção articulada do saber

Na Educação de Infância são aplicadas várias metodologias, e estas devem ser as mais concretas possíveis, visto que as crianças estão numa fase em que necessitam de ver e manusear os objetos, para adquirirem conhecimento por meio da visualização e tato das coisas, numa grande e diversificada ação pedagógica.

Uma das melhores formas de explorar e conhecer-se a si própria e ao mundo é através do brincar. Deste modo o brincar deve ser entendido como um meio privilegiado para promover a relação entre as crianças e entre as crianças e o educador, facilitando o progresso de competências sociais e comunicativas.

Sendo o brincar algo natural e prazeroso para a criança devemos proporcionar ambientes, espaços e materiais que ofereçam à criança uma maior possibilidade de escolha, quanto ao quê, com quem e como querem brincar. Com a liberdade que lhe é atribuída a criança torna-se mais autónoma, aprendendo a tomar decisões, a resolver problemas e a desenvolver os seus interesses pessoais, a sua criatividade e curiosidade.

A observação e a envolvência do educador nas brincadeiras das crianças são cruciais. Este deve assumir o papel de orientador e facilitador sem interferir diretamente. Esta observação vai permitir ao educador perceber quais as áreas de interesse e os níveis de desenvolvimento de cada criança. A partir daí irá elaborar as suas atividades focando-as nos interesses das crianças, motivando-as e colocando desafios às suas próprias explorações e descobertas.

No ato de brincar, a criança exterioriza o que está no seu intelecto, através deste ato ela não só gasta as suas energias físicas quando salta, corre, mas é muito mais que isso, é uma

forma que contribui e enriquecer o seu desenvolvimento intelectual e para o conhecimento do mundo que a rodeia.

A criança quando brinca desenvolve-se de maneira integral, isto é, evolui em simultâneo nos aspetos cognitivos, afetivos, físico-motor, moral, linguístico e social, tendo como primeira escola o seio da família e depois a escola que vai complementar a sua aprendizagem global.

Piaget em (1994),

coloca que o jogo pode ser estruturado de três formas: de exercício, símbolo, construção e regra e, neste sentido as brincadeiras evoluem conforme a faixa etária. De um ano e meio até dois anos, fase em que aparece a linguagem, a atividade lúdica tem como característica essencial o exercício que consiste e qualquer situação ou objeto colocado à sua frente, no qual a criança se exercita na sua atividade de brincar pelo simples prazer de fazer rolar uma bola, produzir sons ou bater com um martelo, repetindo essas ações e observando seus efeito e resultados. Essas brincadeiras se prolongam, muitas vezes, até a idade adulta, mas com o passar dos anos diminuem sua intensidade e importância (Sousa, 2002); (Conceção do Brincar e Aprender na Visão de Piaget e Vygotsky).

Quando a criança atinge a idade de seis/sete anos aproximadamente, as suas brincadeiras já possuem um caráter simbólico, onde ela procura retratar o mundo à sua volta e aproxima essa atividade à sua realidade. Por exemplo, quando brinca com as bonecas, com os carinhos ou outros, ela procura representar a sua vivência e rotina diária, também a vida da sua família. Mais ainda, a criança trata as bonecas como ela própria é tratada pelos seus pais e professores, isto torna-se um espelho daqueles com quem ela convive. Um outro aspeto da brincadeira nestas idades é o facto de a criança construir, transformar e também destruir, com isto ela desenvolve a criatividade e imaginação, isso contribui e muito, para o seu desenvolvimento afetivo e intelectual.

Da curiosidade e do desejo de aprender da criança surge uma intencionalidade educativa presente em todas as atividades. Estas estão interligadas entre si com um objetivo comum, que é a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Ao estimular a curiosidade da criança criamos condições para que esta “aprenda a aprender”. Isto é, aprender fazendo, brincando, por meio de experiências concretas.

1.1.4. Comunicação e linguagem

A comunicação e linguagem entre os humanos é de fundamental importância, para uma compreensão mútua. Esta comunicação pode dar-se em diferentes níveis. Nos primeiros anos de vida a criança apresenta a fase pré-verbal, num segundo momento e já de uma forma mais estruturada dá-se a fase do desenvolvimento da linguagem, que ocorre durante a infância e de uma forma natural e espontânea.

Como sabemos,

é sobre a linguagem que vai sendo construído o pensamento e a capacidade de decodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender. É preciso, então, criar um ambiente no qual a linguagem seja a grande protagonista: tornar possível e estimular todas as crianças a falarem; criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através de uma interação educador/a – criança que a faça colocar em jogo todo o seu repertório e superar constantemente as estruturas prévias (Zabalza, 1998, p. 51).

A comunicação pode dar-se de várias formas, como através dos gestos, de cores, símbolos e sinais, portanto não acontece apenas e somente através das palavras escritas ou faladas. Enquanto a criança não domina o código das palavras ela recorre ao choro, ao balbúcio, ao riso e desta forma ela procura transmitir o que deseja e sente. Demonstra uma comunicação ineficiente, mas é a forma mais fácil que usa para se comunicar com os que estão ao seu redor. Assim sendo, as mães aprendem a diferenciar o choro dos seus filhos e, com o passar do tempo, percebem quando eles sentem fome ou têm a fralda molhada ou sentem dor. É através do choro que o bebé comunica e exterioriza o seu desconforto e necessidades.

Nesta faixa etária o desenvolvimento da linguagem é de grande importância, aqui acontecem grandes modificações no processo do conhecimento linguístico, podendo assim observar a percepção verbal-oral. Por vezes os pais e mesmo os educadores de infância realizam alguns ‘testes’ com o intuito de certificar-se da percepção auditiva das crianças, sabendo que este fator é imprescindível para a linguagem oral e para a aquisição do conhecimento. Esta percepção auditiva começa a desenvolver-se mesmo antes do seu nascimento, quando a criança ainda se encontra no ventre materno, ela já começa a assimilar e a diferenciar os mais variados ruídos e sons que lhe chegam do exterior.

A linguagem é algo intrínseca ao ser humano e desenvolver-se gradualmente como afirma o autor. “A criança começa a expressar-se através de vocábulos que vai balbuciando e sobre o que vai refletindo, dizendo os nomes dos objetos que vai observando, descrevendo ações que observa em um determinado momento para mais tarde, ser capaz de relatar acontecimentos do passado e fazer planos para ações futuras”. “Tais aprendizagens ocorrem mais facilmente e tornam-se mais ricas se os adultos proporcionarem às crianças contextos nos quais elas possam exercer e desenvolver as suas capacidades linguísticas, seja de forma verbal ou escrita” (Zabalza, 1998, p.198-199).

Quando a criança atinge os 2 anos, de idade, (mais ao menos) ela começa a construir o seu vocabulário, embora não o faça ainda corretamente, será nesta fase que os pais e educadores têm um papel preponderante, devendo proceder à respetiva correção das palavras incorretas, pronunciando-as lentamente e fazendo-a repetir. Já na faixa etária de 4 a 5 anos, acontece o desenvolvimento fonológico da linguagem, nesta altura a criança possui a capacidade de distinguir e articular os sons da língua, já frui um vasto código linguístico e faz uso dele na sua comunicação. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar,

“As competências comunicativas vão-se estruturando em função dos contactos, interações e experiências vivenciadas nos diversos contextos de vida da criança. Estas competências são transversais e essenciais à construção do conhecimento nas diferentes áreas e domínios, já que são ferramentas essenciais para a troca, compreensão e apropriação da informação” (OCEPE, 2016, p. 60).

O desenvolvimento de cada criança dá-se de forma única, não podemos esperar que o grupo de uma determinada sala cresça de maneira uniforme, pois, cada ser humano é único e irrepetível, logo, seu crescimento e aprendizagem também tem o seu ritmo próprio e isto acontece nas diferentes áreas e faixas etárias.

“Embora o crescimento infantil seja um processo global e interligado, não se produz de maneira homogenia nem automática. Cada área do desenvolvimento exige intervenções que o reforcem e vão estabelecendo as bases de um processo equilibrado do conjunto” (Zabalza, 1998, p. 52).

Segundo Vygotsky (2005),

“construir conhecimento implica numa ação partilhada, que implica num processo de mediação entre sujeitos. Nessa perspetiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem. A heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo, a cooperação e a informação, ampliando consequentemente as capacidades individuais. As relações sociais se convergem em funções mentais” (p. 4).

1.1.4.1. Estratégias para estimular a comunicação e a linguagem

Como é sabido, a linguagem ou o processo da aquisição da comunicação oral não acontece de forma idêntica em todas as crianças, isto porque existem diversos fatores ou características que o impedem, como: a genética, as condições em que vive, se é um ambiente verbal ou não verbal, se tem problema na motricidade oral, se tem dificuldades cognitivas, tem a ver também com a cultura do país e até mesmo com a alimentação, estes e outros fatores podem ser um entrave, uma barreira no desenvolvimento oral da criança em fase de crescimento. A fala ou a comunicação verbal é fundamental na convivência com os demais, como afirma as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “Sabe-se que a linguagem oral é central na comunicação com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos importantes”. E ainda segundo a mesma fonte,

“Quando as crianças apresentam algum domínio dos aspetos associados à comunicação, vão também, paralelamente, começando a desenvolver uma outra vertente, relacionada com a tomada de consciência sobre a forma como a língua se estrutura e organiza, ou seja, a tomar consciência dos seus aspetos formais” (OCEPE, 2016, p. 60, 61).

É na Creche e no Pré-Escolar que o educador pode e deve ser um protagonista da linguagem. Deste modo é primordial que o educador estabeleça um diálogo cuidado com as crianças, a quando da sua intervenção pedagógica nas diferentes atividades e ações junto delas. Assim a criança vai aprendendo a dominar a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases cada vez mais corretas e coerentes, conseguindo uma maior facilidade de expressão e comunicação.

“A comunicação das crianças com outros adultos da instituição e da comunidade, no jardim-de-infância ou no exterior, são um outro meio de alargar as situações de comunicação que levam a criança a apropriar-se progressivamente das diferentes funções da linguagem e a adequar a sua comunicação a situações diversas” (OCEPE, p. 62).

Figura 1 - Reconto da história. Fonte: autora



A hora do conto e reconto da história, é outro momento que permite desenvolver o pensamento, a linguagem e a aquisição de novo vocabulário, independentemente da idade da criança, à medida que o educador vai lendo e fazendo as intervenções, embora a criança não saiba ler ainda, ela vai fazendo associações das ilustrações com a leitura e assim mais tarde ela mesma é capaz de pegar no livro e fazer a “leitura não convencional” dessa mesma história.

Uma outra estratégia muito utilizada é o diálogo na área do tapete, que estando localizada na sala de atividades, é fonte de surgimento de novas estratégias de aprendizagem, onde brotam projetos que contribuem para o crescimento das crianças. A quando do estágio, iniciávamos o dia fazendo o acolhimento à medida que iam chegando as crianças, reuniam-se nesse espaço para uma conversa informal como: cantar os bons dias, perguntar como passaram o fim-de-semana, ou se tinham dormido bem, contar histórias e a partir daí era dado o mote para as atividades que se iriam seguir.

Durante a minha intervenção, a área do tapete foi-se modificando um pouco e, tornou-se palco de grandes conversações e atividades em grande grupo, onde as crianças podiam se

expressar livremente, por vezes demonstravam os seus interesses, surgindo desse diálogo, embora inconscientemente, temas que foram posteriormente desenvolvidos com o grupo. Como vimos a área do tapete, é também um espaço, um momento rico no desenvolvimento da linguagem oral, onde as crianças são motivadas a partilhar e a expressar-se livremente, onde as mais extrovertidas motivam ao diálogo as introvertidas e assim amplia-se a conhecimento. Este espaço tinha tanto significado para as crianças que, por vezes elas reproduziam as atitudes e comportamentos dos adultos da sala, nos seus momentos de exploração livre. Deste modo pude verificar que este espaço era da preferência das crianças, um dos motivos é porque a área do tapete faz parte integrante da sala de atividades. Um outro aspeto enriquecedor da área, é um espaço onde se efetua vários momentos do dia e do qual se retira grande aprendizagem. É também aqui que se cria uma grande proximidade entre os adultos e as crianças, onde todos sentados no mesmo nível, se olham olhos nos olhos e assim estabelece-se uma relação essencial para o crescimento do grupo.

O ato de contar histórias que referi atrás, é um outro mecanismo muito utilizado na Creche e no Pré-Escolar para o desenvolvimento linguístico das crianças, uma vez que amplia o universo de significados da criança e do hábito da leitura. Esta atividade de contar histórias é também uma forma de entretenimento, mais do que isso, o conteúdo das mesmas contribui para a formação do carácter da criança e ao mesmo tempo possibilita diversas formas de expressão e de interação entre elas. Ao ouvir um conto, uma lenda ou uma fábula, a criança vivencia o imaginário e, ao mesmo tempo, imagina-se na ação dos personagens, que nas suas brincadeiras livres elas gostam de reproduzir, criando situações análogas àquelas que ouviram anteriormente.

Concretamente no que se refere ao conto de histórias e outros, esta prática favorece o contacto com a leitura e a escrita, e tento o educador a consciência de que a criança é o agente responsável pela sua própria aprendizagem e conhecimento, compete-lhe a este desenvolver condições benéficas de contacto com livros, revistas, panfletos, permite assim, a proximidade com a linguagem escrita e, uma variedade de leitura, despertando na criança o gosto pela leitura e em simultâneo desenvolve uma compreensão leitora.

Como afirma o seguinte autor “os contactos frequentes com o livro, em casa e nas atividades pré-escolares, constituem momentos privilegiados das experiências de pré-leitura”, assim como “favorece[m] a ligação afetiva aos livros e ao ato de ler” (Gomes, 1996, p. 32).

Um outro aspeto ainda relativo às histórias, e não menos importante, é que esta estratégia contribui também para a transmissão da cultura de um povo, onde as tradições são contadas pelos avós aos netos em forma de histórias, expressando sentimentos, conhecimentos, hábitos, memórias, experiências e costumes. Assim as histórias são uma maneira mais significativa que o homem encontrou para transmitir experiências que, nas narrativas realistas, não acontecem. Por meio delas, desenvolve-se o encantamento, surpresa, suspense e emoção, nas quais os personagens ganham vida, modificando tanto o contador quanto os ouvintes.

O educador, ao contar histórias, cria um momento mágico que envolve todas as crianças nuns instantes de fantasia, que as leva a “viajar” para fora de si mesmas e do lugar onde se encontram. Para além desta magia e fantasia, as histórias têm uma vertente pedagógica, porque com elas podemos atingir vários objetivos como: instruir, educar, socializar e desenvolver a inteligência e a sensibilidade dos educandos, despertando neles, ao mesmo tempo, o gosto pela leitura que servirá de trampolim para a sua aprendizagem futura. Ao se contar histórias percorre-se um caminho que levará a criança à descoberta do mundo que a rodeia, esse mundo que ela vai descobrindo aos poucos, na proporção que os adultos vão-lhe desvendando e de acordo com as suas aptidões.

É o Pré-Escolar um lugar privilegiado, para que a criança vá aprendendo a dominar a linguagem, aumentando o seu vocabulário, formando pequenas frases simples, utilizando desde já, a forma afirmativa e negativa e também interrogativa e exclamativa. Isto acontece graças à comunicação entre as crianças, os educadores, auxiliares e demais adultos da instituição e ainda nos seus contactos no exterior. As Orientações Curriculares reforçam esta ideia ao afirmar, “Cabe ao/a educador/a alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções, que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores” (OCEPE, 2016, p. 6).

1.1.5. Estratégias de aprendizagem em grupo no Pré-Escolar

Toda a atividade desenvolvida em vista da aprendizagem na educação pré-escolar tem como base os grupos que são formados nesta valência. Como nos afirma as Orientações Curriculares: “Na educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de socialização através da relação entre crianças, crianças e adultos e entre adultos. Esta dimensão relacional constitui a base do processo educativo” (OCEPE, p. 24).

O grupo em que trabalhei na “Sala Verde”, durante o estágio do Pré-Escolar, possuía uma característica peculiar, para além de ser um grupo heterogéneo, gostava de aprender coisas sempre novas, com metodologias diferenciadas, e demonstrava interesse e curiosidade perante a novidade. Neste sentido afirma Zabalza,

“Um dos grandes objetivos da educação nestes primeiros anos é a aquisição de estratégias cognitivas que permitam à criança abordar de maneira autónoma as novas aprendizagens. Justamente por isso, torna-se cada vez mais necessária a criação de “cenários estimulantes” que convidem a criança a aprender, a descobrir, a pesquisar” (Zabalza, 1998, p. 255).

Hoje, mais do que nunca a educação assenta em metodologias cada vez mais diversificadas, isto é, numa panóplia de estratégias, com o intuito de facultar a aprendizagem dos educandos em todas as faixas etárias, principalmente com os mais novos que necessitam de concretização dos factos, para além do manuseio de objetos concretos que facilitem a assimilação dos conceitos que lhes são ensinados.

Figura 2 - Atividade de grupo. Fonte: autora



As atividades realizadas em grupo proporcionam a aprendizagem, mas, requer um grande cuidado na formação desses grupos, pois, existem

“diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo” (OCEPE, 2016, p. 24).

As instituições educativas normalmente formam os grupos com crianças da mesma faixa etária mas, em algumas existem grupos de educandos de diferentes idades e isso pode ser uma mais-valia para a sua interação e desenvolvimento, como nos afirma as OCEPE (2016), “A existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre as crianças” (p. 24).

Podemos afirmar que todo o trabalho realizado no grupo, visa uma maior aprendizagem e desenvolvimento das crianças no Pré-Escolar, preparando-as assim para o início da escolaridade obrigatória no primeiro ciclo.

Capítulo II

2. Metas de aprendizagem da ação educativa

“Os novos métodos pedagógicos ocupam-se em criar situações que permitam ao aluno envolver-se numa atividade, de construir o seu saber e de adquirir conduta cognitivas, socio-afetivas” (Postic, 2007, p. 162).

2.1. Metodologia aplicada no desenvolvimento da criança

Por detrás de toda a ação pedagógica junto das crianças, existe necessariamente um planeamento, que podemos chamar de currículo, e que é elaborado no início do ano, por toda a equipa de docente, depois é executado e ajustado no dia-a-dia. Este currículo baseia-se nas OCEPE (2016), que estão em vigor e norteiam toda a educação da Creche e do Pré-Escolar. Têm como áreas de conteúdo os seguintes itens:

- A Área de Formação Pessoal e Social;
- A Área de Expressão e Comunicação - e dentro desta os domínios da Educação Física, da Educação Artística, da Matemática, da Linguagem oral e Abordagem à escrita,
- A Área do Conhecimento do Mundo.

Foi com base nestas áreas, que toda a prática no Pré-Escolar teve a sua orientação assente a quando do estágio nesta valência, trabalhando com uma diversificação de metodologias, na construção do conhecimento e da aprendizagem educativa.

2.1.1. A intencionalidade na ação educativa

Toda a ação educativa deve passar por uma minuciosa observação do grupo, sendo esta uma parte importante da informação para poder planear e avaliar, servindo assim de suporte para a sua intencionalidade do processo educativo. As OCEPE (2016), dão uma definição muito clara ao afirmar o seguinte:

“A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as concepções e valores subjacentes da sua prática: papel profissional, imagem da criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem” (p.13).

Falar de intencionalidade pedagógica é falar da organização do processo de ensino-aprendizagem, que orienta todo o trabalho do professor/educador em sala de aula, é uma bússola que guia todo o sistema de ensino e o leva a adequar todo o processo ao seu educando.

“O docente pode ajustar as suas intervenções às necessidades do aluno, não para torná-lo mais dependente de si, mas ao contrário, para o conduzir à autonomia. Trata-se então de personalizar tanto o ato de aprendizagem quanto o ato de ensino, isto é, definir os meios apropriados a cada um” (Postic, 2007, p. 162).

Porém, a intencionalidade educativa exige ao educador que reflita sobre as concepções e valores subjacentes às finalidades da sua prática, valorizando o que as crianças já sabem e a forma como aprendem. Deste modo a intencionalidade dá um sentido novo à sua ação, o modo como a desempenha e onde pretende chegar.

2.1.2. A importância da planificação na orientação da prática

A planificação está estritamente associada ao currículo, que se baseia na organização dos conteúdos em vista da aprendizagem dos alunos. O currículo terá como ponto de partida o contexto social, o meio envolvente em que a escola se encontra, as características das crianças e suas famílias, procurando assim conduzir os educandos a entenderem a realidade que os cerca, nas suas mais variadas circunstâncias.

Toda a atividade junto das crianças exige reflexão como define as OCEPE (2016),

“Através de uma avaliação reflexiva e sensível, o/a educador/a recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução, falar com as famílias sobre a aprendizagem dos seus/suas filhos/as e tomar consciência da sua ação e do progresso das crianças, para decidir como apoiar melhor o seu processo de aprendizagem” (p.13).

O professor tendo o currículo como eixo central e ferramenta indispensável para seu desempenho pedagógico, sabendo que o currículo é flexível, deverá estar atento às mudanças e às exigências do mundo atual. No início do terceiro milênio tendo em conta as mudanças da sociedade hodierna, o currículo deverá ser pensado numa perspectiva de globalização que vise a interculturalidade, um currículo em que se trabalhe, o respeito, o diálogo entre todas as culturas, dando vez e voz a cada um dos educandos que chegam às nossas escolas, isto é intencionalidade pedagógica, como refere (O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória), a escola deve promover uma “educação para a compreensão mútua entre as pessoas, de pertencas e culturas diferentes; e desenvolvimento de uma ética do gênero humano, de acordo com uma cidadania inclusiva” (DGE, 2017, prefácio 6).

“O que constitui o currículo escolar é, pois, muito mais do que um elenco de tópicos ou disciplinas, mas não as dispensa – antes requer que sejam repensadas em termos de criação de quadros de referência cultural e científica, de integração significativa de conhecimentos e domínio das capacidades, de construção de competências que viabilizem processos realistas de formação ao longo da vida e não reduzam esta formação a uma retórica bem-intencionada” (Roldão, 1999, p. 17).

É de suma importância a ideia de conceber o currículo sob o ponto de vista prático. Pois, existe uma grande diferença entre o professor que age com intencionalidade na sua ação pedagógica, sabendo a razão de todo o que faz, contribuindo assim para o desenvolvimento integral do aluno, ao invés do outro professor que simplesmente transmite o conteúdo e não se preocupa se o aluno aprendeu ou não.

Assim sendo o currículo deve responder às problemáticas pertinentes da realidade social da instituição em cada época. Nos dias em que vivemos, somos convidados a receber em nossas instituições alunos oriundos de famílias diferentes, vindos de muitos lugares, devemos por isso, acolhê-los bem, para que possam engancharem-se no grupo de forma a crescerem uniformemente. Torna-se urgente criar meios, capacidades e recursos para desenvolver um trabalho educativo diferenciado em função à diferença de cada um dos alunos que temos em nossa escola.

2.1.3. Flexibilidade e autonomia curricular

Em educação, podemos afirmar que nunca está tudo feito, ela está sempre em constante reflexão e mudança, para promover uma formação de excelência e de iguais oportunidades a todos os alunos ao longo dos 12 anos de escolaridade obrigatória. A qualidade da educação passa por um conjunto de medidas e competências que vêm expressas nas propostas de vários documentos do Ministério da Educação, que são enviados para as escolas com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, isto tem-se verificado não só a nível do país mas, também a nível da Direção Regional da Educação.

Neste âmbito das prioridades definidas no Programa do XXI Governo Constitucional para a área da educação, foi aprovada, em regime de experiência pedagógica, a implementação do projeto de autonomia e flexibilidade curricular do ensino básico e secundário, no ano escolar de 2017-2018, e que vem apresentado no Despacho nº 5908/2017, de 05 de julho. Este projeto abrange tanto as escolas públicas como também os estabelecimentos privados, desde que tenham interesse em implementá-lo.

Em vista do projeto Future of Education 2030, da OCDE, foram realizados vários estudos com o intuito de auscultar os diversos intervenientes a nível nacional e também internacional, com isto foram definidos algumas orientações pertinentes para uma educação de excelência, como nos refere o documento:

A construção de um currículo do século XXI, a liberdade de atuação para garantir melhores aprendizagens a todos e o respeito pela autonomia das instituições e dos seus profissionais, passam, necessariamente, por criar as condições que permitam às escolas portuguesas responder com qualidade a estes novos desafios. A mudança não é, assim, consubstanciada numa vontade de inovar, é, antes, motivada pela valorização das escolas e dos professores enquanto agentes de desenvolvimento curricular, procurando garantir que com autonomia e flexibilidade se alcançam aprendizagens relevantes e significativas para todos os alunos (DRE, 2017).

No âmbito da autonomia e flexibilidade curricular, as escolas podem gerir até 25% da carga horária semanal inscrita nas matrizes curriculares-base, por ano de escolaridade, (DRE, 2017). Assim sendo as escolas gozam de uma maior liberdade para gerir o seu currículo, do modo que lhe seja mais viável na sua prática.

O documento (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória), também refere esta temática, reforça a necessidade de uma educação maleável para uma maior objetividade dos temas a ser estudados.

“Garantir o acesso à aprendizagem e à participação dos alunos no seu processo de formação requer uma ação educativa coerente e flexível. É através da gestão flexível do currículo e do trabalho conjunto dos professores e educadores sobre o currículo que é possível explorar temas diferenciados, trazendo a realidade para o centro das aprendizagens visadas” (2017, p. 13).

A reflexão é uma mais-valia na prática do docente, sendo este como um meio de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional. O professor que é reflexivo é um profissional que se sente insatisfeito com a sua docência e procura uma coerência entre aquilo que pensa e aquilo que faz.

2.1.4 O Currículo na Sala de aula

“É o currículo que define a natureza da instituição escolar, isto é, a escola existe porque e enquanto se reconhece a necessidade de, através dela, veicular, desenvolver e fazer adquirir, um currículo ou corpo de aprendizagens – seja o que for que se considere dever constitui-lo” (Roldão, 1999, p.27).

O currículo é uma das ferramentas de máxima importância para a ação pedagógica do professor enquanto agente do processo educativo. É um conjunto de orientações pedagógicas que norteia todo o trabalho nas escolas, tanto dos docentes, quanto dos alunos, é também um programa muito abrangente que engloba toda a comunidade escolar e o seu meio circundante.

Os professores tanto no passado como na atualidade, são os protagonistas que possuem em suas mãos a grandiosíssima responsabilidade de educar e formar os alunos, em todas as fases de estudo, desde a infância até ao término da vida escolar. São eles os verdadeiros mentores deste processo e dos resultados da aprendizagem de seus alunos, embora não sejam os únicos.

“Não devemos conceber o currículo como “aquele conjunto de textos normativos, centralmente definidos e desmultiplicados de forma idêntica – os programas das disciplinas – servidos por manuais tendencialmente uniformizadores, concebidos e usados como base de ação dos professores nas escolas, em vez de construídos como apoio para o trabalho, a investigação e o estudo dos alunos” (Roldão, 1999, p. 17).

É dentro das escolas que os docentes têm a liberdade de construir um currículo real, ainda que em parte, tendo em conta a contexto e o meio em que a escola está inserida, assim sendo, os professores juntamente com os alunos podem adequar o currículo nacional à sua realidade tornando-o na sua execução, prazeroso e de grande aprendizagem significativa para todos.

“O currículo é um programa que constitui o ponto de referência inicial para qualquer professor que deseje refletir sobre o que deve ser o seu trabalho. O programa traduz o que em cada momento cultural e social, é definido como o conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e experiências comuns desejados por todo um povo. E na medida em que se apresenta em termos prescritos, podemos referir-nos a ele como o conjunto de experiências de aprendizagem por que devem passar todas as crianças de um sistema escolar” (Zabalza, 2001, p. 13).

Podemos compreender o currículo como um espaço de decisão, tendo como base o programa, e pela programação, toda a comunidade escolar, no que se refere à escola, ao professor e à aula, podem delinear suas linhas de ação.

Para levar a efeito o ensino no contexto sociocultural de uma escola ou no marco concreto de uma sala de aula, não há soluções universais, não existem métodos únicos de desenvolver o Programa a nível da escola, nem de aplicar a programação, realizada a partir do Programa a nível de cada aula concreta. As características de cada situação, os sujeitos e a própria dinâmica gerada no processo escolar fazem com que a combinação de variáveis, e as suas consequências, sejam muito diferentes de uma escola para outra e de uma turma para outra, isto tem a ver com a dinâmica e estratégias dos docentes.

O professor é aquele que utiliza diversas estratégias para fazer o aluno aprender, para isso pode usar variadas formas de o fazer como: a leitura orientada, o questionamento, a pesquisa e experiências, a exposição, a exemplificação, visitas de estudo, estas e outras maneiras de aprender, parte do professor que com intencionalidade orienta todo o trabalho

para gerar aprendizagens, embora por vezes não atinja o sucesso desejado. Tendo em conta que cada pessoa aprende de uma maneira diferente, o trabalho diversificado oferece essa possibilidade de aprender de uma forma ou de outra as matérias definidas pelo currículo. Fazer com que os alunos aprendam é um dos objetivos principais do professor, por isso, ele dedica o tempo necessário, depõe os esforços que julga apropriados, para ensinar os seus educandos, até ter a certeza de que eles já dominam os conteúdos.

“O que os professores pensam que o currículo nas suas aulas é, e que realmente ensinam, podem ser coisas diferentes. No que se refere à instrução é difícil separar o que é do como. O ensino está relativamente imune a uma apreciação diagnóstica, e por isso há pouco “feedback” de outros; muitos poucos professores procuram voluntariamente uma avaliação continuada por parte dos seus alunos. Não sabemos até que ponto os professores se envolvem em autodiagnósticos, se as suas análises são profundas ou como é que usam os resultados” (Machado, G. 1999, p. 63).

No currículo deverá constar a forma de avaliação, que a escola e/ou professor utilizará para avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do todo o processo escolar. É pertinente avaliar todo o processo, para verificar o que resulta ou não, a adequação a fazer, a necessidade de redefini-lo, ou ajustes a introduzir para melhorar a consecução das metas propostas.

2.1.5. Avaliação na educação

“A avaliação é o processo de fazer juízes ou decidir sobre o mérito de uma determinada abordagem ou de um trabalho de um aluno” (Arends, 2008, p. 211).

No universo educativo precisa-se constantemente inovar na maneira de ensinar, de aprender e também de avaliar, para que a aprendizagem dos educandos seja significativa e desenvolva habilidades que irão necessitar no futuro. A avaliação na escola só faz sentido se tiver como objetivo principal melhorar a aprendizagem, para isso, o docente deverá buscar constantemente novas estratégias para que os alunos progridam no conhecimento dia-a-dia.

Nesta perspectiva, o professor em vez de, simplesmente despejar conteúdo, deve envolver-se com os alunos e criar um ambiente onde todos aprendem e procuram novas trilhas para chegar aos objetivos pretendidos.

“O principal papel da avaliação radica na sua incidência no próprio processo didático e no tipo de trabalho que nele se faz. Uma distinção já clássica em avaliação é aquela que se refere à avaliação sumativa em contraposição à avaliação formativa. Podemos dizer que a primeira não acrescenta nada ao processo enquanto tal, salvo a constatação do nível do êxito alcançado; avalia-se o resultado final e a classificação é assumida como indicador indireto e global da qualidade do processo seguido, sem outras consequências” (Zabalza, 2001, p. 239).

A ação de avaliar está estritamente ligada ao ensino/aprendizagem, muitas vezes é vista como a classificação da aprendizagem dos alunos mas, é muito mais que isso, é todo um processo que tem o seu início no momento em que o discente entra na escola, centra-se na discricção do seu saber ao longo do percurso académico e vai até á conclusão do curso. O ato de avaliar centra-se num processo global em que todas as dimensões do estudo se interligam para aperfeiçoar os conhecimentos, faz com que os alunos prossigam na busca do saber mais, para alcançarem as melhores classificações. Segundo a autora: “Avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução” (Roldão, 2008, p. 41).

A escola hoje, utiliza diversos instrumentos ou processos de avaliação, começo por referir a presença do aluno na escola, já é motivo de avaliação, a participação nas aulas, as atividades que realiza individualmente, uma pesquisa, um trabalho de grupo, uma ficha, um teste, tudo isto são objeto de avaliação por parte do docente mas, é evidente que as fichas e os testes ainda constituem um peso muito grande no ato de avaliar. No entanto a escola deverá apostar numa avaliação cada vez mais diversificada, tendo em conta que cada aluno é diferente dos demais, a sua aprendizagem é distinta e a maneira de ser avaliado também deve ser diferente.

Vários documentos normativos reforçam esta ideia de exercer uma variedade de métodos avaliativos, como podemos constatar nos seguintes decretos: “Reforçar as dinâmicas de avaliação das aprendizagens centrando-as na diversidade de instrumentos que permitem um

maior conhecimento da eficácia do trabalho realizado e um acompanhamento ao primeiro sinal de dificuldade nas aprendizagens dos alunos” (Decreto-Lei nº 55/2018).

“A avaliação assume caráter contínuo e sistemático, ao serviço das aprendizagens, e fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento do trabalho, a qualidade das aprendizagens realizadas e os percursos para a sua melhoria” (Diário da República n.º 149/2018, Portaria Nº 223 A/2018).

“A avaliação certifica aprendizagens realizadas, nomeadamente os saberes adquiridos, bem como as capacidades e atitudes desenvolvidas no âmbito das áreas de competências” (Diário da República n.º 149/2018, Portaria Nº 223 A/2018).

Assim sendo, o processo de avaliação ou regulação é de extrema importância no progresso dos métodos de ensino, contribuem positivamente na diversidade e promoção de melhores ocasiões de aprendizagem para todos os alunos. A avaliação é uma fonte de dados ao professor para que este, não só avalie o desempenho de seus alunos mas, coloque o termómetro nas próprias estratégias de trabalho. É importante salientar aqui, que uma das preocupações do docente foca-se em identificar as dificuldades de seus alunos e de os apoiar no sentido de encontrarem juntos a melhor forma de minimizar essas lacunas e tanto quanto possível aprendam a aprender.

Parte 2

Metodologia e Prática Profissional no Contexto do Pré-Escolar

Capítulo III

3. Contextualização do ambiente educativo

“Um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais” (Post, Hohmann, 2007, p.101).

Os centros de educação infantil têm uma grande preocupação com o ambiente de forma a proporcionar às crianças espaços bem organizados e coloridos, de maneira a atrair a atenção, a simpatia de todos os que frequentam e favorecer uma aprendizagem ativa. O ambiente é tão importante que deve inspirar “ordem e flexibilidade se quiser responder aos interesses da criança sempre em mudança, promover as escolhas que esta vai fazendo e ajudá-la a ganhar a sensação de controlo sobre o seu mundo imediato” (Post, Hohmann, 2007, p.102).

3.1. Caracterização do meio geográfico e histórico

No que se refere à toponímia, o Externato Princesa Dona Maria Amélia e Infantário Rainha Sílvia, situam-se na Avenida Infante n.º 12, no Concelho do Funchal, mais concretamente, na Freguesia da Sé.

A norte desta instituição situa-se a Calçada da Cabouqueira. Esta calçada foi assim designada devido a uma ampla existência de caboucos. A sul localiza-se a Avenida D. Infante bem como o Parque Santa Catarina. A Este localiza-se a Avenida Calouste Gulbenkian e a Rua Doutor João Brito Câmara. Em relação à Avenida Calouste Gulbenkian, foi atribuída esta designação em homenagem ao engenheiro, mecenas e empresário, Calouste Sarkis Gulbenkian, que foi um grande contributo para o fomento da cultura em Portugal. A oeste localiza-se a Rua do Jasmineiro e a Rua Infante Santo. A Rua do Jasmineiro possui esta denominação, dada a existência de uma vasta área de jasmineiros, e a Rua Infante Santo designa-se desta forma, em homenagem ao D. Fernando, irmão do Infante D. Henrique, que morreu em cativo.

Junto às instituições é possível encontrar diversas atividades e instituições oficiais, burocráticas e comerciais, como bancos, estabelecimentos de comércio e grande parte das repartições públicas (Projeto Educativo de Escola, 2013/2017; Projeto Educativo, 2014/2018). Além disso, encontram-se, ainda, restaurantes, hotéis, áreas comerciais, áreas de lazer (exemplo: Parque de Santa Catarina), estações de serviço, parques de estacionamento, entre outros.

No que se refere à arquitetura do local é uma zona que possui maior antiguidade na elaboração de edifícios habitacionais, tal como o seu arruamento. Ao longo dos anos, é notável uma diminuição do número de moradores da zona, uma vez que o movimento comercial fez com as habitações se transformassem em estabelecimentos comerciais. As ruas dessa área são constituídas de vistosa arborização. Todavia, o tempo foi destruindo uma parte do processo primitivo de aglutinação urbana, tanto no seu traçado como na arquitetura, tendo estes sido danificados e modificados. Assim, a localidade foi abandonada pela maior parte da população economicamente favorecida e ocupada por famílias menos dotadas, notando-se a degradação dos costumes e tradições morais (PEE, 2013/20217), (PE, 2014/2018).

A existência de ribeiras nas proximidades do Infantário, como a Ribeira de Santa Luzia e a Ribeira de João Gomes, é característica do meio envolvente desta freguesia. Além disso, é facto que a zona é considerada bem servida pelas águas, dada a existência de antigos fontanários no alto da Rua da Conceição e no meio da Rua do Bom Jesus.

É de referir que a freguesia da Sé conta com várias escolas de Ensino Básico e escolas secundárias, bem como diversos centros e monumentos culturais, destacando-se a Igreja da Sé, a Igreja do Colégio, o Museu de Arte Sacra, entre outros.

O processo de evolução desta zona cosmopolita madeirense levou à redução de recordações e transmissão de canções tradicionais que se foram perdendo aos poucos. Conservam-se, ainda nos dias de hoje, algumas tradições típicas, não só da cidade, mas também de toda a ilha, como os festejos dos Santos Populares, do Natal, do Fim de Ano, do Carnaval e da Páscoa.

O estudo do meio que envolve a instituição manifesta-se essencial pois o mesmo influencia, de forma indireta, a educação das crianças. Assim sendo, o educador deve encarar esta prática como um instrumento de análise e reflexão, de modo a que consiga adaptar a sua

intervenção pedagógica ao grupo de crianças com que se interage diariamente (PE, 2014/2018).

3.1.1. Caracterização da Instituição

O Externato Princesa Dona Maria Amélia conhecido por Hospício, teve o seu início a 04 de fevereiro de 1856. A 30 de agosto do ano 1852, D. Pedro I e sua esposa, Imperatriz D. Amélia, vieram à Madeira, com o desejo de conseguir curar a sua filha a Princesa D. Maria Amélia, que sofria de tuberculose. Infelizmente, apesar das tentativas de cura a Princesa viria a falecer no dia 04 de fevereiro do ano de 1853, com apenas 21 anos de idade. A Imperatriz D. Amélia em memória da sua filha, mandou que se construísse o Hospício Princesa D. Maria Amélia, onde fossem recebidas ou tratadas pessoas pobres e doentes da tísica pulmonar. A construção só ficou pronta em 1859 mas, a sua ação só entrou em funcionamento a 04 de fevereiro de 1862.

Na verdade, o Externato começou, efetivamente, a sua atividade a 5 de abril de 1937 (PE, 2014/2018).

Atualmente, este edifício (Imagens 3 e 4) funciona com as seguintes valências: Creche, Jardim de Infância, Ensino Básico.

Figura 3 - Entrada principal e secundária do Externato. Fonte: autora



As instalações do Pré-Escolar têm capacidade para 85 alunos; está dividido em 4 salas: duas salas de 4 anos e duas salas de 5 anos, sendo o critério de enquadramento dos alunos em cada sala, o da data de nascimento (PE, 2014/2018).

3.1.2. Caraterização do espaço físico da sala

“É importante que a sala esteja organizada e ambientada com uma certa sensibilidade estética que, além de tornar agradável a permanência na mesma “eduque” a sensibilidade estética e artística das crianças” (Zabalza, 1998, p.260).

A sala ‘Verde’ estava distribuída em cinco áreas:

Figura 4 - Área do jogo simbólico. Fonte: autora

Área do jogo simbólico



Esta área inclui a casinha das bonecas, a arca das roupas e outras utilidades, como roupas e calçado de adulto, a cozinha, o quarto de jantar e o quarto de dormir. Aqui as crianças podem fazer dramatizações e imitar os modelos da vida familiar.

Figura 5 - Área da biblioteca. Fonte: autora

Área da biblioteca



Este espaço é considerado um lugar de concentração, aqui as crianças podem explorar o mundo através dos livros, manusear os livros, podem ‘ler’ histórias, contar histórias, consultar ficheiros de imagens, revistas, fotografias...

Figura 6 - Área do Tapete. Fonte: autora

Área do tapete



Neste espaço acolhe-se as crianças, cantamos os bons dias, marcamos as presenças, contamos histórias, introduzimos o conteúdo a ser trabalhado, e ainda é usado para os jogos de encaixe, legos, onde a criança experimenta construções tridimensionais.

Figura 7 - Área dos jogos de mesa. Fonte: autora

Área dos jogos de mesa



Esta área é composta de variados jogos: jogos da memória, puzzles, aqui também fazem a moldagem com plasticina, desenvolvendo com estes recursos o raciocínio, o pensamento lógico, e a coordenação motora.

Figura 8 - Área da garagem. Fonte: autora

Área da garagem



Neste espaço encontra-se um tapete estampado com uma pista, vários carros, uns pequenos, outros maiores e helicópteros. É de salientar que esta área é significativamente explorada pelos meninos, ao passo que todas as outras são frequentadas por todas as crianças em geral.

Na sala encontram-se também, mesas e cadeiras para a realização das diferentes atividades pedagógicas, uma estante com materiais de utilização múltipla, que estão ao alcance das crianças, assim como ficheiros para serem colocadas as produções das mesmas.

3.1.3. Caraterização do meio familiar do grupo

A clientela que frequenta o Externato Dona Maria Amélia, na maioria reside no concelho do Funchal, Câmara de Lobos e Caniço sendo que, a grande parte dos encarregados de educação trabalham fora da área de residência.

“No que respeita à profissão dos Pais/Encarregados de Educação, fator este em estreita relação com o nível socioeconómico das famílias, a maior parte refere-se a engenheiros, profissionais da educação (professores e psicólogos), profissionais da restauração e da hotelaria, sendo ainda de salientar os bancários e empresários” (PE, 2014/2018).

A interação social que se estabelece na educação pré-escolar entre crianças e adultos e vice-versa, constitui a base onde assenta o processo educativo. Nesta interação existem “diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo” (OCEPE, 2016, p. 24).

O grupo de crianças que constituía a Sala Verde eram 19, na faixa etária de 4 e 5 anos, sendo 13 meninas e 6 meninos, este era um grupo muito acessível para a realização das atividades, onde todos colaboravam de forma muito ativa e responsável.

3.1.4. Caraterização e constituição do grupo

“Na educação de infância, cuidar e educar estão intimamente relacionados, pois ser responsável por um grupo de crianças exige competências profissionais que se traduzem,

nomeadamente, por prestar atenção ao seu bem-estar emocional, físico e dar resposta às suas solicitações” (OCEPE, 2016, p. 24).

Um Educador para estar com um grupo de crianças na sala a ensinar, a conhecer, a explorar o mundo à sua volta, exige e torna-se pertinente conhecer profundamente as características das crianças na faixa etária ao qual irá trabalhar.

Esta caracterização é referente às crianças de 5 anos com as quais eu trabalhei. Nesta idade as crianças já são capazes de ter um maior controle das suas emoções e compreender as necessidades dos que estão ao seu lado. Estas competências são muito importantes, no seu meio social, tanto em casa quanto na escola. Nesta idade também já cresce o termo de responsabilidade, assim em casa e também na escola elas já conseguem assumir pequenas tarefas e cargos.

Na escola, apesar de poder ter um ou dois melhores amigos, a criança ainda privilegia a amizade de todos, brinca indiscriminadamente com qualquer um dos colegas e gosta de realizar as atividades em grupo.

A criança aos 5 anos já desenvolveu a noção de tempo e consegue estruturar o tempo em dias, semanas e meses. Nesta faixa etária, começa a compreender o significado das palavras e seu vocabulário amenta, devido à capacidade de compreensão que vai adquirindo na conversa e na interpretação dos diálogos, seja com crianças da mesma idade, seja com os adultos. Também já é capaz de distinguir o certo do errado, a verdade da mentira e ter já alguma noção do correto e do incorreto. É uma idade que gosta muito de contar e inventar histórias, sua criatividade é fabulosa e tenta representar em forma de desenho aquilo que lhe passa pela mente e essas produções vão tendo cada vez mais elementos.

A nível do desenvolvimento físico, consegue correr com bastante facilidade, saltar à corda, saltar com os dois pés juntos, com apenas um pé, pular obstáculos, jogar à bola, fazer exercícios de equilíbrio, andar de bicicleta, tocar um instrumento musical e muitas outras coisas.

No que se refere às crianças da sala ‘verde’, é um grupo heterogéneo que era constituído por 19 crianças, sendo 13 meninas e 6 meninos, na faixa etária de 5 anos. A maior parte do grupo vinha junto desde a creche, apenas 2 entraram mais tarde, sendo ambos oriundos da Venezuela.

O grupo tinha uma característica peculiar, gostava de aprender coisas novas, com metodologias diferenciadas, e demonstrava interesse e curiosidade perante a novidade. Tendo estes aspetos em conta e como afirma Zabalza, (1998) “torna-se cada vez mais necessária a criação de “cenários estimulantes” que convidem a criança a aprender, a descobrir, a pesquisar” (p. 255).

3.1.5. Rotina diária da “Sala Verde”

“O tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade. A sucessão de cada dia, as manhãs e as tardes têm um determinado ritmo, existindo, deste modo, uma rotina que é pedagógica porque é intencionalmente planeado pelo/a educador/a” (OCEPE, 2016, p. 27).

Na educação infantil existe uma rotina, uma organização das atividades diárias de modo a facilitar as ações desenvolvidas pelos educadores. A rotina diária favorece a estabilidade das crianças e a sua orientação cronológica, pois, passado algum tempo elas já sabem a sequência dos diferentes momentos do dia. “Os horários e as rotinas são suficientemente repetitivos para permitirem que as crianças explorem, treinem e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento, embora permitam que as crianças passem suavemente, ao seu ritmo, de uma experiência interessante para outra” (Post, Hohmann, 2007, p.15).

Tabela 1 - Rotina diária do grupo da “Sala Verde”. Fonte: autora

Rotina diária	
8h00-9h00	Acolhimento das crianças
9h00-10h00	Canções dos bons dias, marcação das presenças, do dia da semana e as condições meteorológicas
10h00-10h30	Lanche
10h30-11h00	Atividades livres no exterior e higiene
11h00-11h30	Atividades pedagógicas
11h30-12h30	Almoço e higiene
12h30-13h00	Atividades livres/Filme (desenhos animados)
Segunda-feira: Educação Física (9h45-10h30)	
Terça-feira: Expressão Dramática e musical (10h45-11h30)	

3. 1.6. Momentos de aprendizagem

Todas as atividades realizadas no decorrer da prática pedagógica, foram elaboradas de acordo com o Projeto Educativo da Escola (PEE), que tem como tema:” Sou Criança e Vivo Feliz”. O projeto visa potencializar o crescimento das crianças nas diversas dimensões em que se inserem. Para a elaboração da planificação foi-me dado a cada semana pela educadora cooperante o tema a ser desenvolvido na semana seguinte. Entre as atividades realizadas selecionei três que me parecem mais pertinentes e ainda a atividade realizada pelo grupo de estagiárias para a comunidade escolar da creche e pré-escolar.

- *A habitação.* Para desenvolver este tema foi usado como suporte a história dos três porquinhos, onde vemos o modelo de construção das três casinhas.
- *O corpo humano.* No âmbito do corpo humano, foi utilizado o corpo de uma das crianças para desenhar a sua silhueta e a partir daí foi explorado o tema.
- *O natal.* Este assunto partiu da iniciativa de escrever uma carta ao pai natal, com o objetivo de lhe pedir os brinquedos do sapatinho.
- *O Pão por Deus.* Para que este tema fosse trabalhado de uma maneira diferente e interessante para as crianças, foi desenvolvido e apresentado em forma de teatro pelo grupo de estagiárias.

Capítulo IV

4. Investigação-Ação

4.1. Projeto de Investigação Ação no Pré-Escolar

“A Investigação-Ação constitui uma forma de questionamento reflexivo e coletivo de situações sociais, realizado pelos participantes, com vista a melhorar a racionalidade e a justiça das suas próprias práticas sociais ou educativas, bem como a compreensão dessas práticas e as situações nas quais aquelas práticas são desenvolvidas”. (Kemmis e Mc Taggart. 1988), referido por Matos (2004).

Este trabalho de Investigação-ação surgiu no âmbito da Prática Pedagógica I. Esta foi realizada no Externato Princesa Dona Maria Amélia, na valência de Pré-Escolar, com crianças de 5 anos, nomeadamente na “Sala Verde”.

Após os três dias de observação e no decorrer do estágio verifiquei que no grupo havia uma criança, o Michael, (nome fictício) que se destacava pelas suas atitudes e comportamentos um pouco desajustados das demais, destacava-se ainda pela sua carência afetiva. Desde que notei essa desfasagem comecei a trabalhar com o grupo de forma, a que todos o ajudassem a superar tais lacunas na sua maneira de estar em comum, porque isso, causava um certo desconforto no ambiente da sala.

A questão formulada foi a seguinte: *Como é que o grupo da “Sala Verde” pode contribuir para a integração social da criança com necessidades educativas especiais na área da comunicação?*

A partir desta pergunta comecei a implementar algumas estratégias no grupo, com o intuito de ajudar o Michael a perceber que a sua conduta não era correta e que poderia melhorar se, se deixasse ajudar pelos educadores e colegas, a fim de aperfeiçoar as suas atitudes e comportamento.

No decorrer deste trabalho apresentarei a situação problema e o enquadramento do mesmo, referindo algumas atividades e estratégias usadas durante a Prática Pedagógica.

4.1.1. Enquadramento do problema

Desenvolvi a minha Prática Pedagógica na Escola Princesa Dona Maria Amélia, nomeadamente na “Sala Verde” durante nove semanas. O grupo era constituído por 19 crianças, sendo 13 meninas e 6 meninos, na faixa etária de 5 anos. Quanto à situação familiar, pude constatar no momento do acolhimento, momento único do encontro com os encarregados de educação, que a maioria das famílias pertence à classe média.

No decorrer do estágio, apercebi-me que o Michael destacava-se das outras crianças pela sua maneira de estar e de agir. Muitas vezes, quando todos estavam concentrados a realizar qualquer atividade, ele saía do seu lugar e ia para outra área da sala. Por vezes quando lhe proponha que fizesse uma atividade, dizia que não, e eu não conseguia convencê-lo a mudar de ideias, mais tarde então vinha perguntar se podia fazer; quando contrariado levantava a mão para bater quer aos colegas, quer aos adultos da sala. Esta problemática influenciava o grupo todo, pois, as outras crianças por vezes eram “vítimas” da má conduta dele. Então comecei a pensar o que fazer, como fazer para minimizar esta situação.

4.1.2. Questão desta Investigação-Ação

A problemática formulada, como já referi a cima, foi encontrada alguns dias depois da observação e início da minha prática pedagógica, detetei que no grupo havia uma criança que se distinguia pela sua maneira de se relacionar com os colegas e adultos. Após conversar com a educadora cooperante e com a auxiliar da sala, formulei a seguinte questão:

Como é que o grupo da “Sala Verde” pode contribuir para a integração social da criança com necessidades educativas especiais na área da comunicação?

4.1.3. Revisão preliminar

“A investigação-ação pretende contribuir para a resolução das preocupações numa situação problemática imediata; visto que a investigação-ação não lida apenas com teorias e conceitos, mas sobretudo com problemas reais e pessoas concretas” (Máximo-Esteves, 2008, p. 19).

A criança nesta faixa etária sente-se segura quando está em casa, ou na escola próximo de pessoas que já conhecem, perto daquilo que reconhecem como seguro. Normalmente nesta idade aceita normas e também a supervisão dos adultos e gosta que eles brinquem com ela os mesmos jogos. Nas suas brincadeiras gosta de imitar o comportamento dos pais e educadores. Também já percebe alguns conceitos como: o “antes” e o “depois”, em “cima” e “em baixo”, “dentro” e “fora”, o “hoje” e o “amanhã”, sabe distinguir o sexo, o que é menino e o que é menina.

Na idade de 5 anos seu desenvolvimento motor está bem desenvolvido, já consegue subir e descer escadas pondo alternadamente um pé em cada degrau e saltar obstáculos. É capaz fazer pinturas utilizando diferentes técnicas, como lápis, pincel, esponja, cotonetes e outros. A sua linguagem é clara e muito mais objetiva e coerente.

“Embora o crescimento infantil seja um processo global e interligado, não se produz de maneira homogeneia nem automática. Cada área do desenvolvimento exige intervenções que o reforcem e vão estabelecendo as bases de um processo equilibrado do conjunto” (Zabalza, 1998, p. 52).

Para que o desenvolvimento aconteça,

“é preciso colocar a criança no centro do processo educativo, ou seja, partir do seu estágio atual de desenvolvimento e apoiar o seu percurso para o estágio seguinte. A criança não é uma mera recetora de informação, é antes o construtor de sua inteligência e do seu conhecimento” (Zabalza, 1998, p. 151).

Tendo como foco principal o desenvolvimento da criança pelo conhecimento, torna-se importante criar espaços de atividades programadas, onde a criança possa ter a oportunidade de fazer experiências com a realidade e assim desenvolver as suas potencialidades, a nível intelectual, social, que lhe permite conhecer o mundo à sua volta, conhecer-se e conhecer os outros. O autor aponta que:

“construir conhecimento implica numa ação partilhada, que implica num processo de mediação entre sujeitos. Nessa perspetiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem. A heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo, a cooperação e a informação, ampliando conseqüentemente as capacidades individuais. As relações sociais se convergem em funções mentais” (Vygotsky, 1991, p. 4).

“A criança, um ser com uma energia e um dinamismo próprios, que age a partir de interesses concretos, apreende as coisas do mundo de uma forma holística, e global; a criança pelo simples contato com as pessoas que a rodeiam aprende dessa forma holística as regras complexas da linguagem sem um método ou manual, sem mesmo a intervenção sistemática do adulto” (Mendonça, 1997, p. 26).

É a partir da mediação que o ser humano estabelece com o outro, que ocorre o desenvolvimento dos níveis superiores da mente, é através da mediação que a criança/aluno se apropria dos modos de comportamento, do conhecimento, nas mais variadas áreas da cultura, na qual ela vai aprendendo a história da humanidade, tanto a do passado quanto a do presente, no seu meio concreto.

Para que possamos passar o legado das ciências, do conhecimento para os outros é necessário acreditar na arte do diálogo aberto, na contraposição de ideias que leva a outras novas ideias, este diálogo consiste em uma relação próxima, horizontal entre as pessoas envolvidas nessa relação, pois, a palavra tem uma força muito grande, é capaz de transformar o outro de mudar as suas concepções, e pontos de vista, quando o interessado está aberto a esse diálogo. Um ser humano que viva isolado dos semelhantes, dificilmente conseguirá adquirir uma conduta adequada de se relacionar com a sociedade, e de conhecer o mundo contemporâneo na sua realidade.

É nesta perspetiva de relação, que encaixamos a relação estreita e com intencionalidade que deve estabelecer-se entre o professor e a criança/aluno. É também pertinente recorrer a diversas ferramentas exemplo: a da observação para poder chegar a interpretar, decodificar e entender, o que se passa com cada uma das crianças/alunos do grupo com quem trabalha.

Piaget foi desde muito cedo um estudioso na área da psicologia da criança, para concretizar o seu estudo observava-as durante as suas atividades comuns, com isso, deixou-

nos um grande legado em publicações e estudos que são de grande relevância no campo educacional.

É nesta perspectiva que Piaget, (2010) afirma que “o desenvolvimento das operações mentais depende de um meio rico de estímulos. Em um ambiente adequado e propício, a criança desenvolve suas potencialidades, favorecendo assim não só seu crescimento físico, como emocional e social”.

Assim sendo é da responsabilidade da pré-escolar o desenvolvimento desse processo de crescimento, a todos os níveis, e são seus agentes estimuladores, os educadores e demais comunidade educativa. É nesse espaço da pré-escolar que o educador tem uma missão desafiadora a cumprir, deve promover nas suas crianças a vontade de aprender, apresentar os conteúdos de maneira prazerosa e interessante e assim provocar nelas a aprendizagem.

O período da pré-escolar é um “período crítico para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais, bem como para o desenvolvimento de atitudes e valores estruturantes para aprendizagens futuras” (OCEPE, 2016, p. 4).

“Todo o sistema educativo tem a aprender com a educação pré-escolar. Este é o nível educativo em que o currículo se desenvolve com articulação plena das aprendizagens, em que os espaços são geridos de forma flexível, em que as crianças são chamadas a participar ativamente na planificação das suas atividades, em que o método de projeto e outras metodologias ativas são usadas rotineiramente, em que se pode circular no espaço da aprendizagem livremente” (OCEPE, 2016, p. 4).

“Apostar na educação como principal fator do desenvolvimento humano e social, significa acreditar que não há fase da vida em que a educação não seja crucial” (OCEPE, 2016, p. 4).

Tendo como base este principio a educação hoje, é pensada desde que a criança nasce até à sua vida adulta, porque acreditamos, que o futuro depende da formação de base, assegura uma sociedade em que todos podem ter as mesmas oportunidades e assim projetamos uma sociedade mais justa e fraterna.

A Lei-Quadro (Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro) Define objetivos para o desenvolvimento da criança na Pré-Escolar, dos quais retirei alguns. São objetivos da educação pré-escolar:

a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;

b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;

d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas.

4.1.4. Caraterização do Michael

“O termo NEE vem, assim, responder ao princípio da progressiva democratização das sociedades, refletindo o postulado na filosofia da integração e proporcionando uma igualdade de direitos, nomeadamente no que diz respeito à não discriminação por razões de raça, religião, opinião, características intelectuais e físicas, a toda a criança e adolescente em idade escolar” (Correia, 1997, 47).

O conceito de NEE é, assim, associado a crianças e jovens que apresentem problemas sensoriais, físicos, intelectuais e emocionais. Estas crianças/alunos que são sinalizados com um, ou mais problemas, deverão frequentar as salas de crianças/alunos ditas normais, pois, é no convívio com os outros que irão desenvolver suas potencialidades com maior facilidade; é nesta interação que uns e outros aprenderão a terem presente que a “diferença” existe em cada indivíduo, que cada um tem as suas capacidades e necessidades específicas e individuais.

Na questão formulada para esta investigação-ação, refiro que o elemento do meu estudo focaliza-se no menino Michael com necessidades educativas especiais, ele está sinalizado para este acompanhamento diferenciado, com o objetivo de superar as suas necessidades e poder acompanhar o seu grupo nas mais variadas atividades propostas para

crianças de 5 anos. Michael apresenta muitas dificuldades no relacionamento com as outras crianças e com os adultos da sala, fica à distância do grupo, é agressivo quando alguma coisa não corre como gostaria, não gosta de realizar atividades, quer é brincar e não aceita regras.

4.1.5. Entrevista à educadora cooperante

Para a realização da entrevista, fui à escola, lugar do estágio, depois de terminar a minha Prática Pedagógica, em dia e hora combinado com a educadora cooperante, a entrevista teve duração meia hora, onde coloquei as questões pertinentes ao meu trabalho desta Unidade Curricular. Esta realizou-se num momento tranquilo e livre de interferências de ninguém e, assim podemos conversar e registar as respostas.

Na entrevista à educadora cooperante, ela afirmou acerca deste assunto o seguinte:

O Michael tem uma perturbação a nível Sensorial, significa que ele não sente o calor e o frio como nós.

“Muitos indivíduos com autismo mostram respostas não comuns ao estímulo sensorial chamado estímulos. Essas respostas são devido às dificuldades no processamento e a integração das informações sensoriais. Visão, audição, tato, olfato, paladar, a sensação de movimento (sistema vestibular) e do senso de posição (propriocepção) podem ser afetados. Isto significa que embora a informação possa ser sentida normalmente, pode ser percebida de forma muito diferente” (Manual para as Escolas, 2008, p. 22).

Olhando a criança no ponto de vista da comunicação, verifiquei que ela tem algumas dificuldades em estabelecer interação com quem não conhece, demora algum tempo a socializar-se muito mais que as outras crianças.

A fala da educadora cooperante:

O Michael é uma criança um pouco introvertida no que diz respeito a esse ponto, ele demora a estabelecer relação mas, depois torna-se próximo e até carinhoso.

No decorrer da minha prática observei outro aspeto do agir do Michael, no que se refere ao seu relacionamento com os colegas, observei que brincava com todos, tanto com as

meninas quanto com os meninos, embora procure brincadeiras onde estão os meninos, como a área da garagem.

A fala da educadora cooperante:

Depois deste tempo em que o Michael está comigo, que já é o segundo ano, constato que ele ainda não criou laços de amizade com um ou mais amigos, brinca com todos.

No que se refere à aprendizagem e o que pude aferir é que a criança tem algumas dificuldades que o impedem de alcançar o mesmo patamar dos colegas, nesta dimensão. No meu ponto de vista ele apresenta deficit de atenção e concentração, o que o leva a criar à sua volta uma inquietude e com isso perturba também o grupo.

A fala da educadora cooperante:

O Michael tem dificuldade em todas as áreas da aprendizagem, isto deve-se à sua falta de concentração e atenção, e quando não quer fazer, ninguém consegue mudar a sua opinião.

Um outro aspeto, não menos importante que verifiquei e que pode ser um obstáculo para desenvolvimento integral da criança, poderá ser a nível cónico visto que é um fator importante no crescimento e desenvolvimento da mesma.

“Atualmente, aceita-se que a inteligência infantil tem como suporte bases somáticas, ainda que a sua força e funcionamento se relacionem estritamente com a quantidade e qualidade das experiências vividas pelo sujeito. Os estímulos oferecidos pelo meio ambiente, as relações interpessoais o reforço obtido nas próprias condutas, a própria personalidade são fatores do desenvolvimento intelectual - cognitivo dos sujeitos” (Zabalza, 1992. p. 40).

Fala da educadora cooperante:

Foi-me dito que o nível cognitivo do Michael está num nível abaixo ao da sua idade, isto é, equivale aos 4 anos.

Ainda um outro aspeto relevante e que foi objeto de diálogo durante a entrevista, é a situação familiar em que a criança vive. Ele já havia comentado que tinha uma irmã mais velha, mas não brincava com ela.

Fala da educadora cooperante:

A situação familiar é normal, vive com a mãe e uma irmã, o pai está separado e tem pouco contato com a família.

Após a entrevista pude constatar que, para além do problema sensorial diagnosticado no Michael, existem outros fatores que influenciam no seu comportamento desajustado perante o grupo. O facto de viver numa família dita “normal” com pai ausente, considero que este é um ponto fulcral, que causa transtornos sérios na vida de uma criança, porque um dia vai com o pai, outro dia vai com a mãe criando uma grande instabilidade emocional.

4.1.6. Técnica e instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados usei como instrumentos a observação e a entrevista aberta, que segundo Esteves, “a entrevista é uma conversação intencional e orientada, que implica uma relação pessoal, durante a qual os participantes desempenham papéis fixos: o entrevistador pergunta e o entrevistado responde. É utilizada quando se pretende conhecer o ponto de vista do outro” (Esteves, 2008, p. 92-93).

“As entrevistas informais aproximam-se da conversação do quotidiano, distinguindo-se desta pela sua intencionalidade, uma vez que são usadas para obter informações que complementam os dados da observação” (Esteves, 2008, p. 93).

A observação é um dos instrumentos de registo, para realizar um bom trabalho, na investigação-ação.

“A escolha dos instrumentos a utilizar para recolher os dados relativos ao estudo depende das questões enunciadas. Por exemplo ao estudar as dificuldades de socialização de algumas crianças, dados os obstáculos de comunicação que lhe estão associados, é mais aconselhável recorrer à observação como primeira fonte de obtenção de dados do que à entrevista” (Esteves, 2008, p. 87).

4.1.7. Estratégias de intervenção

Anastasiou e Alves (2006) “lembram que é comum falar sobre estratégias ou técnicas de ensino, mas será que sabemos realmente o significado que essas palavras têm? Conhecer a origem delas é importante”.

- Estratégia do grego “strategía” e do latim “strategia” é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis disponíveis, com vista à execução dos objetivos específicos.

Nos nossos dias ser professor vai para além do saber transmitir os conteúdos, elaborar exercícios ou mesmo uma prova. Ser professor hoje requer ser criativo e dinâmico, é ser um verdadeiro artista no fabrico de estratégias, no sentido de planejar, selecionar, estudar e organizar os meios mais eficazes que conduzam os alunos à aprendizagem dos diferentes saberes.

Elaborar estratégias nem sempre é tarefa fácil pois, exige essa criatividade e dinamismo profissional para conseguir encontrar caminhos que nos conduza ao conhecimento intrínseco da criança, onde possamos entender a forma como ela vê o mundo e o constrói.

4.1.8. Estratégias práticas

A criança aprende na interação com os outros, para isso o educador ou o professor deve dar lugar à competência para criar situações problemáticas que provoquem o raciocínio da criança/aluno com o objetivo de obter aprendizagens satisfatórias.

As estratégias são uma forma de despertar essas situações para que a criança venha a moldar e melhorar o seu comportamento. Com base nestes conceitos e com a ajuda da educadora cooperante procurei elaborar algumas estratégias simples, que no decorrer da rotina diária pudéssemos orientar o grupo a fim de ajudar o Michael com pequenas atitudes. Também recorri a algumas histórias, da literatura infantil e outras criadas por mim, e ainda algumas histórias bíblicas, onde nos falamos do amor e respeito pelo próximo, tudo isto para demonstrar atitudes e procedimentos, os quais eu queria enfatizar e ensinar ao grupo todo,

mas tendo em conta as lacunas evidenciadas na conduta da criança, objeto do meu estudo. São estas algumas das estratégias aplicadas:

- a) a criança que normalmente lhe dava a mão no ‘comboio’ ia buscá-lo para formar a fila;
- b) quando queria brincar em momentos não recomendados, quem estivesse ao seu lado deveria chamar a sua atenção;
- c) quando estivesse a realizar uma atividade, deveria ajudá-lo a concentrar-se, se ele levantasse a mão para bater os colegas deveriam chamar imediatamente o adulto que estivesse por perto;

E muitas outras, atitudes como estas foram sugeridas ao grupo para que o Michael pudesse perceber que deveria deixar-se ajudar pelos amigos, a fim de superar as suas dificuldades.

4.1.9. O Método de análise de dados

“A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese procura de padrões, descoberta dos aspetos que deve ser importante, e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205).

Todo o trabalho de recolha de dados, deverá ser analisado cuidadosamente, pois, esses dados servirão de suporte para as respostas à pergunta inicialmente formulada. O investigador principiante sente-se um pouco perdido no campo de ação, não sabe por onde começar, visto que este trabalho é complexo, exige dele muita perícia na observação e no registro dos dados.

Segundo Bogdan & Biklen, (1994)

“existem dois modos de enquadrar as abordagens à análise. Numa das abordagens a análise é concomitante com a recolha de dados e fica praticamente completa no momento em que os dados são recolhidos. A outra abordagem envolve a recolha dos dados antes da recolha da avaliação da análise” (p. 206).

Na análise concomitante, já deverá haver análise durante a investigação e recolha de dados, se o investigador não o fizer os dados podem ser escassos para realizar futuramente a análise pretendida e certamente a seu estudo ficará com alguma lacuna.

4.1.10. Fases do Projeto de Investigação-Ação

Para a realização do projeto, houve muito pouco tempo para fazer um estudo mais aprofundado da problemática. Só me foi possível elaborar a formulação da questão da investigação-ação e algumas intervenções básicas, que no decorrer da rotina tentei implementar, com o apoio da educadora cooperante, com o intuito de fazer nascer outras ideias e atitudes que venham a desbloquear aquela e outras problemáticas que possam surgir no grupo. O fator tempo é de suma importância para uma observação bem pormenorizada, exigindo ao observador, tempo e disponibilidade para realizar a investigação-ação com maior rigor, porque ele precisa de detetar o problema e depois tentar racionalizá-lo e por fim procurar a solução para o mesmo.

A prática pedagógica teve quatro etapas mas, o diagnóstico do problema e a formulação da questão da investigação-ação, a intervenção onde foram postas em práticas as estratégias, realizou-se nas últimas cinco semanas.

Tabela 2 - Fases do Projeto de Investigação-Ação I. Fonte: autora

Fases do projeto	Tempo
Observação	Uma semana
Intervenção / diagnóstico	Quatro semanas
Intervenção /diagnóstico Reflexão (depois de formular a pergunta)	Cinco semanas

4.1.10.1. Reflexão final sobre o projeto de Investigação-Ação

O projeto de Investigação-Ação permitiu ao grupo da “Sala Verde” momentos de uma aprendizagem ativa e colaborativa, no que respeita à socialização entre todas as crianças, colocando o foco na criança em estudo, cooperando com ela ativamente a fim de ajudá-la a crescer na interação e no conhecimento.

Olhando com uma visão crítica para o que fiz ao longo da minha intervenção, verifico que poderia ter realizado algumas atividades de maneira diferenciada mas no momento achei que seriam as mais adequadas.

Através do Projeto de Investigação-Ação, foi possível descobrir maneiras novas de agir perante as crianças que apresentam comportamentos divergentes da maioria do grupo, pude encontrar também estratégias mais adequadas para dar resposta às necessidades e desajustes do grupo em estudo. Com estas ferramentas foi possível descobrir que as crianças são seres ativos, inteligentes, capazes de construir os seus próprios saberes e que cada ser é dotado de capacidades inatas para a aprendizagem, mesmas que algumas tenham um pouco mais de dificuldades.

Em estreita consonância com a educadora titular e também com a auxiliar da sala, desenvolvemos este projeto que veio contribuir para minimizar as atitudes comportamentais da criança, que apresentava uma perturbação a nível Sensorial, significa que ele não sente o calor e o frio como nós, deste modo manifestava um comportamento fora do padrão das crianças ditas ”normais”. Isto serviu de aprendizagem para os educadores que interagem com a criança e também para futuramente saberem melhor lidar com este tipo de transtorno.

4.2. Intervenção - Planificações no contexto Pré-Escolar

Temáticas a desenvolver: Relações afetivas; Identificar as diferentes características do corpo humano

Objetivos: Estimular as interações entre todas as crianças, reconhecer as principais características do corpo humano;

Desenvolver a coordenação motora, a atenção e concentração com atividades pedagógicas.

Semana de 23 - 26 outubro

Tabela 3 - I Planificação do Pré-Escolar PPI. Fonte: autora

Dias da Semana	ÁREAS DE CONTEÚDO	ATIVIDADES	ESTRATÉGIAS	RECURSOS (Hum./Mat.)	OBSERVAÇÕES
Segunda	O corpo humano	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento das crianças; - Canções dos bons dias; - marcação das presenças e do dia da semana; - Verificar peso e altura das crianças; -Educação Física; -Atividades livres nas diferentes áreas da sala -Momento cultural, vídeo 	<ul style="list-style-type: none"> Dialogar com as crianças sobre o que já sabem sobre o corpo humano; - Com uma fita métrica medir a altura das crianças e com uma balança verificar o seu peso e anotar numa tabela; 	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças; - Uma folha de papel; -Canetas; -Uma fita métrica; -Uma balança; -TV -DVD 	
Terça	O corpo humano	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento das crianças; - Canções dos bons dias; - marcação das presenças e do dia da semana; - Aula de expressão dramática e musical; -Atividades livres nas diferentes áreas da sala -Momento cultural, Vídeo 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir a uma criança que se deite em cima da folha de papel e desenhar a silhueta do seu corpo; -Escrever o nome nas principais parte do corpo; - Expressão musical: “Se tu amas a Jesus bate as palmas...” 	<ul style="list-style-type: none"> -Papel cenário; -Caneta; -Instrumentos musicais; -TV -DVD 	

Quarta	O corpo humano	-Acolhimento das crianças; - Canções dos bons dias; marcação das presenças e do dia da semana; -Momento cultural vídeo.	- Expressão plástica: vamos pintar o corpo humano com lápis de cera, cada um pinta um pouco enquanto os outros modelam o corpo com plasticina.	-Lápis de cera -Plasticina	
---------------	-----------------------	--	--	-------------------------------	--

Avaliação: A partir desta planificação procurarei avaliar a interação das crianças através das atividades desenvolvidas no sentido da aprendizagem no reconhecimento das principais características do corpo humano.

Tabela de Altura e Peso das Crianças “Sala Verde”

Tabela 4 - Altura e peso das crianças do Pré-Escolar PPI. Fonte: autora

NOME	ALTURA	PESO
Alice	1,16cm	23kg
Bárbara	1,22cm	21kg
Eva Rodrigues	1,21cm	29kg
Eva Barros	1,09cm	18kg
Francisca		
Francisco	1,08cm	18kg
João Rodrigo	1,09	18kg
Lara Encarnação	1,17cm	26kg
Lara Henriques	1,18cm	21kg
Laura	1,10cm	18kg
Lucas	1,14cm	20,5kg
Margarida	1,11cm	16kg
Maria Leonor		
Maria Margarida	1,21cm	24kg
Eduardo	1,13cm	20kg
Matilde	1,15cm	22kg
Santiago	1,22cm	26kg
Tiago	1,22cm	30kg
Sarah	1,16cm	22kg

4.2.2. II Planificação semanal de 30 e 31 de outubro

Temáticas a desenvolver: Relações afetivas; outono e Pão por Deus

Objetivos: Fomentar as vivências do outono e identificar os frutos no poema; Despertar o interesse pela história do Pão por Deus; Estimular a interação entre todas as criação, a atenção e a concentração.

Tabela 5 - II Planificação do Pré-Escolar PPI. Fonte: autora

Dias da Semana	ÁREAS DE CONTEÚDO	ATIVIDADES	ESTRATÉGIAS	RECURSOS (Hum./Mat.)	OBSERVAÇÕES
Segunda	O Outono	-Acolhimento das crianças; - Canções dos bons dias; marcação das presenças e do dia da semana; -Fazer com que as crianças identifiquem os frutos no poema; -Pintar os frutos do poema e colá-los numa folha de papel cenário junto do poema; -Aula de Educação Física; -Momento cultural, vídeo	- Contar uma história baseada no início da criação na Bíblia; Livro do (Gênesis: 1,11). - Ler o poema: Comer fruta; - Cada criança irá pintar um fruto;	-A educadora -As crianças; -A Bíblia Sagrada -Papel cenário -Folhas A4 -TV -DVD	
		-Acolhimento	- Encenação do teatro sobre a	-Frutas	

Terça	O Dia do Pão por Deus	das crianças; - Canções dos bons dias; marcação das presenças e do dia da semana; -Apresentação do teatro; -Lanche partilhado; -Visita ao Lar de Idosos com as crianças; -Aula de Expressão dramática e musical; -Momento cultural, vídeo	história do Pão por Deus e sua tradição; -Músicas alusivas ao Pão por Deus;	naturais; -Frutas em cartolina; -Roupas; -Saquinho do Pão por Deus; -Instrumentos musicais; -Computador	
--------------	------------------------------	--	--	--	--

Avaliação: A partir desta planificação procurarei avaliar a interação das crianças através da participação nas atividades, no sentido da aprendizagem e compreensão dos conteúdos apresentados.

Bíblia Sagrada Edições Paulistas S. Paulo - 1980

www.youtube.com/watch?v=wItx1Iz_bUY

Comer Fruta

Como fruta todos os dias
 Para ser forte e poder crescer
 Como peras e bananas
 Para ter força e correr.

As cerejas parecem brincos
 A melancia parece um balão
 Há maçãs que são vermelhas
 E amarelas da cor do limão.

As laranjas crescem nas árvores
 Os morangos crescem no chão
 Os pêssegos são bem diferentes
 Uns são carecas e os outros não.

Nesta salada de frutas
 O importante é aprender
 Que comer fruta todos os dias
 Dá saúde e faz crescer

4.2.3. Ações junto da comunidade educativa

No âmbito do estágio foi-nos solicitado que realizássemos uma ação com toda a comunidade educativa, assim sendo, todo o grupo de estagiárias reuniu-se e definiram que iriam fazer uma apresentação para todos os grupos do pré-escolar. A temática abordada foi o “Pão por Deus”, onde cada uma das participantes estava caracterizada com um dos frutos típicos dessa época.

A apresentação consistiu num diálogo entre a avó e a neta, onde a avó contava a história do início desta tradição do “Pão por Deus”, depois cantamos algumas músicas alusivas ao tema.

Figura 10 - Apresentação da comemoração do "Pão por Deus". Fonte: autora



É de referir que após a apresentação, todos os grupos de crianças voltaram às suas respetivas salas, onde juntamente com as educadoras e auxiliares realizaram o reconto da peça teatral e, onde todas as crianças em geral estavam muitos felizes com o que tinham acabado de assistir e salientaram o tamanho dos frutos que nós, as estagiárias portávamos.

De seguida, as crianças foram convidadas a pegar os seus saquinhos de “Pão por Deus” que haviam trazido de casa, depois foram conduzidas ao jardim onde cada grupo estendeu uma grande toalha no chão e cada criança colocou o que trouxe, foi um grande momento, todos partilhavam com grande alegria os seus frutos e guloseimas e enquanto comiam conviviam uns com os outros num ambiente descontraído.

Figura 11 - Convívio e partilha do dia " Pão por Deus". Fonte: autora



Durante o convívio as crianças foram colocando dentro de um saquinho uma fruta ou outra coisa, com o objetivo de partilhar com os idosos que vivem no Lar contíguo à escola. Enquanto faziam o percurso da escola até ao Lar de Idosos, fomos cantando a canção: “Vem aí o Pão por Deus”. Quando chegámos ao Lar voltamos a cantar a mesma canção para os idosos e dois meninos do grupo ofereceram aos mesmos o saquinho do Pão por Deus, e era notável a alegria das crianças e dos idosos.

Figura 12 - Visita ao Lar de Idosos e partilha do " Pão por Deus". Fonte: autora



Correu muito bem, as crianças gostaram muito, assim como toda a comunidade educativa e também os idosos, víamos nos seus rostos a alegria de ver e ouvir as crianças, e diziam: “nós também já fomos assim pequeninos, bonitos e alegres, mas agora somos velhinhos e já não podemos correr, brincar e saltar como vocês, brinquem muito”!

4.2.4. III Planificação semanal de 20 e 22 de novembro

Temáticas a desenvolver: A habitação; Estreitar as relações afetivas, o respeito, a cooperação entre todas as crianças, cultivando a amizade; Desenvolver a motricidade fina, a coordenação motora, a atenção e concentração nas atividades pedagógicas.

Tabela 6 – III Planificação do Pré-Escolar PPI. Fonte: autora

Área de conteúdos	Objetivos	Atividades	Estratégicas	Recursos Hum./Mat.
<p>Formação pessoal e social</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>Domínio da Matemática</p> <p>Domínio do conhecimento do mundo</p> <p>Domínio da</p>	<p>-Promover atitudes que demonstrem que somos amigos uns dos outros;</p> <p>-Conhecer as várias estruturas de habitação;</p> <p>-Diferenciar as casas ditas normais dos prédios (apartamentos);</p> <p>-Identificar cada compartimento da casa e os seus móveis próprios;</p> <p>-Aprender as medidas de segurança que devemos ter dentro casa;</p>	<p>- No “comboio” dar as mãos a qualquer amiguinho, no tapete sentar-se ao lado de qualquer um;</p> <p>-Atividade de expressão plástica, montar as casinhas, de madeira, de palha e de pedra;</p> <p>-Pintar a casa e os quatro compartimentos;</p>	<p>-Trocar os pares no “comboio” para despertar a interação entre todos;</p> <p>-Motivar as crianças as para o tema com a história: Os três porquinhos;</p> <p>-Sair até ao jardim e observação as construções que estão situadas à volta da escola;</p> <p>-Dialogar com as crianças sobre as pessoas e profissões que são necessárias para construir uma casa;</p> <p>- Mostrar alguns materiais usados na</p>	<p>-Educadoras</p> <p>-Auxiliar</p> <p>-Crianças</p> <p>-Folha A4,A3</p> <p>-Cartão</p> <p>-Palha</p> <p>-Aparas de madeira</p> <p>-Pequenas pedras</p> <p>-Lápis de cor</p> <p>-Cola</p>

Educação Física	-Desenvolver a coordenação motora;	-Jogo das casinhas trabalhando a motricidade motora;	construção das casas; - Dividir o grupo em três pequenos grupos, entregar o material e orientar a atividade, -Brincar ao jogo das casinhas; - Uma pequena conscientização, feita por um bombeiro, sobre a segurança em casa; -Jogo das três casinhas;	
------------------------	------------------------------------	--	---	--

Avaliação: A partir desta planificação procurarei avaliar a interação das crianças através das atividades desenvolvidas, o seu empenho e interesse **no sentido** da aprendizagem e também na participação ativa em tudo o que for trabalhado dentro e fora da sala.

4.2.5. Tema desenvolvido: A habitação

O tema da habitação teve como motivação a história dos três porquinhos, embora sendo uma história já bastante conhecida pelas crianças, foi apresentada e trabalhada de uma forma diferente, que ao fim das atividades as crianças manifestaram o seu contentamento, satisfação em suas produções.

Para que as crianças tivessem um conhecimento mais preciso das diferentes construções, convidei o grupo para sairmos até ao jardim da escola, onde pudemos observar os vários tipos de construção, desde prédios, hotéis e casa particulares.

Dentro deste tema foram trabalhadas as profissões que estão associadas à construção das casas. O arquiteto, o engenheiro, o pedreiro, o canalizador, o electricista, o carpinteiro e o pintor, foram apresentadas imagens de cada um deles e a sua função particular e ainda a importância de cada um destes profissionais na construção das casas. Ainda associado à

construção, levei para a sala materiais concretos, (pedra ‘brita’, cimento, ferro, madeira) para que as crianças pudessem ver e manusear e assim terem um conhecimento mais objetivo.

Como atividade mais concreta, confeccionamos três casinhas, as casinhas dos três porquinhos, numa folha A3 desenhei-as, depois em cada uma delas colamos materiais diferentes, numa colamos palha, em uma outra aparas de madeira e na outra, pequenas pedras, esta atividade foi realizada em pequenos grupos, de modo que eu pudesse acompanhar cada um na sua realização. Por fim e no exterior, brincamos ao jogo das três casinhas, dividi o grupo em três pequenos grupos e uma criança ficou de fora a fazer de lobo, ao toque das palmas, os elementos saíam das casas onde estavam e corriam de um lado para o outro, quando parava as palmas voltavam à casa e o lobo neste momento procurava apanhar alguém que seria o lobo na próxima jogada.

Figura 13 - Atividade da habilitação. Fonte: autora



Como culminância deste tema, foi solicitado um elemento do corpo de bombeiros, que viesse à escola fazer uma pequena conscientização da segurança em casa. Foi muito proveitoso, uma vez que ele falou de vários aspetos aos quais as crianças podem se deparar em suas casas, quais os cuidados que devem ter e como agir nestas circunstâncias: com o fogo, com o fogão, o cuidado a ter com as escadas, cuidado com os aparelhos, tomadas elétricas, produtos de limpeza e com os medicamentos. Por fim as crianças tiveram a oportunidade de fazerem perguntas, foi muito enriquecedor.

4.2.6. IV Planificação semanal de 27 a 29 de novembro

Temáticas a desenvolver: Preparação para o Natal com a carta ao Pai-Natal; Despertar cada vez mais as relações afetivas, o respeito, a cooperação entre todos, promovendo o companheirismo e a amizade; motivar para a execução das atividades propostas, desenvolvendo assim a aprendizagem.

Tabela 7 – IV - Planificação do Pré-Escolar PPI. Fonte: autora

ÁREA DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES	ESTRATÉGICAS	RECURSOS Hum./Mat.
<p>Formação pessoal e social</p> <p>Domínio do conhecimento do mundo</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>Domínio da matemática</p>	<p>-Desenvolver o respeito e a aceitação do outro nas diferentes situações da rotina diária;</p> <p>-Conhecer uma versão diferente do Pai-Natal através de uma pequena história;</p> <p>- Ser capaz de escrever ao Pai Natal com a ajuda da educadora;</p> <p>- Participar ativamente na missa com toda a comunidade escolar;</p> <p>- Fazer um passeio até ao</p>	<p>- No “comboio” dar as mãos ao amiguinho, por ordem alfabética;</p> <p>-Atividade de expressão plástica, pintar as bordas da carta para Pai-Natal</p> <p>-Passeio até ao correio</p> <p>-Montar a árvore de Natal, colá-la numa folha de papel cenário</p> <p>-Contar quantas coisas, vamos pedir ao Pai-Natal</p> <p>Caminhar de acordo com as orientações dadas;</p> <p>Música: O Pai</p>	<p>-Despertar o interesse das crianças para o tema da semana com uma pequena história: “O sonho do Pai -Natal</p> <p>-Numa folha A3 escreverei o que as crianças querem pedir ao Pai Natal, depois elas irão pintar essa folha;</p> <p>- Através de uma conversa, motivar as crianças a participar na missa com respeito e em silêncio;</p> <p>-Iremos ao correio levar a carta ao Pai Natal;</p> <p>-Com uma árvore cortada em pedacinhos as crianças irão montá-la e colar bolinhas e a estrela;</p>	<p>-Educadoras</p> <p>-Auxiliar</p> <p>-Crianças</p> <p>-Folha A4 e A3</p> <p>- Lápis de cor</p> <p>-Cartolina</p> <p>-Papel dourado</p> <p>-Papel cenário</p> <p>-Cola</p> <p>-Tesoura</p>

<p>Domínio da expressão musical</p>	<p>correio e deitar a carta ao Pai-Natal;</p> <p>-Desenvolver o sentido rítmico e de relação com o corpo, com o espaço e com os outros</p>	<p>Natal e os quatro amiguinhos;</p> <p>Música: Pinheirinho, Pinheirinho de ramos verdinhos...</p>	<p>- Através de uma música suave de Natal vou dizer as seguintes frases: Imaginem que estão a caminhar no passeio com muita gente, em cima de pedras grandes, no calhau, na areia quente e na floresta em cima de folhas secas, onde não podemos fazer nenhum barulho por causa dos animais selvagens, ao chegar perto do Menino Jesus, devemos caminhar sem fazer ruído para não O acordar.</p>	
--	--	--	--	--

Avaliação: A partir desta planificação procurarei avaliar a interação das crianças através das atividades desenvolvidas, o seu empenho e interesse no sentido da aprendizagem e também na participação ativa em tudo o que for trabalhado dentro e fora da sala.

O Sonho do Pai Natal

O Pai Natal estava a sonhar um lindo sonho, do qual não queria acordar. Era véspera de Natal e todos estavam felizes! Ninguém estava sozinho! Todos tinham família, e uma casa onde estar, com a mesa pronta para a ceia de Natal e com comida para todos. Não havia pobreza, nem ódio, nem guerras. Todos eram amigos, não havia brigas, nem má educação, e o Pai Natal via como todos eram carinhosos uns com os outros. As pessoas que se encontravam nas ruas, a caminho de casa, cantarolavam alegremente músicas de Natal, levando as últimas prendas para colocar debaixo do pinheiro. Nem o cão, nem o gato estavam sozinhos, nesta noite fria. Todos tinham um lugar aconchegante onde ficar. E o Pai Natal não conseguia

deixar de sorrir, de tanta felicidade, ao ver o mundo cheio de paz, amor e harmonia! Mas o Pai Natal acordou e viu que tudo não passara de um sonho maravilhoso e ficou triste. Só algumas pessoas no mundo eram felizes, capazes de celebrar o Natal em alegria, paz e comunhão com os seus, de terem um lar, comida, roupa e amor. Então o Pai Natal pensou: Terei de continuar a ajudar as crianças e os adultos a terem um Natal Feliz! Vou preparar as minhas renas e o meu trenó, para enchê-lo com prendas e distribuí-las-ei esta noite, de modo a que, pelo menos uma vez por ano, haja alegria no coração de todos nós! E assim o Pai Natal continua, ano após ano, a cumprir a sua tarefa, até que um dia possa ver o seu lindo sonho concretizado.

A Árvore do Beto

O Beto tinha uma vontade de ter uma árvore de Natal.

Era o sonho dele. Uma árvore grande, como a da casa do colega Pedro.

Mas o pai do Beto não a podia comprar.

Todos os anos ele prometia, mas todos os anos acontecia alguma coisa e ele nunca podia dar a árvore ao Beto. Um dia, o Beto teve uma ideia:

“Lá na nossa rua tem um terreno vazio, um terreno baldio...”

Então o Beto resolveu plantar ali uma árvore e esperar que ela crescesse.

Limpou um pedaço do terreno...

Arranjou um pouco de adubo com o senhor Alexandre, o jardineiro...

Comprou um pinheiro pequenino... E plantou-o no terreno.

Todos os dias o Beto regava o seu pinheirinho

Revolvia a terra em volta, tirava os raminhos secos.

Vigiava-o para que as formigas não subissem por ele acima

Cuidava do seu pinheirinho como se ele fosse uma pessoa.

E pinheirinho foi crescendo, forte e bonito.

Eu não sei quanto tempo o Beto cuidou daquela planta.

Mas com certeza que foi durante muito tempo...

Até que um dia a árvore do Beto ficou grande, cheia de galhos, muito bonita!

Prontinha para ser a árvore de Natal.

Referência: Ruth Rocha. A Árvore de Beto, S.P, FTD 1984

<https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/106913>

4.2.7. Tema desenvolvido: O Natal

Para motivar as crianças para o tema do Natal usei uma pequena história, “O sonho do Pai-Natal”, a partir dela orientei as crianças a escrevermos uma carta ao Pai-Natal, cada criança dizia o presente que gostaria de receber no Natal e eu ia escrevendo numa folha A3, por fim elas pintaram as bordas da carta, colocamo-la num envelope para depois deitá-la no marco do correio.

Através de um pequeno vídeo mostrei a história da anunciação do Anjo a Maria, e também do nascimento de Jesus, que é o motivo fulcral da festa de Natal. Depois como atividade foi entregue a cada criança uma folha A4 com diferentes tamanhos de bolinhas que as pintaram e recortaram, depois colocaram-nas na árvore de Natal e por fim posta uma estela no topo.

Uma outra atividade que as crianças realizaram foi a seguinte: coloquei à disposição das crianças vários símbolos de Natal: guirlandas, sinos, bolas, bonecos de neve, bengalas, velas, presentes, árvores, anjos e estrelas, cada uma delas escolheu o que mais gostava, depois pintou com muito esmero. Por fim essas figuras foram colocadas na árvore de Natal que havia sido feito no placar da sala. Deste todo o ambiente estava decorado para celebrar a Festa de Natal.

Cada atividade diferente que proponha às crianças, elas demonstravam interesse e empenho na realização das mesmas. Após apresentar o que pretendia, de modo geral, todas queriam fazer ao mesmo tempo. Era um grupo esperto, independente, atento e detinha um comportamento adequado à idade.

Figura 14 - Atividade da Natal. Fonte: autora



4.3. Reflexão final sobre a Prática Pedagógica I no Pré-Escolar

Ao iniciar o estágio no Pré-Escolar carregava na bagagem algumas teorias e também incertezas, sim incertezas, porque não sabia o que iria encontrar nem que clientela estava à minha espera, tanto adultos, quanto crianças. Ao chegar à sala fui acolhida com uma certa apreensão e receio, o que era espectável, não conhecia nem os profissionais de educação nem as crianças mas, aos poucos fui interagindo com todos, ao ponto de criarmos um ambiente de confiança e de amizade entre todo o grupo.

Todas as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio, foram sugeridas tanto pela educadora titular, por mim, como também pelas crianças nas nossas rodinhas de conversa, e ainda outras pelo calendário escolar da Instituição. Foram trabalhadas todas as áreas de conteúdo indicadas nas OCEPE para o Pré-Escolar. Sabemos que a aprendizagem das crianças acontece de forma espontânea, em todos os ambientes em que vivem e convivem mas

“num contexto de educação de infância existe uma intencionalidade educativa, que se concretiza através da disponibilização de um ambiente culturalmente rico e estimulante, bem como do desenvolvimento de um processo pedagógico coerente e consistente, em que as diferentes experiências e oportunidades de aprendizagem têm sentido e ligação entre si” (OCEPE, 2016, p. 8-9).

Gostaria de referir que o meu objetivo principal durante a minha prática pedagógica esteve sempre focado nas crianças, sendo elas o ponto nevrálgico de todas as atividades programadas e desenvolvidas na “sala verde “. Em todas as minhas intervenções procurei apresentar uma variedade de atividades de modo a enriquecer e desenvolver o potencial de cada criança, como um todo, promovendo em todas um sentido de segurança e autoestima. Com isto tive a oportunidade de aprender como lidar com as mais variadas situações que surgiram no dia-a-dia no seio do grupo, deu-me um maior conhecimento das crianças nesta faixa etária, quais os seu interesses e também como lidar com as suas frustrações e birras. Posso afirmar que foi de grande valia todo este percurso neste período em que estive com o grupo, pois, pude contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem do mesmo e ainda ganhar experiência no campo de educação infantil. Irei lembrar-me sempre deste grupo de crianças, pois, deixaram uma marca positiva na minha carreira académica e profissional.

Parte 3

A Educação no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Capítulo V

5. Desenvolvimento da Prática no 1º Ciclo, PP II

5.1. Caracterização do meio

Segundo a caracterização disponível no Projeto Educativo da Escola do ano de 2016 /2020. A Escola de 1º Ciclo, com Pré-Escolar da Achada está inserida na freguesia de São Roque, apesar de receber alunos oriundos de outras freguesias e de outros concelhos. A freguesia de São Roque possui um Centro Cívico onde funcionam os serviços autárquicos (Junta de Freguesia e Casa do Povo). Existem ainda outros organismos e instituições, nomeadamente, a nível da saúde, do desporto, da cultura, do comércio, serviços e da solidariedade social, que satisfazem as necessidades da população residente e que promovem várias atividades sociais, culturais, recreativas e desportivas. Ao nível dos serviços de educação, esta Junta de Freguesia é servida por infantários e escolas da rede pública e privada.

5.1.1. Caracterização da Instituição

A escola foi Inaugurada a 21 de Setembro de 2009 e é muito procurada principalmente pela sua localização, sendo a que a sua proximidade ao centro da cidade um dos seus pontos fortes, torna-se fácil o recurso aos organismos públicos, de solidariedade social, desportivos e recreativos e a outros de grande importância, o que se torna vital para a consecução dos objetivos deste Projeto Educativo. A escola foi construída no meio de habitações e funciona num edifício de construção moderna, construído de raiz no ano de 2009, sendo constituída por um edifício único de dois pisos, circundada por pátios e zonas verdes. Esta está preparada com adaptações à mobilidade de deficientes com casa de banho adequadas e com rampas para cadeira de rodas. Utiliza um sistema de energias renováveis, assim como painéis solares.

É uma escola relativamente grande, oferece três níveis de ensino: a Pré-Escolar com quatro grupos, dez turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico e ainda Ensino Recorrente (2 turmas) Atividades Curriculares (ensino noturno).

A Escola tem com visão “ser uma instituição pública de excelência orientada para propiciar a todas as crianças a alegria de crescer em harmonia e de aprender naturalmente através de estratégias adequadas às suas necessidades” (Projeto Educativo da Escola 2020/2024). (Projeto Educativo da Escola 2020/2024).

Sua missão é: “contribuir para a melhoria contínua da qualidade das aprendizagens, gerando uma identidade harmoniosa que promova o sucesso escolar numa perspetiva inclusiva, permitindo aos alunos serem críticos, responsáveis, tolerantes e autónomos” (Projeto Educativo da Escola 2020/2024).

Figura 10 - Escola Básica do 1º Ciclo da Achada. Fonte: autora



5.1.2. Constituição da turma

A Prática Pedagógica II decorreu na Escola do 1º Ciclo, com Pré-Escolar da Achada, nomeadamente, na sala do 4º ano, turma B, com 22 alunos, sendo 09 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 09 e 11 anos. Este trabalho foi desenvolvido durante nove semanas, concretamente, do dia 09 de abril a 05 de junho, sendo os dias, 09, 10 e 11 de observação. Nessa semana tive a possibilidade de aprender um pouco com a professora cooperante, o modo como ela orientava a sua prática, quais as estratégias que usava para ministrar as suas aulas e tudo o que envolvia os alunos, durante o horário escolar.

Na primeira semana de estágio muitas expectativas foram criadas, uma miscelânea de sentimentos, de insegurança e de medo, medo de não ser capaz de corresponder às propostas pedagógicas que me iriam ser apresentadas para trabalhar com os alunos, visto ser um 4º ano, em que os conteúdos são mais complexos. Tinha ainda algum receio do modo como os alunos e toda a comunidade educativa me iria receber, sendo uma pessoa “diferente”, o facto de ser religiosa, de hábito, poderia causar uma certa estranheza no meio escolar, mas não foi o que aconteceu, fui bem aceite por todo o corpo docente e pelos alunos, não falo dos encarregados de educação, porque quase não tive contacto, apenas na entrada falava com alguns.

Segundo o Projeto Educativo de Escola - *Crescer em harmonia, 2016/2020*, a maioria dos alunos que frequentavam esta escola eram oriundos de famílias estruturadas, de nível socioeconómico médio. No entanto, existiam alguns casos que apresentavam problemas graves, cujas famílias eram acompanhadas pelos serviços competentes, seja a Segurança Social, a Comissão de Proteção de Menores e o Tribunal de Menores, conforme podemos observar nas tabelas seguintes:

Tabela 8 - Nível Socioeconómico. Fonte: autora

Nível Socioeconómico				
Baixo	Médio/baixo	Médio	Médio/alto	Alto
34	68	85	90	4
12%	24%	30%	32%	1%

Tabela 9 - Ação Social Escolar. Fonte: autora

Ação Social Escolar			
Sem escalão	1º escalão	2º escalão	3º escalão
154	46	43	40
54%	16%	15%	14%

Dos 283 alunos inscritos, 76% vivem com ambos os pais e 51% têm irmãos.

Tabela 10 - Área de Residência. Fonte: autora

Morada				
São Roque	Santo António	São Pedro	Imaculado coração de Maria	São Martinho
64	75	71	11	09
22%	26%	25%	4%	3%

No que se refere às áreas de residência, verificamos nas tabelas acima, cujo dados foram tirados do Projeto Educativo de Escola, que na sua maioria, os alunos são oriundos de freguesias do concelho do Funchal, havendo 36 alunos que residem no concelho de Santa Cruz, 9 no concelho de Câmara de Lobos, um aluno no concelho da Ribeira Brava e dois no concelho da Ponta do Sol. Estes alunos que não residem no Funchal estão colocados nesta escola pela proximidade desta ao emprego e por conveniência dos pais.

5.1.3. Caracterização da turma

Figura 11 - Turma B, 4º ano. Fonte: autora



A turma era composta por 22 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 09 do sexo feminino, na faixa etária entre 9 e 11 anos. Entre os alunos existiam três que estavam sinalizados com Necessidades Educativas Especiais, estes beneficiavam de apoio especializado, tendo esse apoio às segundas e às quartas-feiras, dentro da sala de aula. O grupo destes 22 alunos, estavam divididos em quatro grupos de classificação, no que se refere á avaliação: muito bons, bons, suficientes e insuficientes, estes eram indicadores que nos mostravam a realidade dos alunos do 4º Ano Turma B. Era um grupo heterogéneo, em que a sua aprendizagem acontecia em diferentes níveis, daí o desafio ser maior para o docente, que por vezes tinha de elaborar atividades diferenciadas, para atender às dificuldades dos seus educandos.

“O processo de aprendizagem do aluno é individual. Cada um apreende as situações propostas pelo professor com as suas próprias características que provém do seu próprio saber, dos seus hábitos de pensar e de agir” (Postic, 1995, p. 16). “Ao nível das dificuldades registadas notam-se sobretudo dificuldades na concentração e na matemática, principalmente no que se refere à interpretação e resolução de situações problemáticas. Ao nível do comportamento, a turma revela mais dificuldade em cumprir regras e, alguns alunos, em respeitar os adultos que trabalham na escola. Importa referir que o comportamento de alguns alunos da turma, difere de professor para professor, e é também diferente nas aulas curriculares e nas atividades de enriquecimento” (P.A.T. 2017/2018).

Tinham algumas dificuldades no relacionamento com o grupo, sobretudo durante o recreio, chegando à sala com frequentes queixas uns dos outros, sendo necessário a intervenção do docente para resolver, apaziguar e refazer a situação, levando-os a pedir desculpa uns aos outros.

Durante a prática o docente está em constante reflexão como afirmam as autoras: “A reflexão na ação tem a ver com a tomada de decisões do professor quando está envolvido em situação de ensino e baseia-se na identificação e solução rápidas de problemas imediatos” (Cadório, Simão, 2013, p. 42).

O autor refere que “construir conhecimento implica numa ação partilhada, que implica um processo de mediação entre sujeitos. Nessa perspetiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem. A heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo, a

cooperação e a informação, ampliando conseqüentemente as capacidades individuais. As relações sociais se convergem em funções mentais” (Vygotsky, p. 4).

Segundo Postic “a relação educativa é um conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afetivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história” (1990, p. 12).

Perante as mais variadas situações de problemas que o aluno possa enfrentar na escola, sejam elas na ordem da aprendizagem ou do relacionamento social, cabe ao docente ter uma verdadeira capacidade de ouvir o aluno, procurar dar uma resposta adequada às dificuldades encontradas pelo discente, apontar resoluções firmes para que ele se sinta apoiado e encorajado a ultrapassar tais obstáculos para uma gradativa aprendizagem.

5.1.4. Caracterização da sala

“Uma utilização adequada do espaço disponível parece constituir um contributo importante para o trabalho educativo refletindo-se não só no processo de aprendizagem como na qualidade do ambiente em que decorre a aprendizagem” (Morgado, 2004, p. 94).

Figura 12 - Sala de Aula. Fonte: autora



A sala do 4º ano turma B era relativamente grande, com espaço suficiente para que os docentes e o grupo de alunos pudessem se movimentar, ter acesso ao quadro e à porta de saída. “Nas paredes, em placares, estarão expostos trabalhos produzidos pelos alunos; materiais de apoio (listas de palavras, cartazes) e instrumentos de regulação das aprendizagens e dos comportamentos (registo do tempo, registo de leituras feitas, registo de distribuição de tarefas, normas de comportamento, entre outros)” (P.A.T. 2017/2018). Na sala havia duas grandes janelas o que favorecia a luminosidade natural, tinha um grande quadro negro de giz. Possuía também quatro armários e uma pequena estante onde eram guardados os materiais escolares, mesas com tampo lavável, com as respetivas cadeiras e mesa para o professor com cadeira, existia ainda, fora da sala no corredor, cacifos abertos individuais onde os alunos podiam guardar alguns pertences. “Nas aulas curriculares as mesas estão colocadas a pares, uma vez que permite colocar alunos que têm mais dificuldades junto de colegas que possam ajudá-los. A sala de aula está organizada a pares e quando necessário juntam-se as mesas para o trabalho em grupo” (P.A.T. 2017/2018). O trabalho a pares era uma estratégia que os alunos gostavam muito e pediam com frequência para o realizar.

Figura 13 - Trabalho a pares. Fonte: autora



“Quanto aos espaços utilizados, para além da sala de aula, recorreremos também ao campo da escola, à sala de música e à sala de Informática” (P.A.T. 2017/2018).

O docente tem a possibilidade de gerir o currículo, de forma flexível e integrada, implementando estratégias inovadoras com o objetivo de conseguir as aprendizagens

desejadas. A carga horária das disciplinas é distribuída ao longo dos dias da semana, com períodos de ação multidisciplinar e deste modo favorecer o aprendizado.

5.2. Horário das atividades curriculares da turma

Tabela 11 - Horário da turma do 4º Ano PPII. Fonte: autora

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Português 13h15/14h15	TIC/ Português 13h15/14h15	Inglês 13h15/14h15	Exp. Musical Artística 13h15/14h15	Estudo do Meio 13h15/14h15
Apoio ao Estudo 14h15/15h30	Matemática 14h15/15h30	Português 14h15/15h30	Apoio ao Estudo 14h15/14h30 Exp. Físico Motora 14h30/15h30	Português 14h15/15h30
INTERVALO				
Matemática 16h00/17h15	Português- Filosofia para Crianças 16h00/17h15	Estudo do Meio 16h00/17h00	Matemática 16h00/17h00	Matemática 16h00/18h15
Inglês 17h15/18h15	Estudo do Meio 17h15/18h15	Matemática 17h00/18h15	Português 17h00/18h15	

5.2.1. A docência na Prática Pedagógica II

5.2.2. Intervenção: Planificações e desenvolvimento na PP II - 1º Ciclo, 4º Ano

Tabela 12 - I Planificação do 1º Ciclo PP II. Fonte: autora

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Achada				
Turma B 22 Alunos		4ª Ano de escolaridade Semana de 16 a 18 de abril		
Área disciplinar	Conteúdos (Programa)	Descritores de desempenho (Metas curriculares)	Descrição das atividades	Recursos
Português	<p>LE4: Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto <ul style="list-style-type: none"> ✓ Texto poético: estrofe, verso, rima, sonoridades ✓ Personagens principais; coordenadas de tempo e de lugar. • Produção de texto <ul style="list-style-type: none"> ✓ Textos de características: poética. 	<p>LE4: Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literário <ul style="list-style-type: none"> ✓ Fazer a leitura expressiva de pequenos textos após preparação da mesma. ✓ Ler poemas em coro ou em pequenos grupos. • Compreender o essencial dos textos escutados e 	<p>Acolhimento e atividades de rotina (ao entrar)</p> <p>Português:</p> <p>1º Momento: Inicialmente a docente começará a aula por perguntar quem já viu um papagaio e o que sabem sobre esta ave? Pedir que um aluno faça a sua descrição. Depois convidará os alunos a abrirem o livro na p. 90 e a olharem para a estrutura do poema, perguntando quantas estrofes tem? Quantos versos têm cada estrofe? De seguida fazer uma leitura modelo e pedir que identifiquem como está organizada a rima das quadras e se os versos são longos os curtos?</p> <p>Em seguida a docente irá sugerir que façam uma leitura silenciosa e de seguida de leitura individual em que cada aluno lê uma quadra.</p>	<p>Português</p> <p>Livro: “Gailivro” p. 90-91</p> <p>Lápis de cor</p> <p>Folhas A4</p>

<p>Apoio ao estudo</p>	<p>Oralidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de discurso oral <p>✓ Introdução aos géneros escolares: apresentação oral; pequeno discurso persuasivo; debate de ideias</p>	<p>lidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer características essenciais do texto poético: estrofe, verso, rima e sonoridades. • Escrever texto diversos. Poema. <p>Oralidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produzir um discurso oral com correção <p>✓ Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor.</p>	<p>Feito isto a docente pedirá aos alunos que sublinhem no texto a azul os elementos da coluna da esquerda da (p. 91) e a verde os elementos da coluna da direita, depois continuar a realizar todas as outras atividades.</p> <p>2º Momento: Oralidade</p> <p>Trabalho de pesquisa em grupo sobre os papagaios em vias de extinção, realizá-la-ão através de recolha informações realizadas pela docente e apresentação oral de 3 minutos para cada grupo.</p> <p>3º Momento: TIC – os alunos terão duas pesquisas a realizar:</p> <p>1) Investigar por que razão se deixam espaços vazios entre as vigas na construção de pontes ou carris das linhas de comboio.</p> <p><i>Porque há a dilatação térmica das linhas férreas (trilho) com o aquecimento do metal. Isso ocorre em razão de que quanto mais vibrantes as moléculas ("mais quente"), mais elas se afastam, ocupando maior volume ("ficando maiores"). Dessa forma, cada ferro do trilho não fica espremido e, caso não houvesse esse espaço, eles não teriam para onde expandir e causaria dano à via.</i></p> <p>2) Pesquisar sobre a evaporação e ebulição e fazer registo no caderno.</p>	
-------------------------------	--	---	---	--

Intervalo 15h30 –16h			4º Momento: “Assim se escreve” (exercícios de ortografia utilizando uma ficha de consolidação do conteúdo que têm mais dificuldade)	
Matemática	<p>NO4- Multiplicação e divisão de números racionais não negativo</p> <p>✓ Multiplicação e divisão de números racionais por naturais e por racionais na forma de fração unitária;</p>	<p>NO4 – Números naturais</p> <p>• Números racionais não negativos</p> <p>✓ Reconhecer que multiplicando o numerador e o denominador de uma dada fração pelo mesmo número natural se obtém uma fração equivalente.</p>	<p>5º Momento: Escrita criativa:</p> <p>A docente apresentará à turma uma proposta de trabalho que será a seguinte: hoje vamos escrever poesia, vamos nos reunir a pares e fazer um poema, tendo como base o poema do (Papagaio louro) vão criar um poema sobre um outro animal à vossa escolha e depois irão apresenta-lo à turma.</p> <p>Matemática</p> <p>1º Momento: A matemática está presente em todos os aspetos da nossa aprendizagem, na aula de português fizemos a contagem das estrofes e dos versos do poema, agora vamos dar continuidade à nossa aula mas, com o estudo dos números racionais.</p> <p>Na matemática vamos aprender como multiplicar uma fração de números racionais (regras para multiplicar uma fração por um número inteiro). Escrever resumo no quadro. (Quando multiplicamos uma fração por um número inteiro, o resultado é uma fração com o mesmo denominador. O numerador da fração resultante corresponde ao produto do numerador</p>	<p>Matemática</p> <p>Livro: A Carochinha</p> <p>Livro de fichas de trabalho</p>

<p>Estudo do Meio</p>	<p>Bloco 5- Realizar experiências com a água</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar experiências que permitam constatar o princípio dos vasos comunicantes (construir um repuxo). ✓ Observar os efeitos da temperatura sobre a água (ebulição, evaporação) 	<p>da fração inicial pelo número inteiro).</p> <p>2º Momento: Fazer as atividades da multiplicação de números racionais da p. 108 e 109.</p> <p>3º Momento: Realização de exercícios de consolidação sobre a multiplicação de frações por um número inteiro, (no livro de ficha de trabalho p. 59)</p> <p>Estudo do Meio</p> <p>1º Momento: A docente começará a aula por mostrar uma cartolina com a imagem de uma casa com um reservatório de água, depois perguntará o que vêm na imagem? E a partir deste diálogo introduzir o tema: O princípio dos vasos comunicantes (experiências sugeridas nas p. 93 e 94 do manual) escrita das conclusões das experiências no caderno.</p> <p>Realizaremos a experiência na sala de aula, levarei já pronto as duas garrafas interligadas pela mangueira.</p> <p>2º Momento: Os efeitos de variação da temperatura sobre o (<u>conceito de evaporação e ebulição</u>) a partir da experiência da p. 95, com registo no caderno.</p>	<p>Estudo do meio</p> <p>-Livro “Gailivro”</p> <p>Cartolina</p> <p>Garrafas</p> <p>Mangueira</p> <p>Cola quente</p> <p>Água</p> <p>Computadores.</p>
------------------------------	---	--	---

		<p>Atividade âncora: (texto de consolidação dos encontros consonantais já trabalhando em sala de aula).</p>	
<p>Avaliação: A avaliação é constante e far-se-á através da observação, participação e desempenho dos alunos em todas as ações que serão realizadas, na sala de aula e nas TIC, etc...</p>			
<p>Observações: Ao final de cada dia de aula deverá fazer-se a auto e heteroavaliação e caixa de emoções.</p>			

Referências: <https://brainly.com.br/tarefa/9297254#readmore>

5.2.3. Desenvolvimento e reflexão da 1ª atividade

Entre as várias atividades realizadas no decorrer do estágio, destaco três que estão inseridas no currículo do 4º Ano de escolaridade.

“Com o Estudo do Meio os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada” (Organização Curricular e Programas, p. 102).

A aula do Estudo do Meio com o tema “O princípio dos vasos comunicantes” teve início com a apresentação de uma imagem, em cartolina, dum edifício com um reservatório de água numa coluna bem alta. A partir daí criei um diálogo com os alunos perguntando-lhes o que observavam naquela imagem? Também pedi que olhassem pela janela e procurassem ver alguma situação parecida com a da imagem, e na verdade mesmo em frente puderam visualizar. À medida que os alunos colocavam questões eu fui esclarecendo as suas dúvidas. Expliquei a razão pela qual os reservatórios de água eram colocados em lugares elevados. São

geralmente colocados em lugares suficientemente alto, para alimentar o sistema de abastecimento de água, sob pressão. Antigamente na Europa foram construídos grandes reservatórios que abasteciam as cidades e atualmente são considerados como marcos arquitetônicos e monumentos, não tendo, atualmente, a função original. Em contra partida em muitos lugares do planeta, ainda hoje, em países considerados do terceiro mundo, algumas cidades continuam a utilizar este sistema de manutenção. Também pessoas particulares fazem furos profundos na terra e, com o auxílio de motores retiram água do interior da terra, dos chamados lençóis de água, e esta é guardada em reservatórios para ser usada.

Depois deste diálogo pedi aos alunos que abrissem o manual, onde lemos as instruções para a elaboração de um sistema que os ajudaria a compreender melhor o princípio dos vasos comunicantes. Com duas garrafas de água cortadas no fundo e meio metro de mangueira transparente, atempadamente preparadas, colocamos água numa das garrafas e fomos verificando as alterações consoante os movimentos que fazíamos e ao mesmo tempo os alunos foram registando no manual o que observavam. Se subíssemos a garrafa da direita a água subia para a da esquerda e vice-versa, se mantivéssemos as garrafas na mesma altura a água atingia o mesmo nível, por fim fomos ao pátio para exemplificar o processo de repuxo. Os alunos mostraram-se eufóricos com a experiência.

Figura 14 - A demonstração " O princípio dos vasos comunicantes". Fonte: autora



5.2.4. Planificação da segunda atividade

Tabela 13 - II Planificação do 1º Ciclo PPII. Fonte: autora

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Achada				
Turma B			4ª Ano de escolaridade	
Semana de 14 - 16 de maio			22 Alunos	
Área disciplinar	Conteúdos (Programa)	Descritores de desempenho (Metas curriculares)	Descrição das atividades	Recursos
14 de maio – segunda feira				
Português 13h15- 15h30	<p>Educação Literária</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto ✓ Texto poético: estrofe verso, rima, sonoridades ✓ Personagens principais; ✓ Divisão do texto em partes Leitura e audição ✓ Linguagem Figura da onomatopeia ✓ Produção expressiva (oral e escrita) ✓ Declamação de poema . ✓ Dramatização de texto. 	<p>Oralidade</p> <p>Produzir um discurso oral com correção.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Usar a palavra de forma audível, com boa articulação; <p>Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ler e ouvir textos literários ✓ Ler e ouvir obras de literatura para a infância. 	<p>Acolhimento e atividades de rotina (ao entrar)</p> <p>Português: - Hoje em português vamos estudar de uma maneira diferente, vamos estudar uma obra muito interessante e vamos começar por conhecer a capa do livro.</p> <p>- Projetar na parede a capa do livro, “<u>O Rouxinol e a sua namorada</u>” Pedir aos alunos que apenas com a ilustração da capa, sem qualquer outra informação sejam capazes de identificarem os animais que aprecem na ilustração e procurem descrever as suas caraterísticas;</p> <p>-Solicitar aos alunos que sugiram um título para o livro, tendo em conta a ilustração. Todas as sugestões serão registadas no quadro.</p> <p>- Perguntar aos alunos: qual será o tema do livro? Registrar no quadro e no caderno os temas mencionados pelos alunos;</p>	<p>Português</p> <p>Avental e as personagens;</p> <p>Livro “O Rouxinol e a sua namorada”</p> <p>Quadro;</p> <p>Computador;</p> <p>Projektor.</p> <p>Caderno</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p>

<p>Apoio ao Estudo</p> <p>14h15-15h30</p> <p>Intervalo</p> <p>15h30-16h00</p>	<p>Texto escrito: narrativas e poema rimado</p> <p>Resolução desafios matemáticos</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar novamente a capa do livro já com o título e restantes informações; - Comparar os títulos sugeridos pelos alunos com o título original; - Contar a história aos alunos, com recurso ao avental; - Questionar os alunos se as suas ideias sobre o tema da história estão de acordo com o que ouviram até aqui? <p>O que acham que vai acontecer? Amanhã continuamos.</p> <p>Apoio ao estudo – Resolução de desafios matemáticos</p> <p>(Tudo em anexo)</p> <p>Intervalo</p> <p>Matemática: A planificação dos sólidos geométricos</p> <p>Nós acabamos há pouco de ouvir a</p>	
<p>Matemática</p> <p>16h00-17h15</p>	<p>GM 4 - Propriedades geométricas</p> <p>✓ Planificações de cubos, paralelepípedos e prismas retos;</p>	<p>GM4 - Figuras geométricas</p> <p>✓ Decompor o cubo e o paralelepípedo retângulo em dois prismas triangulares retos.</p> <p>✓ Identificar «prismas retos» como poliedros com duas faces geométricamente iguais</p>	<p>história do” rouxinol e a sua namorada”, e no avental tinha o quê, lembram-se? Se não disserem o nome da porta eu direi, e que forma tinham as portas? Hoje é o dia da família, vamos falar dos primos das figuras geométricas. Alguém sabe quem são? Mostrarei aos alunos os sólidos e pedirei que os identifiquem. Irei dividi-los em dois grupos, poliedros e não poliedros e depois vou falar apenas dos poliedros. Identificando faces, arestas e vértices. Depois iremos dividi-los em dois grupos novamente, prismas e pirâmides e dizer as suas</p>	<p>Matemática</p> <p>Folhas A4</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p>

<p>Inglês</p> <p>17h15-18h15</p>		<p>situadas respetivamente em dois planos paralelos e as restantes retangulares e reconhecer os cubos e os demais paralelepípedos retângulos como prismas retos.</p> <p>✓ Relacionar cubos, paralelepípedos retângulos e prismas retos com as respetivas planificações.</p>	<p>características de cada um, bases (prismas) faces e polígono da base.</p> <p>1º Momento - Pedirei aos alunos que tentem desenhar no caderno um cubo, depois irei explicar o que são as arestas (A), os vértices (V) e faces (F). Escreverei no quadro estas definições e pedirei aos alunos que copiem para o caderno ao lado do cubo.</p> <p>2º Momento - De seguida entregarei aos alunos uma folha A4 com o desenho de um cubo para que recortem, colem e construam o cubo. Depois disto pedirei que eles observem com maior exatidão as faces, as arestas e os vértices.</p> <p>Inglês: Profº Luís</p>	
<p>15 de maio – terça feira</p>				
<p>TIC -</p> <p>13h15-14h15</p>	<p>Continuação do PowerPoint sobre os Continentes e Oceanos</p>		<p>TIC/ Português / Estudo do Meio – Continuação da pesquisa sobre Continentes e Oceanos, concluir o (PowerPoint). Sistema solar.</p>	<p>Computadores</p>
<p>Matemática</p> <p>14h15-15h30</p>	<p>GM 4 – Propriedades geométricas</p> <p>✓ Planificações de cubos, paralelepípedos e</p>	<p>GM4 Figuras geométricas</p> <p>Decompor o cubo e o paralelepípedo retângulo em</p>	<p>Matemática: A planificação dos sólidos geométricos</p> <p>Ontem começamos a trabalhar os sólidos geométricos, hoje vamos dar continuidade ao mesmo conteúdo com os exercícios do manual na p. 120.</p>	

<p>Intervalo 15h30-16h00</p> <p>Filosofia para crianças</p> <p>16h00-16h45</p> <p>Português</p> <p>16h00 -17h15</p>	<p>prismas retos;</p> <p>Educação literária</p> <p>✓ Divisão do texto em partes</p> <p>Leitura e audição</p> <p>✓ Linguagem figurada; onomatopeia</p> <p>✓ Produção expressiva (oral e escrita)</p> <p>✓ Declamação de poema</p> <p>✓ Dramatização de texto</p> <p>✓ Texto escrito: narrativas e poema rimado</p>	<p>dois prismas triangulares retos.</p> <p>✓ Identificar «prismas retos» como poliedros com duas faces geométrica-mente iguais situadas respetivamente em dois planos paralelos e as restantes retangulares e reconhecer os cubos e os paralelepípedos retângulos como prismas retos.</p> <p>✓ Relacionar cubos, paralelepípedos retângulos e prismas retos com as respetivas planificações.</p> <p>Educação literária</p> <p>✓ Ler e ouvir textos literários.</p> <p>✓ Ler e ouvir</p>	<p>Intervalo</p> <p>Filosofia para crianças</p> <p>Português- - Questionar aos alunos sobre a história lida anteriormente “O Rouxinol e a sua namorada”, qual o seu título e de quem nos fala?</p> <p>- Recontar a história até ao poema “O burro” através do avental;</p> <p>- Distribuir aos alunos uma cópia do poema;</p> <p>- Pedir aos alunos para fazer uma leitura silenciosa do poema;</p> <p>- Fazer a leitura expressiva do poema. Dividir a leitura por estrofes, sendo que cada aluno lê uma estrofe, farão a leitura os quatro alunos do fundo da sala. A leitura da primeira estrofe será feita de forma sonolenta, a segunda estrofe é lida de forma sussurrada, a terceira é lida normalmente e por fim a quarta será lida de forma apressada.</p> <p>- Solicitar aos alunos que identifiquem as palavras desconhecidas e fazer a exploração das mesmas;</p> <p>- Pedir aos alunos que indiquem quais são as emoções sentidas pelo burro ao longo do poema dando um exemplo do texto;</p> <p>- Perguntar aos alunos no poema que tipo de sacola o burro carrega;</p> <p>- Questionar aos alunos se é realmente possível um burro ir à escola pedindo que justifiquem a sua resposta;</p> <p>- Colocar no quadro as folhas com as</p>	<p>Português</p> <p>Livro “O Rouxinol e a sua namorada”;</p> <p>Folha com o poema “O burro”;</p> <p>Caderno;</p> <p>Caneta ou lápis</p> <p>Quadro;</p> <p>Cartolinas;</p> <p>Bostique;</p> <p>Folha branca;</p> <p>Cores de pau;</p> <p>Cores de feltro;</p> <p>Cores de cera;</p> <p>Placard;</p> <p>Computador;</p> <p>Pioneses;</p> <p>Giz ou marcador;</p>
--	--	--	--	---

<p>Estudo do Meio 17h15-18h15</p>	<p>Aspectos físicos do meio</p> <p>- Os astros</p> <p>✓ Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações...</p> <p>✓ Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases.</p> <p>✓ Observar num modelo o sistema solar.</p>	<p>obras de literatura para a infância.</p> <p>✓ Fazer a leitura expressiva de pequenos textos, após preparação da mesma.</p> <p>✓ Ler poemas em coro ou em pequenos grupos.</p>	<p>várias estrofes do poema aleatoriamente, de seguida pedir a um aluno que vá ao quadro ordená-las.</p> <p>- Pedir aos alunos que indiquem as estrofes que têm o mesmo número de versos e que identifiquem o tipo de estrofe;</p> <p>- Dividir a turma em pares e pedir a cada par para escrever no caderno uma estrofe com seis versos com ou sem rima;</p> <p>- Solicitar a cada par que leia em coro a sua estrofe.</p> <p>Estudo do Meio – As fases da lua</p> <p>Na história que estamos a estudar em português vimos que ela tem um começo turbulento, ou seja, começa com uma tempestade. Vimos na semana passada que existe algumas forças na natureza que alteram o clima, por exemplo: vimos que quando está mau tempo o que acontece com o mar? Ele fica muito agitado, hoje vamos ver um outro aspeto do nosso planeta que também influencia na mudança do tempo. Alguns de vocês com certeza já olharam à noite para o céu, o que viram? Sim a lua, e as estrelas. O que vocês sabem sobre a lua? Registrar as falas dos alunos no quadro, depois indagar se vemos a lua sempre com a mesma forma e se a vemos todos os dias.</p>	<p>Estudo do Meio</p> <p>- Livro “Gailivro”</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p> <p>Lápis de cor</p> <p>Copo de plástico</p> <p>Fio de lã</p> <p>Feijões</p> <p>Cartolina</p> <p>Giz branco e amarelo</p> <p>Plasticina de várias cores</p>
--	--	--	--	--

			<p>2.Momento – Pedir que os alunos abram o manual na p. 112, iremos fazer a leitura por partes, observar o mapa do ciclo lunar. Fazer um resumo no quadro e pedir que os alunos o transcrevam para o caderno.</p> <p>3º Momento – Realizar a experiência da p. 160 do manual, com o objetivo de demonstrar aos alunos que a lua e todos astros mantêm-se do firmamento sem cair devido ao seu movimento. A lua gira à volta da Terra (movimento de translação) e em volta de si mesma (movimento de rotação).</p>	
--	--	--	---	--

16 de maio – quarta-feira

Inglês			Inglês - Prof. Luís	
13h15 - 14h15	Compreensão de texto	Educação literária	Português - Retomar o conto da história aos alunos, com recurso ao avental a partir do poema em que ficamos até ao poema “A Vaca”;	Português
Português	✓ Divisão do texto em partes	✓ Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.	- Distribuir a cada aluno uma cópia do poema;	Alunos;
14h15 - 15h30	✓ Leitura e audição	✓ Reconhecer as características essenciais do texto poético: estrofe, verso, rima e sonoridades.	- Pedir aos alunos para fazer uma leitura silenciosa do poema;	Professor;
	Linguagem figurada; onomatopeia		- Fazer a leitura expressiva do poema. Dividir a turma em dois grandes grupos e cada grupo vai ler à vez uma estrofe. O primeiro grupo lê de forma alegre e o segundo lê de forma triste;	Avental e as personagens;
	✓ Produção expressiva (oral e escrita)		- Solicitar aos alunos que identifiquem as palavras desconhecidas e exploração das mesmas;	Folha com o poema “A vaca”;
	✓ Declamação de poema	✓ Reconhecer onomatopeias	- Perguntar aos alunos qual o tipo de alimento que a vaca oferece de acordo com o poema;	Caderno;
	✓ Dramatização de texto	Dizer e escrever, em termos pessoais e criativos.		Canetas e lápis;
				Quadro;
				Giz ou marcador.

<p>Intervalo</p> <p>15h30 - 16h00</p>	<p>✓ Texto escrito: narrativas e poema rimado</p>	<p>✓ Escrever pequenos poemas rimados</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Questionar aos alunos o local onde vive a vaca de acordo com o poema; - Escrever no quadro a palavra monte e pedir que digam cinco adjetivos que caracterizem o monte. Os adjetivos serão escritos no quadro e registados no caderno. -Requerer aos alunos que sublinhem no poema com cores diferente as palavras que rimam entre si; - Perguntar à turma se alguém sabe que tipo de rima está presente ao longo do poema. - Escrever o poema no quadro deixando um espaço em branco nas palavras que rimam; - Pedir em grande grupo que substituam os espaços em branco por palavras que rimem, mantendo a rima cruzada; - Em grupo de quatro alunos elaborar duas novas estrofes com quatro versos com rima cruzada e escrevê-la no caderno. Os alunos terão de partilhar com a turma. - Questionar aos alunos que tipos de estrofes é que escreveram. 	
<p>Estudo do Meio</p> <p>16h00 - 17h15</p>	<p>Aspetos físicos do meio</p> <p>-Os astros</p> <p>✓ Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações...</p>		<p>Estudo do Meio: Início do sistema solar</p> <p>Ontem perguntei-vos se costumavam olhar para o céu quando está de noite, é à noite que conseguimos observar as estrelas e a lua. Hoje vou fazer-vos outra pergunta: como seria o nosso mundo se fosse sempre de noite? Hoje vamos</p>	<p>Estudo do Meio</p> <p>Livro do Estudo do Meio</p> <p>“Gailivro”</p> <p>Cartolina</p> <p>Plasticina de nove cores diferentes</p>

<p>Matemática</p> <p>17h15 - 18h15</p>	<p>✓ Observar e representar os aspetos da Lua nas diversas fases.</p> <p>✓ Observar num modelo o sistema solar.</p> <p>GM 4 – Propriedades geométricas</p> <p>✓ Planificações de cubos, paralelepípedos e prismas retos;</p>	<p>GM4 Figuras geométricas</p> <p>✓ Decompor o cubo e o paralelepípedo retângulo em dois prismas triangulares retos.</p> <p>✓ Identificar «prismas retos» como poliedros com duas faces geométrica-mente iguais situadas respetivamente em dois planos paralelos e as restantes retangulares e reconhecer os</p>	<p>estudar sobre o astro maior que é o sol, ou seja: o sistema solar. O que vocês sabem sobre o sol? Anotar no quadro o que os alunos disserem.</p> <p>1. Momento - Para saber um pouco mais sobre o sol, vamos abrir o manual na p.113 e vamos ler os três primeiros parágrafos, à medida que formos fazendo a leitura vou explicando.</p> <p>2. Momento – Construir um modelo do sistema solar indicado no manual.</p> <p>Matemática: Sólidos geométricos</p> <p>Continuação dos exercícios do manual na p. 121.</p>	<p>Giz branco e amarelo</p> <p>Matemática</p> <p>Livro: A Carochinha</p> <p>Folhas A4</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p>
---	---	---	---	---

		cubos e os demais paralelepípedos retângulos como prismas retos. ✓ Relacionar cubos, paralelepípedos retângulos e prismas retos com as respectivas planificações.	Atividade âncora Texto: Água! Que sabes sobre mim.	
Avaliação: A avaliação é constante e far-se-á através da observação, participação e desempenho dos alunos em todas as ações que serão realizadas, na sala de aula e nas TIC, etc...				
Observações: Ao final de cada dia de aula deverá fazer-se a auto e heteroavaliação e Caixa de Emoções.				

Referências

Muralha, S. **O rouxinol e a sua namorada**. Porto Editora (2013).

<https://escolakids.uol.com.br/fases-da-lua.htm>

<https://www.google.com.br/search?q=desafios+matematicos+com+palitos>

<https://www.google.com.br/search?q=Desafios+matematicos>

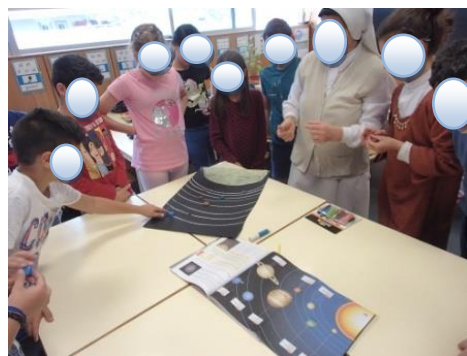
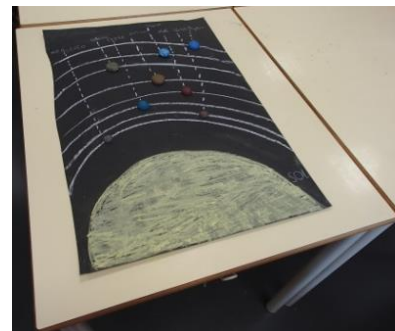
5.2.5. Desenvolvimento e reflexão da 2ª atividade

No Programa do Estudo do Meio na introdução do bloco 3 afirma o seguinte: “A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências” (Organização Curricular e Programas, (p. 115).

Esta aula do Estudo do Meio foi planejada com o objetivo de conduzir os alunos a uma aprendizagem significativa sobre o sistema solar. Comecei a aula por interrogar os alunos: como seria o nosso mundo se fosse sempre de noite? Será que poderia existir vida sobre a Terra? Vamos estudar sobre o maior astro que é o sol, ou seja: o sistema solar. O que vocês sabem sobre o sol? À medida que os alunos iam respondendo, eu escrevia no quadro as suas resposta que posteriormente foram transcritas para os seus cadernos. Após este diálogo pedi aos alunos que abrissem o manual, onde um aluno fez a leitura dos três primeiros parágrafos, de seguida expliquei com um desenho no quadro para que pudessem entender melhor este processo.

Num segundo momento, colocamos no centro da sala quadro mesas e pedi que todos os alunos se posicionassem ao redor das mesmas. Em seguida com o recurso de uma cartolina preta, giz e plasticina construímos um modelo do sistema solar indicado no manual, com os respetivos nomes dos planetas. Posteriormente, colocamos a produção na parede ao fundo da sala, de modo que os alunos pudessem consultar sempre que necessário.

Figura 15 - Atividade sobre o Sistema Solar. Fonte: autora



5.2.6. Planificação da terceira atividade

Tabela 14 - III Planificação do 1º Ciclo PPII. Fonte: autora

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Achada				
Turma B 22 Alunos		4ª Ano de escolaridade Semana de 21 - 23 de maio		
Área disciplinar	Conteúdos (Programa)	Descritores de desempenho (Metas curriculares)	Descrição das atividades	Recursos
21 de maio – segunda feira				
Português 13h15-15h30	<p>LE4 leitura e escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto <p>✓ Texto de características narrativas</p> <p>Educação Literária</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto <p>✓ Personagens principais;</p> <p>Gramática</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Morfologia e lexicologia <p>✓ Pronome pessoal e retoma da referência nominal</p> <p>✓ Radicais</p> <p>✓ Prefixos e sufixos</p>	<p>Leitura e escrita LE4</p> <p>✓ Ler em voz alta palavras e textos.</p> <p>✓ Ler um texto com articulação e entoação correta;</p> <p>Educação Literária</p> <p>✓ Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p> <p>✓ Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre os textos</p> <p>Gramática</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender processos de formação e de organização do léxico <p>✓ Identificar radicais.</p>	<p>Acolhimento e atividades de rotina (ao entrar)</p> <p>Português: - Texto “ O meu amigo pescador”</p> <p>1. Momento - Quem de vocês já visitou um aquário ou Oceanário? És capaz de descrevê-lo. O que mais gostaram de ver lá? Conheces o nome de alguns peixes que podem viver em aquários? Quais? Qual deve ser o nosso comportamento dentro desses lugares que abrigam os peixes?</p> <p>2. Momento – Pedir que abram o livro na p. 116 e que façam uma leitura silenciosa, depois pedirei a dois alunos que leiam o texto em forma de diálogo, como ele se apresenta. Faremos a interpretação do texto em grande grupo, esclarecendo as curiosidades dos alunos.</p> <p>3. Momento - Solicitarei aos alunos que sublinhem no texto as palavras desconhecidas e as procuram no</p>	<p>Português</p> <p>Livro ” Gailivro”</p> <p>Caderno</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p>

<p>Apoio ao Estudo 14h15-15h30</p> <p>Intervalo 15h30-16h00</p>	<p>Resolução desafios matemáticos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar prefixos e sufixos de utilização frequente. ✓ Produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos. 	<p>dicionário, escrevendo no caderno o significado de cada uma.</p> <p>4. Momento – Pedirei aos alunos que realizem a pares as atividades relacionadas com o texto na p. 117, depois faremos a correção oralmente.</p> <p>Apoio ao estudo – Trabalho diferenciado para consolidação de conhecimentos de matemática. (anexo nº 1 e 2)</p> <p>Intervalo</p>	<p>Apoio ao estudo Folhas A4</p>
<p>Matemática 16h00-17h15</p> <p>Inglês 17h15-18h15</p>	<p>OTD4- Tratamento de dados</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Frequência relativa; ✓ Noção de percentagem; 		<p>Matemática: Ficha de trabalho para trabalhar frequência absoluta, relativa e percentagem.</p> <p>1. Momento - O pescador e o seu amigo também estudaram matemática e precisavam de fazer vários exercícios para consolidarem os seus conhecimentos nos diferentes conteúdos. Na semana passada estudamos nas aulas de matemática os sólidos geométricos e planificações e hoje vamos também consolidar nossos conhecimentos na frequência absoluta, relativa fração própria e percentagens. Vamos fazer uma ficha com vários exercícios.</p> <p>2. Momento - De seguida entregarei aos alunos a folha das atividades e irei de mesa em mesa dando apoio e tirando as dúvidas.</p> <p>Inglês: Profº Luís</p>	<p>Matemática Folhas A4 Lápis Borracha</p>

22 de maio – terça feira

<p>TIC - 13h15-14h15</p>	<p>Jogos matemáticos</p>	<p>Medida</p>	<p>TIC/ Português / Estudo do Meio – Jogos de matemática</p>	<p>Computadores</p>
<p>Matemática 14h15-15h30</p>	<p>GM4 - Área – ✓ Unidades de área do sistema métrico;</p>	<p>✓ Medir áreas utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões.</p>	<p>Matemática: Em T.I.C. estivemos a fazer jogos matemáticos e vamos dar continuidade com a matemática, mas com outro conteúdo: área e exploração através do Tangram.</p>	<p>Matemática Livro “O mundo da carochinha”</p>
<p>Intervalo 15h30-16h00</p>			<p>1. Momento – Pedirei aos dois alunos escalados nesse dia para distribuírem o manual aos colegas e escreverei no quadro o número da página que iremos trabalhar. (p.124 e 125). Com o recurso do tangram faremos vários exercícios mais concretamente.</p>	<p>Folhas A4 Tangram</p>
<p>Filosofia para crianças 16h00-16h45</p>			<p>2. Momento – Quando todos os alunos já estiverem com o livro em mãos, começaremos a realizar as atividades propostas no manual.</p>	
<p>Português 16h0 -17h15</p>		<p>Educação literária ✓ Ler e ouvir textos literários. ✓ Ler e ouvir obras de literatura para a infância. ✓ Fazer a leitura expressiva de pequenos textos, após preparação da mesma. ✓ Ler poemas em coro ou em pequenos grupos.</p>	<p>Intervalo Filosofia para crianças Português- - Em português vamos continuar obra literária que iniciamos na semana passada “o rouxinol e a sua Namorada”. - Chamar um aluno à frente e pedir-lhe que através da mímica represente um pavão para a turma; - Perguntar aos alunos que animal é, qual é o animal que o vosso colega está a representar a fim de descobrirem qual será o próximo</p>	<p>Português Livro “O Rouxinol e a sua namorada” Folha com o poema “O pavão” Caderno; Caneta ou lápis Quadro;</p>

	<p>Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Divisão do texto em partes Leitura e audição ✓ Linguagem figurada; onomatopeia ✓ Produção expressiva (oral e escrita) ✓ Declamação de poema ✓ Dramatização de texto ✓ Texto escrito: Narrativas e poema rimado 	<p>Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. ✓ Reconhecer características essenciais do texto poético: estrofe, verso, rima e sonoridades. ✓ Reconhecer onomatopeias. 	<p>animal que vai entrar na história;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Retomar após descobrirem o animal, o conto da história com recurso ao avental a partir do poema em que ficamos até ao poema “O pavão”; - Distribuir a cada aluno uma cópia do poema; - Pedir aos alunos para lerem uma vez o poema em voz baixa; - Fazer a leitura expressiva do poema. Pedir a um aluno que venha à frente ler o poema de forma poética. - Pedir à turma que leia novamente o poema em conjunto com a mesma entoação que o colega; - Fazer o jogo da estátua, pedir aos alunos que circulem pela sala e ao ouvirem a palavra pavão têm de ficar em estátua; - Pedir a um aluno que leia a segunda estrofe e em seguida perguntar aos alunos que leque será este de que nos fala o poema; - Propor à turma a criação de um leque através da dobragem de uma folha A4. A folha será decorada a gosto de cada aluno; - Solicitar aos alunos que a partir da palavra pavão criem no caderno uma lista de 10 palavras que terminem em (ão). Cada aluno terá de apresentar a sua lista à turma. Cada palavra será escrita no quadro e quando a palavra for a mesma colocamos um traço em frente desta; 	<p>Folha branca;</p> <p>Cores de pau;</p> <p>Cores de feltro;</p> <p>Cores de cera;</p> <p>Giz ou marcador;</p>
--	--	---	---	---

<p>Estudo do Meio 17h15-18h15</p>			<p>Estudo do Meio – Experiências para verificar a existência do oxigênio, da pressão atmosférica e o que torna possível beber por uma palhinha.</p> <p>1. Momento – Começarei a pedir aos alunos que fechem a boca e com a mão tapem o nariz, vamos ver quem consegue ficar mais tempo sem respirar. Depois irei mostrar aos alunos uma imagem semelhante à que vem no livro, uma enfermeira preparando uma vacina para dar a uma criança e perguntar: o que veem na imagem?</p> <p>- Pedir que descrevam uma situação semelhante que tenham vivenciado.</p> <p>- O que está a enfermeira a fazer à seringa e porquê razão o faz?</p> <p>2. Momento – Pedirei aos alunos que abram o manual na p.115, onde faremos a leitura os dois primeiros parágrafos e passaremos às experiências desta página e das duas páginas seguintes. À medida que vamos realizando as experiências serão registadas no manual.</p>	<p>Estudo do Meio</p> <p>-Livro “Gailivro”</p> <p>Lápis</p> <p>Borracha</p> <p>Lápis de cor</p> <p>Copos de plásticos</p> <p>Copo de vidro</p> <p>Prato</p> <p>Vela</p> <p>Isqueiro</p> <p>Conta-gotas</p> <p>Palhinha</p>
23 de maio – quarta-feira				
<p>Inglês 13h15-14h15 Matemática 14h15 -15h30</p>	<p>GM4 - Área – ✓ Unidades de área</p>	<p>Medida Medir áreas</p>	<p>Inglês –Prof. Luís Matemática – Calcular a área pelo método das metades 1. Momento – Hoje, vamos dar</p>	<p>Matemática Livro “O mundo da</p>

<p>Intervalo 15h30-16h00</p>	<p>do sistema métrico;</p>	<p>utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões</p>	<p>continuidade ao método de medidas, ontem trabalhamos o tangram, hoje vamos trabalhar uma outra forma de desenhar formas geométricas com um objeto chamado geoplano, este objeto permite-nos realizar diversas formas de uma maneira interessante.</p> <p>2. Momento- Pedirei aos alunos que abram o manual na p. 126, onde iremos estudar o conteúdo a partir das atividades que são apresentadas. (se tiver geoplano na escola iremos usar)</p>	<p>carochinha” Lápis Borracha Geoplano</p>
<p>Português 16h00-18h15</p>	<p>Compreensão de texto</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Divisão do texto em partes ✓ Leitura e audição ✓ Linguagem figurada; onomatopeia 	<p>Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ler e ouvir textos literários ✓ Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. ✓ Fazer a leitura expressiva de pequenos textos, após preparação da mesma. ✓ Ler poemas em coro ou em pequenos grupos. <p>Educação literária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. ✓ Reconhecer características essenciais do texto poético: estrofe, 	<p>Português – Continuação da obra literária “O rouxinol e a sua namorada”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perguntar aos alunos se conhecem o inseto voador que produz o mel e qual é o seu processo; - Retomar o conto da história com recurso ao avental a partir do poema em que ficamos até ao poema “A abelha”; - Distribuir a cada aluno uma cópia do poema e pedir que façam a leitura individual; - Fazer a leitura expressiva do poema. Pedir à turma que leia o poema em conjunto com voz aguda fraca tentando imitar uma abelha; - Solicitar aos alunos que identifiquem as palavras desconhecidas e exploração das mesmas; - Colocar a questão: imaginem que 	<p>Português Avental e as personagens; Folha com o poema “A abelha e do rouxinol”; Caderno; Canetas e lápis; Quadro; Giz ou marcador. Portátil; Colunas;</p>

	<p>✓ Produção expressiva (oral e escrita)</p> <p>✓ Declamação de poema</p> <p>✓ Texto escrito: narrativas e poema rimado</p> <p>Recorte, colagem, dobragem (educação plástica)</p> <p>✓ Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objetos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações... rasgando, desfiando recortando, amassando, dobrando... procurando formas, cores, texturas, espessuras...</p> <p>✓ Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados diferentes materiais cortados diferentes materiais recortados</p>	<p>verso, rima e sonoridades.</p> <p>Reconhecer as onomatopeias</p>	<p>vocês viviam numa colmeia, como seria o vosso dia lá” e pedir que elaborem um pequeno texto;</p> <p>- Pedir a cada aluno que leia o seu texto à turma;</p> <p>- Colocar no computador a música “canta rouxinol” do filme Cinderela; Cinderela</p> <p>"Oh Canta Rouxinol"</p> <p>Oh canta rouxinol, canta rouxinol oh oh oh</p> <p>Oh canta rouxinol, canta rouxinol</p> <p>Oh canta rouxinol, canta</p> <p>Oh canta rouxinol sim</p> <p>Oh canta rouxinol, canta rouxinol</p> <p>- Questionar aos alunos qual é afinal o melhor amigo da abelha; “O rouxinol”.</p> <p>- Distribuir a cada aluno uma cópia do poema;</p> <p>- Pedir aos alunos que façam uma leitura silenciosa do poema;</p> <p>Ler uma primeira vez o poema cantando com a melodia da música “Ó Rosa arredonda a saia” para que os alunos oiçam;</p> <p>- Pedir aos alunos que leiam o poema em conjunto cantando com a melodia da música “Ó Rosa arredonda a saia”;</p> <p>- Perguntar aos alunos de acordo com poema qual o passatempo preferido rouxinol. Depois pedir que digam qual o seu passatempo preferido;</p> <p>- Solicitar aos alunos que sublinhem no texto o verbo que mais se repete.</p>	
--	---	---	---	--

			<p>Depois de assinalado o verbo “Cantar” conjugá-lo em grande grupo e no quadro o presente do indicativo;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pedir aos alunos para imaginar que o rouxinol queria escrever uma carta à sua namorada. Perguntar o que acham que ele lhe diria e como seria a carta. Registrar no quadro as ideias principais; - Elaborar em grande grupo a carta do rouxinol para a sua namorada a partir das ideias dadas pelos alunos. A carta será escrita no quadro e depois será copiada para o caderno. - Questionar aos alunos de acordo com o poema em que momento é que o rouxinol começa a cantar; - Colocar aos alunos a questão “Mas afinal o sol foge” e perguntar-lhes o que acontece ao sol; - Pedir aos alunos que façam o relato de um dia, desde do momento em que se levantam até ao momento que vão dormir. Redigir no caderno; - Partilhar com a restante turma o seu dia e discutir em grande grupo as semelhanças e diferenças do dia-a-dia de cada um. - Numa tampa de caixa de sapatos, que foi pedida atempadamente, solicitarei aos alunos que utilizando diversos materiais, como: retalhos de cartolina de papel colorido, de tecido, palitos, tintas, canetas de filtro, lápis de cor, lápis de cera, etc. façam uma representação da obra trabalhada 	
--	--	--	---	--

			<p>durante estas duas semanas. Estas produções serão posteriormente expostas na escola em lugar a combinar com a professora cooperante.</p> <p>Atividade âncora</p> <p>Texto: Água! Que sabes sobre mim.</p>	
<p>Avaliação: A avaliação é constante e far-se-á através da observação, participação e desempenho dos alunos em todas as ações que serão realizadas, na sala de aula e nas TIC, etc...</p>				
<p>Observações: Ao final de cada dia de aula deverá fazer-se a auto e heteroavaliação e Caixa de Emoções.</p>				

Referências

Muralha, S. **O rouxinol e a sua namorada**. Porto Editora (2013).

Música do “rouxinol”

<https://www.youtube.com/watch?v=DASjcdyWIYc>

5.2.7. Desenvolvimento e reflexão da 3ª atividade

O Programa e as Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, na sua caracterização definem claramente o que deve ser trabalhado no domínio da Educação Literária.

“Foi feita uma seleção de obras e textos literários para leitura anual válida a nível nacional, garantindo que a escola, a fim de não reproduzir diferenças socioculturais exteriores, assume um currículo mínimo comum de obras literárias de referência. Para o 1º Ciclo, foram, neste domínio, sete títulos por ano de escolaridade. Estas leituras serão ainda complementadas com a promoção da leitura autónoma, para a qual foram indicadas as listagens do Plano Nacional de Leitura (PNL), garantindo a manutenção da escolha pessoal feito pelo aluno, sob orientação do professor bibliotecário” (Ministério da Educação e Ciência, 2015, p. 7).

A terceira atividade selecionada foi trabalhada nas aulas de Português pois, trata-se de uma obra literária que tem como tema “O rouxinol e a sua namorada”. Esta obra foi trabalhada ao longo de cinco aulas, tinha como suporte o livro com este título “O rouxinol e a sua namorada” do autor, Sidónio Muralha e uma outra história elaborada por mim e por mais duas colegas “ A Floresta Orquestra”, tendo ainda um avental sob o qual decorria todo o enredo da história.

Inicialmente projetei na tela a capa do livro, apenas com a ilustração, “O Rouxinol e a sua namorada”, pedi aos alunos que sem qualquer outra informação identificassem os animais que apareciam na capa e procurassem descrever as suas características. Depois solicitei aos alunos que sugerissem um título para o livro, tendo em conta a ilustração. De seguida perguntei qual seria o tema do livro, e à medida que diziam, fui registando no quadro as suas falas e eles, por sua vez, escreviam no caderno. Por fim projetei a capa do livro com toda a informação, o que gerou uma grande “discussão” sobre o que tinham dito e o verdadeiro título do livro.

Na segunda aula dei início à história que se desenrola na “floresta orquestra”, onde o leão chega e não conhece nada nem ninguém e resolve explorar o espaço, bate na primeira porta que encontra e dá de caras com um animal que também não conhecia, que é o burro. O leão descreve como chegou ali e apresenta-se e o burro por vez também se apresenta, mas em forma de poema, quando chegou a este momento foi entregue uma cópia do poema aos alunos que depois de o lerem em silêncio, foi lido em grande grupo, por fim, foi feita a interpretação do poema, quanto ao número de estrofes, analisamos quanto às rimas e algumas palavras desconhecidas dos alunos.

Durante as outras aulas que trabalhamos esta obra, liamos a história a partir do último poema e trabalhávamos os poemas, sempre de forma diversificada. No último dia, como tivemos mais tempo para trabalhar a obra, entraram dois novos animais em cena, que foram a abelha e o rouxinol o “autor” principal de toda a história.

Pedi atempadamente aos alunos que trouxessem uma tampa de caixa de sapatos, onde iriam representar em 3D a obra trabalhada. Foi colocado à disposição dos alunos uma grande variedade de materiais como: tecidos de vários padrões, palitos de dentes e de gelado, lã, palhinhas, rolas de cortiça, papel branco e colorido, retalhos de cartolina e algodão. Desta forma, concretizamos todo o trabalho que culminou numa exposição, que foi colocado na entrada da escola, onde todos os que por ali passavam podiam observar. Os

próprios alunos chamavam os amigos e parentes para virem ver, estavam muito orgulhosos com as suas produções.

Figura 16 - Atividade sobre uma Obra Literária. Fonte: autora



5.2.8. Reflexão final sobre a Prática Pedagógica II no 1º Ciclo, 4º Ano

Inicialmente quando tive conhecimento que iria fazer o estágio no Primeiro Ciclo numa turma de 4º ano, fiquei um pouco “assustada”, ao pensar que os alunos seriam já muito grandes, que os conteúdos teriam uma certa exigência mas, com a ajuda da professora cooperante e a professora coordenadora do estágio consegui realizar essa etapa com uma certa tranquilidade e sucesso.

A relação docente/aluno era muito boa, já os alunos entre eles tinham momentos um pouco perturbados, principalmente nos intervalos quando todos iam para o parque, chegados à sala, alguns deles, queixavam-se dos colegas que tinham-lhes batido, era a hora de apaziguar essas situações conflituosas, lembrando que deviam pedir desculpas e ficar amigos novamente.

Esta reflexão do trabalho pedagógico no decorrer do estágio no ensino básico foi de suma importância para uma maior aprendizagem do ser professor/a. Assim foi-me possível reformular a minha intencionalidade e estratégias dentro da sala de aula e aperfeiçoar a minha prática pedagógica. É no campo que mais aprendemos, é aí que os desafios surgem e é também aí que temos que dar as respostas.

Este trajeto foi marcado por uma procura constante de novas estratégias, para dar respostas assertivas às indagações colocadas, pois o ensino e a aprendizagem desafiam-nos constantemente e os educandos querem saber sempre mais e mais. Compete ao docente

estar disponível e não defraudar as expectativas dos alunos, porque a sua profissão/missão dota-o de uma grande responsabilidade no processo educativo dos educandos, ele deve procurar conhecer cada um deles, para descobrir as suas habilidades e também as dificuldades, só assim poderá ajudá-los na descoberta do conhecimento. O docente é aquele que ajuda e ensina a pensar, que ajuda e ensina a descobrir novos horizontes onde os alunos descubrem as suas competências e com elas constroem o seu saber e o seu futuro, na alegria da certeza de que serão bem-sucedidos.

Durante esta etapa do estágio, não só procurei ensinar como também aprendi bastante, tanto com os alunos, quanto com a professora cooperante, que sempre esteve disponível e numa atitude de ajuda. Tudo isto contribuiu para o meu crescimento a nível pessoal e profissional, adquirindo assim uma postura mais adequada e autoconfiante no papel de professor/a. Esta experiência no campo da sala de aula, deu-me uma maior habilidade nesta arte de ensinar e aprender, consciencializando-me de que o processo ensino/aprendizagem nunca estará concluído, porque vai-se construindo e atualizando permanentemente.

Continuo este caminho com vontade de crescer, de conhecer e de aperfeiçoar as metodologias e estratégias, para mais sabiamente saber ser mediadora do conhecimento e assim mostrar aos educandos o caminho que conduz à descoberta do conhecimento.

Capítulo VI

6. Prática Pedagógica III em contexto de 1.º Ciclo

6.1. Caracterização do meio

O Externato Princesa Dona Maria Amélia também conhecido por Hospício é um estabelecimento de ensino privado, situado na Avenida do Infante, nº 12, freguesia da Sé, concelho do Funchal, cuja oferta formativa inclui a Educação Pré-Escolar e o Primeiro Ciclo do Ensino Básico, numa perspetiva de garantir a sequencialidade das suas crianças e alunos, desde os primeiros passos até o final da escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito à arquitetura do meio é uma zona que tem maioritariamente edifícios habitacionais, mas também algum comércio, tendo na sua proximidade o Parque de Santa Catarina que atrai muitos visitantes, tanto regionais, nacionais e turistas.

É de referir que nesta freguesia da Sé podemos encontrar diversos lugares emblemáticos para serem visitados, ela faz parte do centro da cidade do Funchal, assim sendo, é muito movimentada e procurada por pessoas oriundas de várias direções.

6.1.1. Constituição da turma

A Prática Pedagógica III foi realizada na escola, Externato Princesa Dona Maria Amélia, situada na Avenida Infante nº12, no Concelho do Funchal, pertence à Freguesia da Sé, cuja oferta educativa inclui a Creche, Pré-Escolar e o Primeiro Ciclo do Ensino Básico, com o objetivo de assegurar a continuidade das crianças e alunos, desde os primeiros meses de vida até o final da escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Projeto Educativo da Escola, 2020/2021, p. 07).

Figura 17 - Turma A do 1º Ano. Fonte: autora



6.1.2. Caracterização da turma

A turma A do 1.º ano era constituída por 18 alunos: 12 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. O grande grupo já havia frequentado o Pré-escolar no Externato, nomeadamente, havendo apenas três novos elementos externos.

A maioria dos alunos frequentava as AEC's, até às 18h. Contudo, há um pequeno grupo que frequentava somente as aulas curriculares, saindo da escola após as aulas.

Relativamente à frequência das aulas, os alunos eram normalmente assíduos e pontuais. Na turma havia uma aluna, que beneficiava de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, universais e seletivas, de acordo com o Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho, alterado pela Lei nº116/2019, de 7 de setembro e do Decreto Legislativo Regional n.º 11/2020/M, de 29 de julho.

6.1.3. Caracterização da sala

No que se refere à sala da turma A do 1º Ano, era um espaço relativamente grande, que permitia a circulação dos professores e alunos com uma certa segurança e distanciamento, respeitando as normas recomendadas pela DGS, porque esta Prática III realizou-se já dentro do período de pandemia do coronavírus SARS-CoV-2. A sala estava

organizada com quatro filas de mesas mas, quando os alunos faziam trabalho a pares ou em grupo, estas eram despostas de acordo com a orientação da docente.

Uma das paredes da sala, era uma enorme janela o que permitia grande luminosidade a todo o seu interior. O mobiliário da sala era formado por armários e estantes para guardar os materiais escolares, na parede quadros revestidos de cortiça para a exposição das produções dos alunos e orientações pedagógicas, como as letras maiúsculas e minúsculas, os números e outros, tinha ainda um grande quadro negro de giz para o uso diário do docente.

6.2. A Docência na Prática Pedagógica III

6.2.1. Horário das atividades curriculares da turma do 1º Ano

Tabela 15 - Horário da Turma A 1º Ano PPIII. Fonte: autora

Horas / Dias da Semana	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
09h-10h	Português	Português	EMRC / Português	Expressão Musical Artística	Estudo do Meio
10h00-10h30	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
10h30-11h30	Português	Matemática	Educação Física	Matemática	Português
11h30-12h30	Matemática	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Matemática	Inglês
12h30-14h00	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
14h00/14h30	Matemática	TIC /	Português / Atividades Diversificadas	Português	Expressão Plástica
14h30/15h30	Matemática	Estudo do Meio		Apoio ao Estudo	Apoio ao Estudo

6.3. Projeto de Investigação Ação no Estágio PP III

O trabalho no âmbito da Prática Pedagógica III, teve como objetivo principal apresentar o Projeto de Investigação-Ação, que foi realizado na Escola Externato Princesa Dona Maria Amélia, com Creche, Pré-Escolar e 1º Ciclo. O estágio foi efetivado nomeadamente, na turma A do 1º ano com 18 alunos, sendo 06 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 05 e 06 anos. O estágio foi dividido em duas partes, a primeira foi dedicada à observação participante e a segunda à docência, onde tive a oportunidade de ensinar e aprender.

Na minha perspetiva, as semanas de observação foram muito importantes porque foram momentos de grande aprendizagem, onde tive a possibilidade de aprender com a professora cooperante, o modo como ela distribuía o tempo destinado a cada aula, como orientava a sua prática, quais as estratégias que usava para ministrar as suas aulas e tudo o que envolvia os alunos dentro e fora da sala em horário escolar.

No decorrer dos dias, fui percebendo que uma grande parte dos alunos precisava de aprimorar a escrita e a consciência fonológica, por isso, comecei a formular a minha problemática a ser trabalhada com a turma, com o intuito de aprimorar estas e outras situações similares observadas.

A partir desse momento passei a observar com maior atenção esse aspeto e, em diálogo com a professora cooperante, tomei algumas notas e elaborei a minha questão que consiste no seguinte: *Como é que os alunos do 1º ano aprendem a ler, a desenhar as letras e a desenvolver a consciência fonológica?*

Feito isto e tendo em conta esta problemática, ao planear as minhas atividades procurei implementar algumas estratégias que fossem ao encontro dessa lacuna, com o objetivo de a atenuar. De acordo com a professora titular, estabelecemos no horário da turma, um tempo por semana, para desenvolver atividades diversificadas a fim de melhorar esta problemática.

6.3.1. Enquadramento do problema

A Prática Pedagógica III foi realizada no Externato Princesa Dona Maria Amélia, cuja oferta formativa inclui a Creche, Educação Pré-Escolar e o Primeiro Ciclo do Ensino Básico, numa perspetiva de garantir a sequencialidade das suas crianças e alunos, desde os primeiros passos até o final da escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Projeto Educativo da Escola, 2020/2021, p. 07).

O mundo contemporâneo impõe constantemente novos desafios à educação. Somos levados a refletir como é que escola pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos, no que se refere às competências e valores, que lhes permitam dar uma resposta adequada e competente aos desafios deste novo século, que avança a passos largos na evolução da tecnologia. “É neste contexto que a escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar e capitalizar, tem que se ir repensando para responder às exigências da atualidade” (Projeto Educativo da Escola, 2020/2021, p. 09).

6.3.2. Questão desta Investigação-Ação

A questão problema encontrada centra-se na necessidade de desenvolver a escrita e a consciência fonológica. Passados alguns dias e, com base no que me foi dito pela professora titular, formulei a questão que consiste no seguinte: ***Como é que os alunos do 1º ano aprendem a ler, a desenhar as letras, e a desenvolver a consciência fonológica?***

“A observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto. Contexto é o conjunto de condições que caracterizam o espaço onde decorrem as ações e interações das pessoas que nele vivem” (Esteves, 2008, p. 87).

“A observação centra-se fundamentalmente, na descrição da situação em que se dá o comportamento, pois este é considerado como um resultante da resposta do indivíduo a um conjunto complexo de estímulos” (Estrela, 1994, p. 47).

A consciência fonológica como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar afirma:

“A consciência fonológica refere-se à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros de tamanhos diferenciados, que integram as palavras (sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas). Esta consciência vai-se desenvolvendo, permitindo à criança uma capacidade crescente para a manipulação (identificação, síntese, análise, supressão) de elementos fonológicos cada vez mais pequenos. A consciência fonológica está também relacionada com a aprendizagem da leitura, podendo considerar-se que esta relação é recíproca e interativa, pois tanto a capacidade de análise do oral é importante para o processo de codificação da escrita, como este processo promove o desenvolvimento de níveis de análise fonológica cada vez mais elaborados” (OCEPE, 2016. p. 64).

Podemos afirmar que a consciência da palavra tem por base a capacidade de compreensão da própria palavra, dentro do contexto de uma frase. “Esta tomada de consciência verifica-se quando, por exemplo, a criança isola e identifica quantas palavras constituem uma frase ou compreende que a palavra é diferente do seu referente” (OCEPE, 2016. p. 64).

No primeiro ano de escolaridade, os alunos possuem um fraco vocabulário, as palavras que conhecem são poucas e são aquelas que têm algum significado para elas, não conseguem diferenciar a palavra do seu significado, ou objeto a que se refere. Quando começam a conhecer as letras, então passam a perceber e a diferenciar a emissão verbal da forma escrita. Aos poucos o aluno vai adquirindo a compreensão das regras gramaticais da frase, ao ponto de identificar aquilo que não é coerente, que não faz sentido naquele contexto. Daí a obrigatoriedade do professor do 1º ciclo, assentar bem o alicerce, a sua estrutura gramatical, nesta formação inicial, pois é a base que sustentará o seu estudo no futuro.

6.3.3. Revisão preliminar

Desde o nascimento até a idade adulta, o desenvolvimento mental do ser humano acontece num processo contínuo de construção de estruturas mentais, intelectuais e também físicas, estas poderão ser diversificadas devido ao meio envolvente em que o indivíduo está inserido e com isto a construção do conhecimento, ou das estruturas obviamente que será individualizado.

O desenvolvimento das crianças na faixa etária de cinco e seis anos, a nível físico já conseguem realizar exercícios corporais bastante complexos, a nível intelectual são capazes de atingir um estágio de conhecimento um pouco elevando, no entanto, não é suficiente, pois elas só assimilam as informações que estiverem de acordo com o conjunto de estruturas relativas ao seu nível de pensamento.

As crianças nesta idade, no meu ponto de vista, têm uma certa dificuldade no relacionamento com os colegas, com frequência entram em atrito com os mesmos, criando blocos entre amigos e excluindo alguns, para isso faz-se necessário trabalhar os valores humanos, ensinando-lhes a respeitar pelos outros para que também sejam respeitados.

No que concerne ao conhecimento das palavras, ainda é muito fraco, visto que a criança reconhece algumas palavras através de traços visuais como por exemplo, o “M” referente ao “McDonald’s”, mesmo não conhecendo ainda a letra “M” ao vê-la já faz, o que chamamos de associações, e refere que o “M” é da palavra “McDonald’s”.

Quando o aluno inicia o processo da escrita alfabética, o que se pretende nesta etapa, é que ele seja capaz de reconhecer as letras, e estas dentro de palavras simples, consiga identificá-las e pronunciá-las corretamente.

6.3.4. Composição da turma

A turma A do 1.º ano é constituída por 18 alunos: 12 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. O grande grupo já frequentava o Pré-escolar no Externato, havendo apenas três novos elementos externos.

A maioria dos alunos frequenta as atividades extra curriculares, AEC’s, até às 18h. Contudo, há um pequeno grupo que frequenta somente as aulas curriculares, saindo da escola entre as 15:30h e as 16h.

Relativamente à frequência das aulas, os alunos são normalmente assíduos e pontuais. Na turma tem uma aluna, que beneficia de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, universais e seletivas, de acordo com o Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho, alterado pela Lei nº116/2019, de 7 de setembro e do Decreto Legislativo Regional n.º 11/2020/M, de 29 de julho.

Este grupo de 18 alunos, está subdividido em quatro grupos de classificação: insuficientes, suficientes, bons, muitos bons, estes são indicadores que nos mostram a realidade desta turma, uma turma heterogenia, onde cada aluno faz o seu percurso de aprendizagem de maneira diferenciada, a ritmos diferentes, embora recebam os mesmos ensinamentos em simultâneo.

“O que os professores fazem na sala de aula é sem margem de dúvida, o principal fator extrínseco ao aluno, que determina a sua aprendizagem e o seu sucesso” (Lopes e Silva, 2011, p. VII).

O professor tem de ser capaz, pela sua reflexão constante, de estabelecer uma relação de empatia com os seus educandos. As relações interpessoais são ferramentas determinantes para o sucesso educativo, deve ser por isso, a escola a formar os seus alunos abrangendo todos os campos de formação, cognitiva e social.

Para que o conhecimento seja adquirido, torna-se necessário uma ação de conjunto, que envolve um processo de empenho entre sujeitos. Assim sendo nessa perspetiva, a interação social é condição essencial para que aconteça a aprendizagem. A diversidade do grupo favorece o diálogo, a interação e a informação, alargando naturalmente as capacidades individuais de cada um, facilitando assim a socialização.

“A melhoria das relações entre professores e alunos pode ser um caminho poderoso e menos dispendioso para melhorar o sucesso dos alunos. [...] os alunos com atitudes positivas para com os professores e as escolas têm notas mais altas e melhores resultados em testes padronizados” (Lopes e Silva, 2011, p. 63).

É dentro do espaço escolar que professores e alunos devem criar um ambiente relacional, que facilite a aprendizagem e assegure resultados escolares elevados. São muitas e complexas as situações que enfrentam, podem ser a nível da aprendizagem ou comportamental, seja como for, é da competência do docente, saber discernir, destringir essas questões que fazem parte da sua docência, a fim de ajudar os alunos no seu processo gradativo do conhecimento.

Para que o desenvolvimento e a aprendizagem aconteçam,

“é preciso colocar a criança no centro do processo educativo, ou seja, partir do seu estágio atual de desenvolvimento e apoiar o seu percurso para o estágio seguinte. A criança não é uma mera recetora de informação, é antes o construtor de sua inteligência e do seu conhecimento” (Zabalza, 1998, p. 151).

6.3.5. Entrevista à professora cooperante

Logo nos primeiros dias da minha Prática Pedagógica, interroguei a professora cooperante sobre os problemas, ou o problema que mais a preocupava em relação à turma, com o objetivo de formular a minha questão problema e trabalhá-la durante as semanas de estágio, desenvolvendo o Projeto de Investigação-Ação.

- Qual é a problemática mais complexa que verifica nesta turma com quem trabalha?

- *O que mais me preocupa nesta turma em concreto é: como é que esta turma vai aprender a ler e a escrever, devido à sua fraca consciência fonológica.*

- Perante esta situação já pensou como e o que fazer, para reverter este quadro que retarda o crescimento intelectual dos alunos?

- *Sim, tenho vindo a aplicar algumas estratégias, como esforçar-me por pronunciar bem as palavras nas minhas intervenções mas, certamente podemos implementar outras metodologias para minimizar esta situação.*

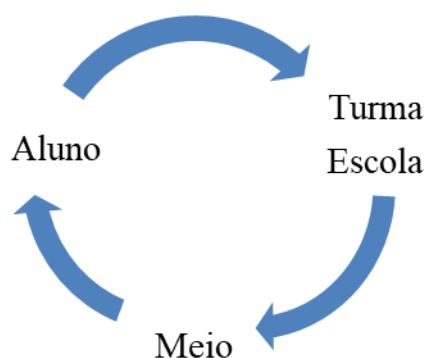
A partir daqui comecei a pensar em estratégias que poderiam ser úteis para dar algumas possíveis respostas à situação apresentada. Sempre em estreita colaboração com a professora cooperante, fomos à procura de soluções para atenuar esta lacuna que prejudicava os aprendentes.

Uma “estratégia implica um plano de ação para conduzir o ensino em direção a objetivos previamente fixados, traduzindo-se esse plano num determinado modo de se servir de métodos e meios para atingir esses resultados. Uma estratégia de ensino corresponde a um conjunto de ações do professor orientadas para alcançar determinados objetivos de aprendizagem que se tem em vista” (Lopes e Silva, 2011, p. 135).

6.3.6. Técnica e instrumentos de recolha de dados

O meu foco incidia sobre a turma em geral, pois a questão incidia sobre toda a turma, a lacuna, talvez vem de trás, o trabalho no Pré-Escolar possivelmente não contemplou todas as dimensões prescritas. Foi a partir daqui que procurei chegar a cada um na sua individualidade, ao aluno enquanto individuo em situação escolar.

Figura 23 - O Aluno no centro. Fonte: autora



O aluno será, pois, o termo de chegada. Inicialmente olhamos para a turma onde o aluno está inserido num processo de ensino-aprendizagem, de convivialidade com o grupo de colegas. Mas este por sua vez também está incluído numa instituição onde interage com um grande grupo de professores, pessoal não docente e alunos de outras turmas e de idades diversificadas. O aluno é influenciado por tudo isto e ainda pelo meio familiar a que pertence. O discente é onde queremos chegar, é a soma de todos estes fatores, que por vezes podem ser benéficos ou prejudiciais.

Foram usados como instrumentos de recolha de dados a observação, notas de campo e a entrevista aberta. A observação é um dos elementos de registro muito usado, para a realização de um bom trabalho, na Investigação-Ação, com ela podemos recolher uma informação mais precisa do objeto de estudo. Quanto às notas de campo, são de grande importância, porque os registos são efetuados no momento que ocorrem as ações e depois irão facilitar a descrição das mesmas. Já a entrevista fornece uma maior e mais completa informação sobre o assunto em estudo, pois é a opinião de uma segunda pessoa, ou mais, que irá enriquecer os dados.

“A Observação permite o conhecimento direto dos fenômenos tal como eles acontecem num determinado contexto. Contexto é o conjunto das condições que caracterizam o espaço onde decorrem as ações e interações das pessoas que nele vivem” (Esteves, 2008, p. 87).

As notas de campo têm como objetivo

“registrar um pedaço da vida que ali ocorre, procurando estabelecer as ligações entre os elementos que interagem neste contexto. As notas de campo incluem ainda, [...] notas interpretativas, interrogações, sentimentos e ideias, impressões que emergem no decorrer da observação ou após as suas primeiras leituras. Através delas, o professor vê, ouve, experiencia e medita (Bogdan e Biklen, 1994) sobre o que acontece à sua volta” (Esteves, 2008, p. 88).

A entrevista é um diálogo intencional e planejado, que implica uma relação entre pessoas, onde são feitas perguntas pelo entrevistador de modo a obter informação necessária da parte do entrevistado. As entrevistas têm como pano de fundo, obter informações pertinentes sobre aquilo que pretende e com isso poder realizar o trabalho pretendido.

6.3.7. Estratégias de intervenção

O termo estratégia de ensino está estreitamente ligado aos meios usados pelos professores para orientarem o seu trabalho dentro da sala de aula, com o intuito de envolver o maior número possíveis de alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A palavra estratégia e o ensino contem uma forte relação, pois, o ato de ensinar requer habilidade por parte do docente, uma vez que este precisa atingir o educando e despertar nele o gosto por aprender. O docente tem como objetivo principal despertar a curiosidade, o compromisso e o interesse do educando para que a aprendizagem do mesmo aconteça.

Os professores do século XXI têm um grande desafio diante de si, desafio ou exigência, estes profissionais têm de ser competentes e inventivos de novas tecnologias de ensino, que promovam a educação em todas as dimensões, quer a nível das ciências, quer a nível dos valores.

Contudo para ensinar é preciso aprender. Para que o professor seja intermediário do ensino é imprescindível que ele próprio aprenda para depois ensinar, ensinar aos alunos a lidar com suas emoções, educando-os para que sejam capazes de controlar as suas angústias, medos e ultrapassarem tudo isto com coragem e determinação, tendo em conta a aprendizagem de novos conceitos e abordagens em sala de aula. Para isso deverá usar estratégias inovadoras, criativas, que despertem nos discentes a alegria de aprender.

6.3.8. Estratégias articuladas

Segundo (Ribeiro e Ribeiro, 1989)

“Os modelos de ensino caracterizam-se por ser uma estratégia docente articulada, assente em princípios teóricos (e não na mera coletânea de métodos e técnicas independentes), resultando em ações do professor e atividades dos alunos, que obedecem a uma certa estrutura e sequência e que no fundo, criam um determinado “clima” ou “ambiente de aprendizagem” (Lopes e Silva, 2011, p. 135).

Uma das formas mais evidentes que o ser humano aprende com maior facilidade, seja o que for, é na interação com os semelhantes, é visualizando o fazer do outro que adquire indubitavelmente o conhecimento. Tendo como base este conceito o professor deverá promover situações problemáticas que desperte o raciocínio do aluno com o objetivo de obter aprendizagens satisfatórias.

Deste modo foram realizadas diversas atividades em que o trabalho em grupo e a cooperação entre pares, foi uma constante ao longo da minha intervenção pedagógica, para dar resposta à questão formulada. Nesta organização de trabalho de grupo foi fundamental, não só por permitir uma leitura de cada elemento dos grupos, mas também pela capacidade de organização e liderança dos mesmos. Além disso, verificou-se um esforço conjunto, com o objetivo de alcançarem os mesmos fins, em que o trabalho de cada um era importante e profícuo. Houve situações em que os grupos passaram por algumas dificuldades mas, que aos poucos foram atenuados, isto é também um fator importante na aprendizagem, colocando os alunos em confronto com as suas próprias emoções e com as dos colegas.

Com a implementação das estratégias podemos concluir que estas tiveram um efeito moderado no desempenho escolar dos alunos, pois, quando as estratégias de ensino são aceites e interiorizadas pelos próprios alunos o seu resultado é visível e positivo. Isto verificou-se algumas vezes quando apresentava uma proposta diferenciada de trabalho, normalmente era aceite por toda a turma, o que facilitava a execução da mesma, e realizavam-na com prazer.

6.3.9. Método de análise de dados

A análise de dados consiste em transformar um conjunto de dados, tendo como objetivo a verificação dos mesmos com maior exatidão, concluindo a sua razão de ser e uma análise racional. A análise de dados, é também o ato de analisar o problema e identificá-lo. Ela possui diferentes aspetos e abordagens, que necessariamente serão precisas diversas técnicas para a sua resolução.

O trabalho realizado na recolha de dados deve ser efetuado com bastante exatidão, pois, dele dependerá as possíveis respostas à pergunta formulada. Esta recolha exige do investigador uma certa habilidade na observação e no registo dos dados, só assim ele poderá chegar a onde pretende.

“Dados são bases de análises, ou seja, materiais brutos que os investigadores recolhem de onde estão estudando [...] Dão fundamentação a escrita [...] Servem para pensar de forma adequada e profunda aquilo que pretende-se investigar [...] Identificam informações importantes dentro do material encontrado durante o processo de investigação [...] Os dados são as provas e as pistas” (Bogdan e Biklen, 1994).

Para a elaboração de uma análise bem fundamentada, faz-se necessário a recolha de dados ao longo da investigação, são eles que irá dar sustentabilidade ao estudo, caso isso não aconteça o investigador terá maiores dificuldades na realização de seu trabalho.

Segundo Pérez Serrano (1998, in Coutinho, 2011), esta perspetiva equivale a “uma investigação com forte carácter instrumental, visando uma tomada de decisões, uma melhoria da praxis, o controlo da implantação de políticas socioeducativas, ou a avaliação dos efeitos de outras já existentes” (p. 28).

6.3.10. Fases do Projeto de Investigação-Ação no 1º Ciclo

A problemática do projeto foi pensada logo nas primeiras semanas de estágio, por isso, o tempo foi suficiente para a implementação de algumas estratégias, que pudessem colaborar na resolução da situação problema, apresentado pela professora cooperante de turma.

A intervenção teve lugar na turma de estágio, pelo que, durante este período, a componente letiva da turma esteve ao cargo da estagiária-investigadora, três dias por semana, as semanas de docência, estando cabalmente envolvida na situação problema.

O projeto passou pelas seguintes fases:

- 1º Identificação e formulação da situação problema;
- 2º Discussão preliminar entre as partes envolvidas: professora cooperante e estagiária;
- 3º Implementação das estratégias.

Durante o tempo de implementação das estratégias, com o objetivo de diminuir a lacuna acima apresentada, foram realizadas algumas ações, que passo a citar:

- a) Histórias;
- b) Ordenar as palavras para formar frases, depois fazer a leitura;
- c) Leitura de palavras soltas e com elas formar frases;
- d) Reconhecimento do padrão ortográfico: al, el, il, ol e ul, dentro das palavras.
- e) Caça à palavra e elaboração de frases a partir da mesma.

Estas foram algumas das atividades utilizadas com o intuito de melhorar a consciência fonológica dos alunos. Para além das mencionadas, em todas as aulas houve sempre a preocupação de expressar-se corretamente, foi exigido também o mesmo aos alunos, assim esta questão foi aos poucos sendo aprimorada, embora haja muito caminho pela frente.

O professor/investigador ao longo do percurso da implementação do projeto, deve recolher informação da sua própria ação ou intervenção, no sentido de avaliar mais tarde a sua prática, e também o desempenho dos alunos em questão, assim poderá retirar proveito da sua investigação-ação e servir de experiência enriquecedora para a sua aprendizagem como profissional da educação.

É de salientar que a investigação no âmbito da temática, que ditou a minha intervenção, passou por três etapas, nas duas primeiras semanas fiz a observação, que serviu para retirar notas do funcionamento do horário escolar com tudo o que ele encerra, depois o diagnóstico do problema que consistiu numa observação mais cuidadosa e atenta ao grupo, em seguida o diálogo com a professora cooperante para diagnosticar a situação e formular a questão, ou seja a frase; por fim veio o grande desafio que era criar estratégias que fossem capazes de reajustar as lacunas encontradas e orientar os alunos para os objetivos pretendidos.

Tabela 2 - Fases do Projeto de Investigação-Ação II

FASES DO PROJETO	TEMPO
Duas semanas de observação	Seis dias
Intervenção / diagnóstico	Três semanas
Intervenção /diagnóstico Reflexão (depois de formular a pergunta)	As restantes semanas

6.4. Reflexão final sobre o Projeto de Investigação-Ação

Depois de implementadas as estratégias com vista à verificação dos processos de melhoria operados na situação em estudo, no trimestre foi notável a satisfação dos alunos em saber ler pequenas palavras e frases simples, isto é gratificante, tanto para eles, quanto para o docente. Ao verificar estes resultados, os alunos foram motivados a continuar a se esforçar, para alcançarem uma maior aprendizagem.

O trabalho em grupo ou a pares é significativo e, tem uma componente enriquecedora, em que o docente, conhecendo bem a sua clientela, divide a turma de modo que os alunos, que aprendem com maior facilidade, possam ajudar os colegas que têm maiores dificuldades em compreender o conteúdo ou em realizar determinada tarefa. Por vezes acontece em contexto de sala de aula, que os alunos considerados mais “fracos” aprendem melhor com a ajuda dos colegas, porque lhes explicam de forma simples.

6.5. Planificação da Prática Pedagógica P III – 1º Ciclo, 1º Ano

Tabela 17 - Planificação do 1º Ciclo PPIII. Fonte: autora

ESCOLA - EXTERNATO PRINCESA DONA MARIA AMÉLIA			
Turma A		1ª Ano de escolaridade	
18 Alunos		Semana 07 e 09 de dezembro	
Domínio e Descritores de Desempenho	Aprendizagens Essenciais /ACPA	Descrição das atividades	Recursos Materiais
PORTUGUÊS		Português (9h00 - 10h00)	
Leitura e Escrita			
<p>Leitura</p> <p>Identificar as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula, em resposta ao nome da letra.</p> <p>Ler palavras isoladas e pequenos textos com articulação correta e prosódia adequada.</p>		<p>- O dia inicia-se com o acolhimento dos alunos no portão da escola, onde é feita a medição da temperatura corporal e a higienização das mãos com álcool gel, os alunos são encaminhados para o parque onde ficam sob a vigilância das assistentes operacionais. Depois a docente leva-os para a sala, onde faz o momento devocional, dando assim início às atividades diárias.</p> <p>- Estabelecer um pequeno diálogo com os alunos sobre o fim-de-semana motivando a partilha de experiências e vivências.</p>	
Oralidade		Português	
<p>Expressão</p> <p>Pedir a palavra e falar na sua vez de forma clara e audível, com uma articulação correta e natural das palavras.</p>		<p>- Iniciar a atividade colocando no quadro o poema do girassol, fazer a leitura uma vez, depois ler verso a verso e pedir que os alunos repitam, por fim chamar a atenção para o que está sublinhado. (Anexo 1)</p> <p>- Relembrar o padrão ortográfico, (al, el, il, ol, ul) que iniciaram na semana passada,</p>	
		<p>Português</p> <p>Livro de Fichas de Português “TOP”</p> <p>Folha A4</p>	

	<p>escrevendo-o no quadro.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pedir aos alunos que digam algumas palavras com o padrão ortográfico. - Solicitar aos alunos que abram o livro de fichas na p. 22 – 23. - Ler o enunciado da atividade, ler as palavras e pedir que rodeiem nas mesmas: al, el, il, ol e ul. - Ler as palavras lentamente e com boa dicção e desafiar os alunos a realizarem o exercício sozinhos. - A docente irá circular pela sala para verificar se estão a realizar corretamente. - Pedir que os alunos repitam as palavras com entoação, para desenvolver a linguagem e também fazerem o reconhecimento da escrita. 	
<p>MATEMÁTICA</p>	<p>Intervalo (10h00 – 10h30)</p>	
<p style="background-color: #FFDAB9; padding: 2px;">Números e Operações</p> <p>Ler e representar números no sistema de numeração decimal até 100 e identificar o valor posicional de um algarismo.</p> <p>Reconhecer e utilizar diferentes representações para o mesmo número e relacioná-las.</p>	<p style="text-align: center;">Matemática (10h30 – 12h30)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convidar os alunos a fazerem silêncio, para ouvirem uma pequena história que irá ajudá-los a conhecer mais um número. - Iniciar a aula de matemática com uma história “A família das joaninhas”. (Anexo 2) - Ler e dialogar com os alunos sobre a história. * Esta história fala-nos de quê? * Onde é que esta família trabalhava, qual era a sua função? * Quando chegava à noite para onde iam? * Onde dormiam as joaninhas? Dormiam todas juntas? * Vamos imaginar que as joaninhas dormiam dez em cada folha, mas havia umas que gostavam de dormir sozinhas, outras em 	<p>Matemática</p> <p>Folhas A4</p> <p>Flor, folhas</p> <p>Joaninhas</p>

pequenos grupos e ainda outras gostavam de dormir todas juntinhas, lembram-se o que nos dizia a história?

* Vou desenhar no quadro o pauzinho (caule) que irá segurar a casinha das joaninhas, é o girassol, aquele que estudamos no poema na aula anterior.

- Dividir a turma em seis grupos com três alunos em cada um.

- Distribuir uma folha (folha do girassol) e 10 joaninhas por grupo.

- Pedir que colem as joaninhas na folha, que tem duas partes, de maneira que elas possam dormir à vontade.

- Dizer aos alunos que podem fazer esta distribuição das joaninhas de seis maneiras diferentes, tentem descobrir. Depois levantem o braço para que eu vá até junto do grupo.

- Chamar um aluno de cada grupo, para que traga a folha e cole-a junto do caule do girassol.

- Escrever ao lado do girassol a quantidade de joaninhas em cada parte da folha, traduzindo para a forma matemática o que acabaram de fazer com as joaninhas, trabalhando assim a decomposição do número. Ex: $(9+1)$

- Solicitar aos ajudantes do dia para que entreguem o caderno aos colegas, onde já está colada uma flor idêntica à que está no quadro. (Anexo 3) Depois os alunos irão copiar as continhas para o seu caderno, em seguida farão pontinhos nas folhas de acordo com a quantidade indicada nas adições, uma vez que não tem espaço para desenharem as dez joaninhas.

	<p>- Chamar à atenção dos alunos para as várias maneiras de formar o número dez.</p> <p>- Solicitar que peguem o saquinho das barrinhas e vão representar as adições que fizeram. Vamos fazer uma de cada vez e desenhar no caderno, lembrando que cada quadradinho representa uma unidade.</p> <p>Por fim irão pintar o girassol.</p> <p>Nota: Em anexo está a flor que será colada no caderno do aluno, o girassol não está em anexo, pois ainda estou a fazê-lo. (Anexo 3)</p> <p>-Atividade âncora: Ao terminar uma tarefa mais cedo que os outros colegas, os alunos devem guardar a atividade que têm em mãos e ir buscar uma atividade que se encontra no ficheiro da sala.</p>	
<p>ESTUDO DO MEIO</p>	<p><i>Almoço (12h30 – 14h00)</i></p>	
<p>Natureza</p>	<p>Estudo do Meio (14h00 – 15h30)</p>	<p>Estudo do Meio</p>
<p>Natureza</p> <p>Identificar os fatores que concorrem para o bem-estar físico e psicológico, individual e coletivo, desenvolvendo rotinas diárias de higiene pessoal, alimentar, do vestuário e dos espaços de uso coletivo.</p> <p>Identificar situações e comportamentos de risco para a saúde e segurança individual e coletiva em diversos contextos – casa, rua, escola e meio aquático</p>	<p>- hoje, já falamos muito de uma flor? Também de uma família, cujo trabalho era proteger as plantas, alguém sabe, me dizer?</p> <p>- Se ninguém disser a docente ajuda a lembrar, foi a família das joaninhas.</p> <p>- Contar uma pequena história da joaninha para falar dos sinais de perigo.</p> <p>O passeio da joaninha.</p> <p>A joaninha foi dar um passeio, e pelo caminho encontrou um frasco com um sinal vermelho que lhe chamou a atenção, nele estava escrito: inflamável, ao ver este sinal a joaninha deixou lá o frasco e foi logo embora.</p> <p>A joaninha continuou o seu passeio, chegou a</p>	<p>Manual de Estudo do Meio “TOP”;</p> <p>Folhas A4</p>

<p>- e propor medidas de proteção adequadas.</p>	<p>um lugar onde encontrou um grande portão e nele estavam dois triângulos amarelos, um tinha uma seta preta em zig-zag, estava escrito: perigo de eletrocussão, outro tinha um sinal que parecia uma ventoinha nesse estava escrito: perigo de radiação, a joaninha a tremer e com muito medo, deu uma volta e foi por outro caminho.</p> <p>Mais à frente viu uma grande plantação muito verde, pensou: aqui irá ter boa comida vou lá saciar a minha fome mas, ao aproximar-se viu um outro sinal, vermelho e com uma caveira, sinal de morte, que dizia: tóxico, a joaninha ficou desiludida, pois, já não podia matar a sua fome.</p> <p>Ao regressar a sua casa, passou perto de um grande armazém, olhou para o muro e lá também tinha um sinal, onde estava escrito: explosivo, a pobre joaninha desatou a correr e quando já estava muito distante sentou-se e descansou um pouco.</p> <p>Por fim e já perto da sua casa ainda viu ou outro sinal que dizia: irritante nocivo, a joaninha pensou, ainda bem que já estou a chegar a casa, pois, já não aguento mais ver sinais de perigo, parece que os sinais me perseguem, amanhã vou mudar o percurso do meu passeio para não encontrar sinais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dialogar com os alunos sobre a história e responder às suas dúvidas. - Explicar cada um dos sinais de perigo, alertando para as suas consequências. <p>Nota: Vou desenhar os sinais em uma folha A4</p>	
--	--	--

	<p>e à medida que for contando a história vou afixando-os no quadro.</p> <p>- Pedir aos alunos que abram o manual na p. 47 para terminar a atividade relacionada com a experiência das cores primárias.</p> <p>-Atividade âncora: Ao terminar uma tarefa mais cedo que os outros colegas, os alunos devem guardar o trabalho e ir buscar uma atividade que se encontra no ficheiro da sala, ou usar o TOP Tablet para treinar o que já aprenderam.</p> <p>Nota: Na segunda parte da manhã, mais precisamente às 10h30 a Profª Jéssica dá apoio a três alunos.</p> <p>- Ao fim de cada dia de aulas é realizada a autoavaliação do comportamento dos alunos, (pintura da bolinha), de cor verde, amarela ou vermelha de acordo com o comportamento.</p>	
--	--	--

Domínio e Descritores de Desempenho	Aprendizagens essenciais /ACPA	Dia 09 de dezembro EMRC (9h00 – 09h 40)	Recursos Materiais
		<p>Esta aula será ministrada pelo Profº Manuel.</p> <p>- Continuar o tema do Nascimento de Jesus na humanidade.</p> <p>- Nos minutos que faltam para o intervalo, vamos aprender uma canção do girassol.</p> <p>Um girassol, florido num jardim/ buscando a luz do sol/ sorriu para</p>	

	<p>mim.</p> <p>Eu também sou/ um pequeno girassol/ procuro a luz de Deus e sou feliz assim.</p> <p>Tenho mil sementes de amor para te dar.</p> <p>Tenho mil sementes de ternura para te dar.</p> <p>Tenho mil sementes de carinho para te dar.</p> <p><i>Intervalo (10h00 – 10h30)</i></p> <p>Educação Física (10h30 – 11h30)</p> <p>Aula orientada pela Prof^a Graça Fonseca</p> <p>Expressão Plástica (11h30 – 12h30)</p> <p>Aula orientada pela Prof^a Graça Vieira.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No momento de expressão plástica será confeccionado o cartão de Natal para os alunos levarem para casa. - Utilizar três corações de tamanhos diferentes para formar uma árvore de Natal, depois de recortados, serão colados num cartão dobrado, dentro terá uma folha A5 dobrada, onde os alunos escreverão uma frase simples de boas festas para a família. (Anexo 4) <p>Ex: Boas Festas e Feliz Ano Novo!</p>	<p>Expressão plástica</p> <p>Cartolina</p> <p>EVA</p> <p>Folhas A4</p> <p>Tesoura</p> <p>Cola</p>
--	---	--

	<i>Almoço (12h30 – 14h00)</i>	
PORTUGUÊS		
Leitura e Escrita	Português (14h00 – 14h30)	Português
<p>Leitura</p> <p>Identificar as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula, em resposta ao nome da letra.</p>	<p>Na parte da tarde, ao regressar à sala, realizaremos uma atividade que irá desenvolver a leitura, a oralidade e a consciência fonológica.</p>	<p>Folhas A3</p> <p>Tiras de papel</p> <p>Patafix (Bostique)</p>
Oralidade		
<p>Expressão</p> <p>Pedir a palavra e falar na sua vez de forma clara e audível, com uma articulação correta e natural das palavras.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Lembrar o poema do girassol destacando o padrão ortográfico que temos vindo a estudar, al, el, il, ol e ul. - Colar no quadro, cinco folhas A3, cada uma com uma sílaba, al, el, il, ol e ul, - Entregar a cada aluno uma palavra, e pedir que façam o reconhecimento das letras que já conhecem, depois a docente irá ler a palavra que cada aluno recebeu. - Chamar um aluno de cada vez à frente, a docente irá ler novamente a palavra, o aluno por sua vez, deverá identificar a sílaba contida na sua palavra e colá-la na folha correspondente. - As palavras serão as seguintes: almoço, palmeira, alface, algodão, relva, anel, túnel, pincel, silva, funil, barril, filmagem, soldado, bolsa, girassol, olfato, pulseira, azul, adulto, pulga. - Por fim, entregarei uma folha pequena aos alunos para que façam o 	

desenho correspondente à palavra que receberam, depois será colado à frente dessa mesma palavra.

-Atividade âncora: Ao terminar uma tarefa mais cedo que os outros colegas, os alunos devem guardar o trabalho e ir buscar uma atividade que se encontra no ficheiro da sala, ou usar o TOP tablet para treinar o que já aprenderam.

- Momento da autoavaliação do comportamento dos alunos, (pintura da bolinha), de acordo com o comportamento de cada um ao longo do dia nos diferentes lugares.

História “A família das joaninhas”



Era uma vez, uma família muito grande de joaninhas. Todos os dias iam muito felizes, todos juntinhos, trabalhar para o campo, guardar as plantações e protegê-las dos insetos maus que as queriam destruir. À noite, voltavam para casa e sentavam-se todas à volta de uma grande mesa para saborear um bom jantar e conversar. Dona Joaninha e o Senhor Juanito, olhavam orgulhosos para os seus filhotes, tão lindos, fortes e grandes trabalhadores. Depois de uma boa conversa, a Dona Joaninha e o Senhor Juanito iam deitar os seus filhotes nas suas belas caminhas de folhas, pois no dia seguinte avizinhava-se outro dia de muito trabalho. Algumas partilhavam a sua folhinha. Outras já eram grandinhas e gostavam de dormir sozinhas. Elas iam sempre em grupinhos, porque gostavam de ir a conversar pelo caminho. É que a casinha era uma grande e linda flor, cheia de folhinhas, e, por isso, ainda haviam folhas que estavam vazias à espera, quem sabe, de mais filhotes. Descubra agora como é que elas se organizavam nas suas caminhas.

6.5.1. Desenvolvimento e reflexão das atividades

Para que o desenvolvimento e a aprendizagem aconteçam,

“é preciso colocar a criança no centro do processo educativo, ou seja, partir do seu estágio atual de desenvolvimento e apoiar o seu percurso para o estágio seguinte. A criança não é uma mera recetora de informação, é antes o construtor de sua inteligência e do seu conhecimento” (Zabalza, 1998, p. 151).

Foi com base nesta afirmação feita pelo autor acima citado, que baseei algumas das atividades realizadas ao longo da minha prática, nomeadamente a atividade escolhida para apresentar nesta reflexão. Esta teve como pressuposto, colocar o aluno no centro do processo educativo, desafiá-lo na construção do seu próprio conhecimento em confronto com o grupo, onde ele é estimulado a desenvolver as suas potencialidades.

A atividade selecionada foi trabalhada na disciplina de matemática, tendo como tema/conteúdo, o numeral dez.

Inicialmente foi contada uma história, “A família das joaninhas”, Seguiu-se um diálogo com os alunos sobre a história, com as seguintes questões:

Esta história fala-nos de quê? Onde é que esta família trabalhava e qual era a sua função? Quando chegava à noite para onde iam? Onde dormiam as joaninhas? Dormiam todas juntas? Vamos imaginar que as joaninhas dormiam dez em cada folha, mas havia umas que gostavam de dormir sozinhas, outras em pequenos grupos, lembrem-se o que nos dizia a história?

Feito isto, a turma foi dividida em seis grupos com três elementos, foi distribuído a cada grupo, uma folha com duas partes (folha do girassol) e 10 joaninhas. Os alunos foram desafiados a colarem as joaninhas de modo a formarem grupos, foi-lhes dito ainda, que poderiam fazê-lo de seis maneiras diferentes. Começaram por colocar distribuir as joaninhas pelas folhas de modo aleatório mas, depois de tantas tentativas, de muita troca de ideias, entre eles e com as professoras, conseguiram alcançar os objetivos propostos para esta atividade que lhes foi proposta, embora uns conseguiram desenvolver a atividade mais rápida do que os outros, como acontece em todos os grupos, mas todos conseguiram chegar ao fim.

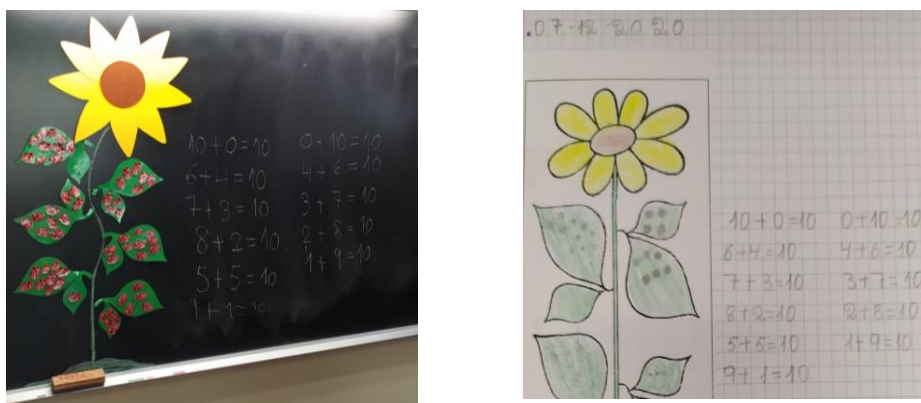
Figura 18 - Atividade de grupo. Fonte: autora



Enquanto os alunos realizavam a atividade, a docente colocou no quadro o girassol e desenhou o caule do mesmo. Depois foi circulando na sala, assim como a professora cooperante, apoiando os grupos, ajudando-os a encontrarem as seis maneiras distintas de decompor o número 10, com as dez joaninhas.

Quando todos já haviam realizado esse exercício, a docente pediu a cada grupo, em particular, que representasse uma das formas da decomposição do numeral dez. Em seguida a docente chamou um aluno de cada grupo, para colar a folha junto ao girassol e escrever ao lado a forma matemática, que os grupos das joaninhas representavam, trabalhando assim a decomposição do número.

Figura 19 - Conclusão da atividade. Fonte: autora



Posteriormente os alunos receberam os cadernos onde já havia sido colada atempadamente a flor, e foram convidados a copiar as continhas para o caderno, depois deveriam desenhar as joaninhas na flor, ou fazer pontinhos representando as mesmas.

Por fim, foi solicitado aos alunos que usassem as barrinhas do material cuisenaire (em cartolina), com elas teriam que representar as adições que haviam transcrito para o quadro, teriam de colocar as barrinhas na ordem crescente e na vertical. A docente lembrou que cada cor das barrinhas representa um número, exemplo: a cor vermelha representa o número 2 e no caderno cada quadradinho representa uma unidade.

No decorrer desta atividade pude constatar o grande interesse com que os alunos realizavam as propostas apresentadas, onde cada um tinha que colaborar com o seu conhecimento para alcançar o produto final.

A turma em questão é formada por um grupo heterogêneo em que a sua aprendizagem acontece em diferentes níveis, o maior desafio sentido por parte do docente, é de elaborar atividades diferenciadas, para atender às dificuldades distintas dos seus alunos e criar momentos de estudo agradáveis.

Sendo o desenvolvimento um processo integral, ele não ocorre de maneira igual para todos, nem de forma mecânica, depende das capacidades intelectuais do aluno ou do meio no qual ele vive.

“O processo de aprendizagem do aluno é individual. Cada um apreende as situações propostas pelo professor com as suas próprias características que provém do seu próprio saber, dos seus hábitos de pensar e de agir” (Postic, 1995, p. 16).

“É neste contexto que a escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar e capitalizar, tem que se ir repensando para responder às exigências da atualidade” (Projeto Educativo da Escola, Externato Princesa Dona Maria Amélia, 2020/2021, p. 09).

O professor juntamente com o corpo docente e a coordenação da escola tem a faculdade de distribuir a carga horária, as diversas disciplinas pelos dias da semana, intercalando com períodos de ação multidisciplinar, de modo ajudar os discentes na sua aprendizagem.

6.6. Reflexão sobre o trabalho realizado em grupo

Uma das características que se tem vindo a falar a um tempo a esta parte e, que se enquadra na metodologia de trabalhos de grupo em sala de aula, baseia-se na capacidade de aprender com autonomia, para que os alunos saibam trabalhar em conjunto e tomar decisões em projetos comuns. Sobre isto, o relatório da UNESCO, em 1996, intitulado “Educação um Tesouro a Descobrir”, afirma que a educação deve possibilitar aos alunos que aprendam a viver em comum para “serem capazes de participar e de cooperar com os outros em todas as atividade humanas” (UNESCO 1996, p. 90). Esta é uma das “quatro vias do saber” que o relatório fundamenta como pilares da educação.

Atualmente com a grande multiplicidade da população escolar, os profissionais de educação são desafiados a criar sempre novas estratégias de ensino, para que a aprendizagem seja diferenciada e proporcione aos educandos um maior conhecimento, do mundo e dos conteúdos que lhes são apresentados ao longo do seu percurso de estudo. São igualmente afrontados a desenvolver uma educação, onde prevaleça a vivência de práticas de respeito mútuo entre os alunos, numa perspectiva de educação para a cidadania e democracia.

A realização de atividades em grupo permitem ao aluno assumir uma postura mais ativa, onde ele não só aprende com maior facilidade como também desenvolve valores sociais, morais, importantes como: a compreensão, o respeito pelo outro, a solidariedade, o saber falar, ouvir e também aceitar o ponto de visto dos outros. Esta estratégia ajudará o aluno na aquisição de habilidades fundamentais que irão contribuir, e muito, na sua vida académica e futuramente na vida profissional.

Todo o trabalho realizado em sala de aula ou no exterior, deve convergir sempre para uma maior aprendizagem, seja ela individual ou grupal, por isso, a ação do docente é ser o mediador do conhecimento e proporcionar aos educandos as mais diversificadas formas de aquisição do saber, que passa necessariamente pela relação social entre todos os componentes, professor/alunos, alunos/professor.

Para um bom desempenho da atividade em grupo, é imprescindível ter em conta as características que definem a aprendizagem cooperativa, não basta juntar três ou quatro alunos e entregar-lhes uma tarefa para realizarem em conjunto para que possamos dizer que se trata de trabalho de grupo. Este modelo de trabalho é chamado de trabalho de grupo tradicional, muito diferente do trabalho de grupo com as

características da aprendizagem cooperativa, onde devem existir princípios e regras estabelecidas no início da atividade e cumpridas escrupulosamente por todos.

No que se refere ao modo da formação dos grupos pode haver diversos critérios para os fazer, podemos agrupar os alunos por idades, género, afinidades, competências, ou ainda tendo em conta as tarefas a desenvolver.

Bennett & Dunne (1992), cit, por Dean (2000), “defendem que grupos heterogéneos, no que respeita ao nível/competência, parecem mais adequados em termos de trabalho cooperativo. Os alunos menos competentes, quando envolvidos em grupos heterogéneos, demonstraram-se mais capazes de desempenhos bem-sucedidos através da cooperação com os pares mais competentes”.

Também, “estudo citados por Dean (2000) mostraram que, quer alunos com sucesso, quer alunos com insucesso, se envolveram positivamente em grupos heterogéneos na competência” (Morgado, 2004, p.77).

Nos grupos compostos de forma homogénea relativamente ao nível, pode acontecer duas situações: os alunos com maiores capacidades trabalham bem e realizam as atividades com sucesso, ao passo que os outros não se envolvem da mesma maneira na realização do trabalho, daí resulta um menor rendimento, por isso, a ideia é formar grupos heterogéneos, assim sendo, formam-se grupos com “alunos bons” e “alunos menos bons”, para que o produto final seja igualmente positivo.

Figura 26 - Trabalho de grupo. Fonte: autora



Um outro aspeto igualmente importante, tem a ver com a quantidade de elementos que formam uma turma e os elementos que deve constituir um grupo de trabalho. Tendo por base a experiência na sala de aula, os grupos não devem ser muito

numerosos, quatro ou cinco elementos, é quanto baste para que o trabalho seja bem-sucedido como nos afirma o autor:

“De modo geral, numa turma deve formar-se no máximo seis grupos, com quatro a cinco elementos por grupo. Para ser coeso e funcional na sua organização, cada grupo não pode ter mais que cinco elementos. Verifica-se na prática, que com um número superior, os grupos tendem a subdividir-se” (Pato, 1997, p. 26).

Outro fator importante nesta dimensão é que, logo na formação do grupo, as tarefas de cada elemento devem ficar bem definidas, o que significa, que cada integrante do grupo deve participar na tarefa comum e exercer uma função específica onde cada um deva assumir e executar. O “trabalho de grupo requer a definição de objetivos e do conteúdo de ação que mobiliza os elementos do grupo, e também as opções no que respeita à dinâmica dos grupos” (Pato, 1997, p. 10).

Nesta perspetiva o professor ao realizar a sua planificação deverá ter em conta, a realização de atividades em pequenos grupos. No que se refere ao papel do professor, este observa e avalia os alunos, as vantagens e desvantagens desta metodologia, os problemas que os educandos manifestam ao trabalhar em conjunto e dá o seu parecer aos grupos naquilo que estão a conseguir fazer, o modo como estão a resolver as situações problemáticas que surgem para poderem progredir no desempenho da atividade. Por fim, o professor analisa a produtividade de cada grupo e dá o feedback a cada um e assegura-lhes se estão indo no bom caminho.

Enquanto os trabalhos são executados o docente junta-se a um e a outro grupo,

“com disponibilidade quase total para esse grupo, o professor pode, relativamente a cada aluno, aperceber-se dos seus saberes e dos obstáculos à aprendizagem; vê como cada aluno age e reage, «ouve» o seu pensamento, contacta com a sua capacidade de argumentação, deteta a sua criatividade, dá-se conta do seu grau de autonomia” (Pato, 1997, p. 11).

Nas atividades em comum o espaço da sala de aula também é forçosamente modificado, para facilitar a formação dos grupos usando as mesmas mesas e cadeiras, colocando-as em posições adequadas. Paralelamente, torna-se pertinente a adoção de saída da sala de aula para o exterior e aí num ambiente diferenciado, descontraído mas, mantendo o mesmo objetivo, realizar o trabalho. Podemos ainda fazer atividade em

grupo mas, agora numa outra perspectiva, promovendo uma visita de estudo para permitir o conhecimento dos lugares que estão a ser ponto de estudo, possibilitando aos alunos um conhecimento mais aprofundado e concreto do meio envolvente.

Segundo Pato (1995), “o trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento”. Através do trabalho de grupo, pode ter-se em “conta os diversos estádios de desenvolvimento cognitivo, e efetivo dos alunos, respeitar ritmos diferenciados de pensamento e de ação, valorizar processos complexos de pensamento e melhorar a aquisição de competências” (Pato, 1997, p. 09).

6.7. Reflexão final sobre a Prática Pedagógica III no 1º Ciclo

A Prática Pedagógica III foi uma experiência única e muito enriquecedora, foi realizada na mesma Instituição da Prática I, por isso, o ambiente já me era familiar o que facilitou a minha inserção no meio da comunidade educativa. Foi numa turma de 1º Ano que realizei o último estágio, a turma que era formada por 18 alunos, sendo 12 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos. Este trabalho foi dividido entre observação e docência, sendo as duas primeiras semanas de observação. Nesse primeiro momento preocupei-me em observar o modo como a professora cooperante orientava a sua prática, como distribuía os conteúdos no tempo letivo, por dias e por semanas e ainda, quais as estratégias que usava para ministrar as suas aulas e tudo o que envolvia os alunos, durante o horário escolar.

Ao contrário dos primeiros estágios, em que sentia uma miscelânea de sentimentos, de insegurança e de medo, medo de não ser capaz de corresponder às propostas pedagógicas que me iriam ser apresentadas para trabalhar com os alunos, neste, pelo contrário, senti uma maior tranquilidade e firmeza naquilo que iria realizar, embora haja muita coisa a aperfeiçoar na minha prática. Um outro aspeto relevante, foi o facto de a escola cedida para o estágio, ser de cariz religioso, isso também contribuiu para que eu me sentisse com maior segurança.

Durante a prática tive a preocupação de trabalhar nas diversas dimensões o Projeto Educativo da Escola, que tinha como tema: “Pequenos artistas, grandes conquistas”, e como sob tema para esse ano, (2020/2021): “Aprender a Sentir”, que visava potenciar o crescimento feliz e saudável das crianças/alunos. Com frequência durante a ação pedagógica era lembrada esta temática, para conscientizar os alunos de que tinham capacidades para desenvolver e chegarem a serem grandes no conhecimento, reconhecerem o mundo que os rodeia e conseqüentemente crescerem felizes e saudáveis.

Disse acima que este estágio foi uma rica experiência, sim, porque tive a oportunidade de ensinar a desenhar pela primeira vez as letras e os números, senti uma satisfação muito grande, pois, quando ensinava uma letra ou número e logo os alunos tentavam fazê-lo isso dava-me muita alegria. Isso é a grande recompensa que o docente recebe quando realiza a sua missão de mediador e transmissor do conhecimento.

Conclusão

Já se passaram alguns anos, nos quais eu almejava concluir esta caminhada acadêmica, foi sendo construída por etapas, contando com longos períodos de pausa para outros afazeres, mas finalmente posso concluir esta fase, embora a aprendizagem, o estudo a pesquisa, essas irão continuar, pois, a sociedade, a história da humanidade está em constante mudança, assim a escola deverá adaptar-se às alterações do momento.

Todo este trajeto foi realizado com base em muita reflexão e interação com os vários grupos de alunos, com os quais tive a oportunidade de aprender e ensinar a utilidade da procura incessante do conhecimento, certa de que a ciência dos vários saberes é, a chave que abrirá a porta do futuro para os que se dedicarem, se esforçarem por adquiri-lo com competência, assim a longo prazo poderão garantir uma aprendizagem de qualidade com sentido, rigor e motivação.

Durante a prática pedagógica procurei estabelecer uma relação de afinidade com os alunos, criar um ambiente de incentivo, de confiança nas aulas, porque acredito que o desenvolvimento dos mesmos virá a acontecer, porque isto faz toda a diferença na sala de aula.

Este curso veio dar resposta ao que à muito almejava, sim, porque desde muito jovem sempre gostei de estar entre as crianças, de interagir com elas, de entrar no seu mundo de fantasia em que elas vivem, principalmente no momento das brincadeiras e o modo como vêm o planeta à sua volta. Sinto-me feliz quando estou no meio delas, gosto de observar as suas descobertas, evoluções e conquistas, sentir a sua alegria e simplicidade isto é gratificante para quem tem esta missão de educar, porque acredito que a transformação da sociedade perpassa através de uma educação de qualidade.

Na prática do Pré-Escolar, no primeiro estágio consegui ter uma noção mais realista do que é ser educadora, pois consiste em passar os conhecimentos baseados nos domínios referenciados nas OCEPE, mas não é somente isso, é conhecer cada criança, perceber as suas capacidades e dificuldades, orientá-las para o conhecimento crítico e construtivo, para a descoberta do mundo que as rodeia.

No primeiro ciclo, este trajeto foi marcado por uma procura constante de novas estratégias, para dar respostas assertivas às indagações colocadas, pois o ensino e a aprendizagem desafiam-nos constantemente e os educandos querem saber sempre mais e mais. Compete ao docente estar disponível e não defraudar as expectativas dos alunos,

porque a sua profissão/missão dota-o de uma grande responsabilidade no processo educativo dos educandos, ele deve procurar conhecer cada um deles, para descobrir as suas habilidades, potencialidades e também as dificuldades, só assim poderá ajudá-los na descoberta do conhecimento. O docente é aquele que ajuda e ensina a pensar, que ajuda e ensina a descobrir novos horizontes, que contribui para que os alunos descubram as suas potencialidades e com elas construam o seu saber, desde modo preparam o seu futuro, na alegre certeza de que serão bem-sucedidos, mas isto só tornará uma realidade quando nós docentes formos criativos, inventivos e criarmos novos desafios para uma educação de excelência.

Durante esta etapa do estágio, não só procurei ensinar como também aprendi bastante, tanto com os alunos, quanto com as professoras cooperantes, que sempre estiveram disponíveis e atentas numa atitude de entreatajuda. Tudo isto contribuiu para o meu crescimento a nível pessoal e profissional, adquirindo assim uma postura mais adequada e autoconfiante no papel de professor/a. Estou ciente das minhas limitações, mas esta experiência no campo da sala de aula, deu-me uma maior habilidade e confiança nesta arte de ensinar e aprender, persuadida de que o processo ensino/aprendizagem nunca estará concluído, ele vai sendo construído e atualizado permanentemente, acompanhando a evolução da educação na sociedade e tecnologia que está em constante mudança.

Continuo este caminho com vontade de crescer, de conhecer e de aperfeiçoar as metodologias e estratégias, para mais sabiamente saber ser mediadora do conhecimento e assim mostrar aos educandos o caminho que conduz à descoberta do saber.

Em educação fala-se muito em formar pessoas autónomas, responsáveis e cidadãos ativos, para isso, torna-se necessário que o atendimento pedagógico chegue a todas as crianças em idade escolar, assim o desenvolvimento e aprendizagem tornar-se-á uma realidade nesta faixa etária. É de grande importância para uma sociedade que suas crianças aprendam desde muito cedo a conviver, como nos diz o (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória) “O aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a ser constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações” (Prefácio 5).

Este relatório caracteriza e ilustra todo o trabalho realizado nesta última etapa da formação académica, que é a 2º ciclo de estudos, baseado nos conhecimentos teóricos e

nas diferentes práticas pedagógicas que foram realizadas ao longo do curso, nas Instituições que me proporcionaram as minhas praxes e os diferentes grupos com os quais trabalhei. Também estão patentes neste trabalho as planificações de algumas atividades feitas no decorrer dos estágios com os três grupos, Pré-Escolar e dois do Primeiro Ciclo.

Por fim encontram-se as referências bibliografias, as referências normativas, e os sites que foram consultados para a realização deste relatório.

*“Feliz aquele que transmite o que sabe
e aprende o que ensina”.*
(Cora Coralina)

Referências

- Alarcão I. (2010). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez Editora, 7ª Edição.
- Arends, R. I., (2008). *Aprender a ensinar*. Editora McGraw-Hill de Portugal, L.da: Sétima Edição
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora
- Cadório. L. & Simão, A. M. *Mudanças nas concepções e prática dos professores*. Lisboa: Edições Vieira da Silva, (2013)
- Coutinho, C., (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Esteves, L. M., (2008) *Visão Panorâmica da Investigação - Ação*. Porto Editora.
- Estrela, A., (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes*, Porto Editora, LDA.
- Gomes, J. A, (2000). *Da Nascente à Voz: contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Lopes, J. e Silva, H. S., (2011). *O Professor Faz a Diferença*, LIDEL – Edições Técnicas, Lda.
- Machado, F. A. Gonçalves M. F. (1999) *Currículo Problemas e Perspetivas* Edições ASA 2ª Edição
- Marques, R.; Roldão M.C. (1999) *Reorganização e Gestão Curricular no Ensino Básico*. Porto Editora, LDA
- Mendonça, M. (1997) *A Educadora de Infância*. Edições Asa.
- Morgado J. (2004). *Qualidade na Educação*. Editorial Presença, Lisboa.
- Nóvoa A. (1995). *Profissão Professor*. In Nóvoa, A. (Org.) Coleção Ciências da Educação. 2ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Oliveira Formosinho, J., Lino, D., e Niza, S. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância - Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora

Pato, M.H. (1997). *Trabalho de Grupo no Ensino Básico: Guia Prático para Professores*, Lisboa Texto Editora.

Post J. e Hohmann M., (2007). *Educação de Bebés em Infantários*. 3ª Edição, Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

Postic, M. *A Relação Pedagógica*. Coimbra: Editora Limitada, (1990).

Postic, M. *Para uma Estratégia Pedagógica do Sucesso Escolar*: Porto Editora, LDA, (1995).

Roldão, M.C. (1999). *Gestão Curricular, Fundamentos e Práticas*, Ministério da Educação Departamento da Educação Básica. Lisboa, Colibri Artes Gráficas.

UNESCO. (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir*- Editora Cortez, São Paulo-SP

Zabalza, M. (1992). *Didática da Educação Infantil*. Rio Tinto Portugal: Edições ASA.

Zabalza M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA.

Zabalza, M. A. (2001) *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola* Porto Editora, ASA

Referências Normativas

Buesc, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., Magalhães, V. F., *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação e Ciência, (2015).

Decreto - Lei - Quadro N° 5/97/1997, de 10 de fevereiro. Diário da República N°34 –I Série – A. Ministério da Educação.

Decreto - Lei N° 54/2018, de 06 de julho. Diário da República n° 129/2018, Série I – Presidência do Conselho de Ministros

Decreto - Lei n° 55/2018 de 6 de julho. Diário da República n° 55/2018, Série I - Presidência do Conselho de Ministros.

Despacho N.º 5908/2017, de 5 de julho. Diário da República N.º 128 – II Série. Gabinete do Secretário de Estado da Educação.

Despacho N° 6478/2017, 26 de julho. *O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção Geral de Educação (DGE).

Diário da República n.º 149/2018, 1º Suplemento, Série I – Educação, Portaria n° 223-A/2018

Manual Para as Escolas MPSP

http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf

Consultado a 02/01/2018

Ministério da Educação, *Organização Curricular e Programas, 1º Ciclo do Ensino Básico*, 4ª Edição.

Projeto Educativo de Escola da Achada (2016/2020).

Projeto Educativo da Escola da Achada (2020/2024).

Projeto Educativo da Escola, Externato Princesa Dona Maria Amélia 2018/2022, “*Pequenos artistas, grandes conquistas*”, 2020/2021, “*Aprender a Sentir*”.

Projeto Curricular de Turma do 4º ano B – *Harmonizar o saber e o ser!* (2017/2018)

Silva, I. L.; Marques, L.; Mata, L. e Rosa, M., (Despacho 9180/2016 de 19 de julho). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).

Webgrafia

Anastasiou e Alves (2006)

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1782-6.pdf>

Consultado a 11/01/2021

Correia, L. M.; (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67966/2/30086.pdf>

Consultado a 30/01/2021

Friedmann, A., (1992) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

Piaget, J. <https://www.webartigos.com/artigos/fases-do-desenvolvimento-infantil-jean-piaget/39993>

Consultado a 29/01/2021

Vygotsky, 1991, file:///C:/Users/Utilizador/Documents/Downloads/Paulo+Freire+e+Vygotsky+-+reflex%c3%95es+sobre+a+educa%c3%87%c3%83o.pdf

Consultado a 05/01/2021

http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/vti_cnf/TESE_Armenio_web/cap3.pdf

Consultado a 20/02/2021

Vygotsky, *Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre Educação*

file:///C:/Users/Utilizador/Documents/Downloads/Paulo+Freire+e+Vygotsky

Consultado a 17/03/2021

https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/9298/1/Relat%C3%B3rioPPSII_CarinaCastro_2016113.pdf

Consultado a 12/04/2021

Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre Educação

file:///C:/Users/Utilizador/Documents/Downloads/Paulo+Freire+e+Vygotsky

Consultado a 20/04/2021

<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/concepcao-do-brincar-e-aprender-na-visao-de-piaget>.

Consultado a 25/04/2021

[Externato - Fundação Princesa Dona Maria Amélia \(fundacao-princesaamelia.pt\)](http://www.fundacao-princesaamelia.pt)

Consultado a 21/05/2021

https://anped.org.br/default/files/gt_13-1661-int

Consultado a 23/05/2021

